

nordestinos, 19 anos, conhecido como Rubão, ambos coordenadores do grupo e membros de outro grupo de *rap* chamado *Rap Comando*. Havia alguns garotos próximos que também cumprimentei. Em poucos minutos, re-expliquei a natureza da pesquisa, disse que não se tratava de uma “filmagem”, como alguns esperavam, mas que eu havia trazido uma câmera fotográfica e que poderíamos tirar algumas fotos ao final da entrevista.

Na escola, estavam ocorrendo algumas atividades ligadas a artesanato. O portão ficava aberto para que houvesse o acesso da comunidade ao evento. Liba estava esperando a presença de alguém da direção da escola para obter a autorização para ocupar uma das salas, pois a escola estava em meio a preparativos para uma atividade comunitária chamada Festa da Família. Após a chegada da coordenadora, imaginei que eu deveria me apresentar, mas ela nem sequer se deu ao trabalho de perguntar quem eu era ou o que eu estava fazendo ali, nas imediações da escola, com um grupo de jovens adolescentes<sup>41</sup>. Por fim, obtivemos uma chave para abrir uma das salas disponíveis. Além disso, a escola também cedeu um aparelho de som para os jovens ensaiarem uma apresentação que ocorreria na festa no domingo próximo.

Entramos todos na sala e providenciamos um círculo com as cadeiras, para a realização do grupo de discussão, enquanto isso, outros jovens chegavam, ainda sem entender muito bem o que ocorreria ali naquela “quebra de rotina”. Liba, assumindo sua posição de liderança, solicitou que todos se sentassem e se apresentassem, eu fui o último a fazê-lo. Aproveitei a oportunidade para falar a todos de minhas intenções enquanto pesquisador. O grupo de treze pessoas era majoritariamente masculino, mas, no grupo, também havia uma garota chamada Amanda (Af), de 19 anos. Posteriormente, chegou outra garota, chamada Bruna (Bf), uma garota branca e *punk-rocker*<sup>42</sup>, que frequentava as

---

<sup>41</sup> De fato, em nenhuma das escolas em que estive presente, me foi solicitada qualquer identificação por parte dos funcionários ou mesmo da equipe pedagógica.

<sup>42</sup> O estilo *punk-rocker* caracteriza-se pelas calças justas, ‘skinny’, com botas militares e roupas de cor preta com estampas com mensagens de protesto ou de bandas. Bruna estava usando um par de tênis Adidas, o que já induz a uma outra variação estilística, uma redefinição. O estilo *punk* em Brasília atrai mais jovens brancos das classes médias.

oficinas, mas não pertencia à família<sup>43</sup>. Ela, moradora do Plano Piloto, era estudante no curso de Artes Plásticas da Universidade de Brasília (UnB) e desenvolvia um trabalho em umas das ramificações do projeto Escola Aberta. Durante o diálogo com o grupo, Bruna usou dessa distinção social para não responder às perguntas, ou simplesmente para se posicionar como “analista externa” ou “*outsider*” das respostas dos outros jovens. Além de Amanda, havia outra garota pertencente ao grupo, Carla (Cf), namorada de Liba, mas ela não esteve presente durante a entrevista.

Em relação às características desse grupo, ele foi o mais numeroso com que já trabalhei, aproximadamente 13 pessoas, e a maioria tinha menos de 18 anos. Havia alguns meninos, de dez a doze anos aproximadamente, que estavam ali apenas como observadores, como amigos dos membros oficiais do grupo *Rap Comando*.

Apesar das respostas terem sido mais “curtas” em algumas situações, a discussão foi adquirindo força na medida em que todos foram adquirindo confiança na atividade desenvolvida. A princípio, Liba aparentou um certo nervosismo ao tentar manter a centralidade das respostas. Ele procurou por diversas vezes limitar a resposta em uma única frase e, em seguida, solicitar que eu apresentasse a pergunta seguinte de modo que os demais ficavam sem se pronunciar. Em outros momentos, Liba apontava para alguém solicitando sua consideração sobre a pergunta. Normalmente as respostas eram apresentadas sequencialmente, no sentido horário. Isso se alterou nas mudanças de foco, quando alguns quebravam a sequência tacitamente estabelecida e passavam a apresentar suas falas.

Apesar de terem sido contados treze participantes no grupo *Rap Comando*, apenas sete integrantes responderam ao questionário. Os demais alegaram ser simplesmente amigos do grupo. A estudante da UnB alegou estar ali simplesmente para desenvolver uma oficina e, portanto, não gostaria de responder ao questionário.

---

<sup>43</sup> O termo família é utilizado de forma a se identificar o grupo. Por exemplo, Família *Rap Comando*. Em outros contextos também se utiliza o termo posse para representar a organização de um ou de vários grupos de jovens dentro do *hip-hop*.



### *Descrição dos participantes dos grupos de discussão Rap Comando*

Liba (AM) líder do grupo, compõe as letras e organiza as apresentações, tem 20 anos, reside em Ceilândia, tem um filho, 5 irmãos, vive com os pais, está fora da Escola, é oficinairo de *rap*, possui ensino fundamental incompleto. Pai: mineiro, ensino fundamental incompleto, serralheiro. Mãe: mineira, ensino fundamental incompleto, empregada doméstica, cozinheira em restaurante.

Bruna (Bf) observadora do grupo, tem aproximadamente entre 20 e 25 anos, mora no Plano Piloto, se identificou como estudante de Artes Plásticas da Universidade de Brasília, e, apesar de ter participado do grupo de discussão, não pertencia ao grupo *Rap Comando*. Ela apenas ministra oficinas para jovens como um trabalho relacionado à ONG brasiliense Resistência Negra. Além disso, ela se recusou a preencher o questionário de identificação dos jovens.

Bruno (Bm) cantor, tem 16 anos, reside em Ceilândia, não tem filhos, três irmãs, nasceu Pernambuco (PE), vive com os pais, está fora da escola e desempregado, seu lazer preferido é *hip-hop* e bailes, faz parte de outro grupo há quatro meses. Conheceu o grupo na vizinhança, encontram-se nos sábados e domingos em casa. Mãe: ensino fundamental incompleto, doméstica, pernambucana; Pai: ensino fundamental incompleto, carpinteiro, pernambucano.

Carla (Cf) cantora tem 19 anos, mora em Ceilândia com os pais, tem dois irmãos, freqüenta a escola, cursa o ensino fundamental, desempregada. Participa de um grupo de dança – *street dance* – há 3 anos, está no *Rap Comando* há 3 meses, encontram-se duas vezes por semana (sábados e domingos) na escola. Conheceu o grupo na escola. Mãe: ensino fundamental incompleto, doméstica. Pai: ensino fundamental incompleto, pedreiro.

Carlos (Cm) cantor e compositor, tem 19 anos, nasceu em Ceilândia, não tem filhos, possui 3 irmãos, vive em Ceilândia com os pais, está na escola, cursa o ensino médio, está desempregado. Aprecia aulas de *rap*, *street ball*, está no grupo há 6 meses, se encontra com o grupo duas vezes por semana, na escola. Conheceu o grupo na vizinhança, através de amigos. Mãe: ensino fundamental incompleto, dona de casa, cearense. Pai: ensino fundamental incompleto, aposentado, cearense.

Manu (Mm) cantor, tem 17 anos, mora em Ceilândia, é solteiro, não tem filhos, tem uma irmã (Af), católico, brasileiro, mora com os pais, possui ensino fundamental incompleto, está desempregado. Pai: goiano, ensino fundamental incompleto. Mãe: goiana, ensino fundamental incompleto.

Amanda (Af) cantora e dançarina de street dance (*b-girl*), tem 15 anos, mora em Ceilândia com os pais, é solteira, não tem filhos, tem um irmão (Fm), é católica, brasileira, possui ensino fundamental incompleto, está desempregada e deseja cursar artes cênicas ou medicina veterinária. Participa de outro grupo de dança – street dance – há 3 anos, está no *Rap* Comando há 3 meses. Encontram-se duas vezes por semana na escola. Conheceu o grupo na escola. Pratica capoeira. Pai: goiano, ensino fundamental incompleto. Mãe: mineira, ensino fundamental incompleto, camareira.

Galego (Gm) cantor e compositor tem 15 anos, mora em Ceilândia há 3 anos, é solteiro, não tem filhos, tem um irmão, é católico, gamense, possui ensino fundamental incompleto, deseja ser bombeiro militar. Gosta de futebol e cantar *rap*, reúne-se duas vezes por semana (Sab-dom) na escola, conheceu o grupo através do professor. Pai: tocaninense, ensino fundamental incompleto, pedreiro. Mãe: tocaninense, ensino fundamental incompleto, empregada doméstica.

Rubão (Rm) cantor e disc jokey, além de lidera o grupo junto com Liba, tem 23 anos, é branco, católico, vive em Ceilândia com seus pais. É solteiro, não tem filhos, possui 2 irmãs. Rubão possui ensino médio completo e trabalha como pedreiro. Seu lazer preferido é cantar *rap*. Está no grupo há um ano, se encontra com este nos fins de semana, na casa de Liba. Conheceu-o numa oficina de *rap* na escola no projeto Juventude Negra. Tanto seu pai, como sua mãe possuem o ensino fundamental incompleto.

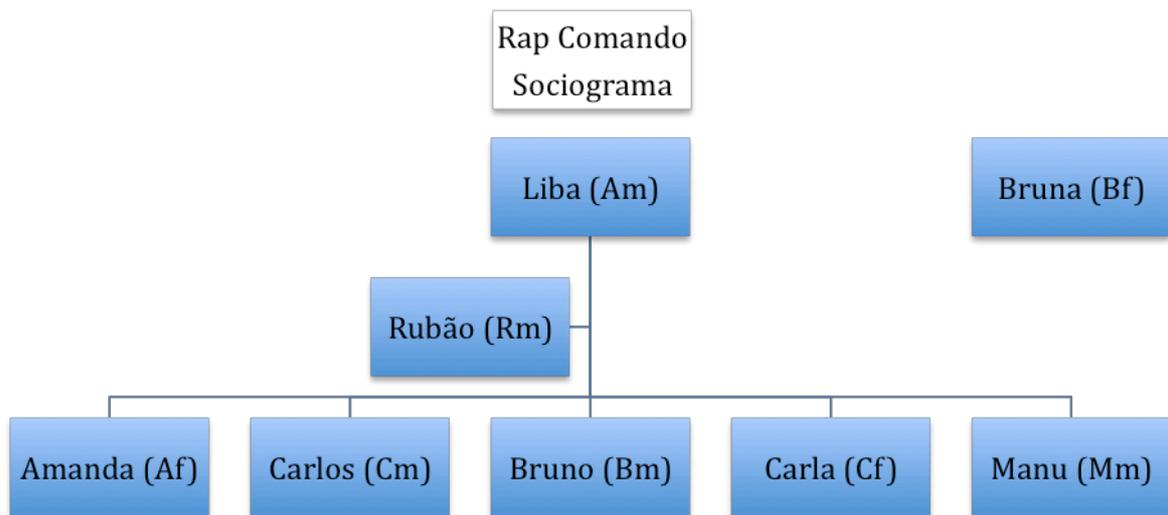


Figura 9 Sociograma do grupo *Rap Comando*

#### Formação do Grupo *Rap Comando*: envolvimento com estilo e o movimento *hip-hop*

Y lança uma pergunta ao grupo sobre sua formação, ou seja, como os integrantes o compuseram. Os jovens mencionam que o grupo foi criado há seis meses, a partir de um trabalho social mantido por uma ONG local, chamada Resistência Negra. Os jovens, ao entrarem em contato com a ONG, apresentaram interesse em desenvolver um trabalho em torno dos elementos do *hip-hop*, mais especificamente em torno do *rap*. Eles definem a formação desse grupo, como menciona Liba (Am), como a realização de um “sonho”, o grupo deveria ser como um “comando militar” com seu propósito transformador, daí o nome *Rap Comando*.

Am: O *Rap Comando* foi montado há seis meses, tudo começou assim, eu trabalho com o projeto social né, aí eu ganhei uma bolsa pra dar aulas de *rap*, ou o que seja, aí eu escolhi o *rap*, dar aula de *rap* eu sempre tive vontade, eu sempre tive um sonho de montar um verdadeiro exército que você tá vendo aqui. O exército não só eles que você tá vendo aqui, mas são os alunos que entram na aula, não é um grupo, é o verdadeiro *Rap Comando*, é isso aí.

Y lança uma pergunta sobre o sentido de *hip-hop* para o grupo. Os jovens passam a apresentar sua versão para a formação do *hip-hop*, definem a idéia dos quatro elementos que são: DJ, o grafite, *break* e o MC. O grupo discute o que para ele representa um equívoco quanto à compreensão do *hip-hop* e do *rap*. O primeiro seria a conjunção de diversos elementos estéticos, mas que atualmente é confundido como *rap* norte-americano. O *rap* teria ficado restrito ao sentido do que é cantado em português, ou seja, o “*rap* nacional”. Eles mencionam uma história em que um *rapper* norte-americano que teria vindo ao Brasil considerou o “*rap* nacional” como o *rap* mais autêntico, “verdadeiro”, devido ao seu apelo político de denúncia das desigualdades sociais.

Cm: O *rap* faz parte do *hip-hop*, mas tem muita gente que chama o *rap* gringo de *hip-hop*. A própria música americana.

Am: Tem muita gente que gosta de diferenciar o *rap* gringo do *rap* nacional. Teve um *rapper* gringo que chegou em São Paulo pra cantar e falou que hoje “eu conheci o verdadeiro *rap*, o *rap* brasileiro. Esse que é o verdadeiro *rap* pra mim”.

Cm: *Rap* e *hip-hop* são duas coisas diferentes que não têm nada a ver.

Y lança uma pergunta sobre como é o cotidiano no setor onde o grupo vive. O grupo está comprometido com a busca de seus objetivos, “correndo atrás”. Suas falas argumentam no sentido da configuração de um grupo que compartilha das mesmas experiências geracionais. Há aqueles que sofrem, mas o grupo tenta agir como uma família. Os jovens comentam que se algum integrante no grupo está “feliz”, todos se sentem “felizes” e, por outro lado, se alguém está “triste”, todos também sentirão “tristeza”. Para eles, independentemente das dificuldades, eles se mantêm unidos. Essa orientação que conduz o comportamento coletivo do grupo define um sentido mais abrangente para o *rap*, considerado por Liba como “resistência”. O sentido da resistência para o grupo é descrito a partir da potencialidade de mobilização que o *rap* propicia aos jovens como meio de expressão do que eles vêem.

Uma das razões para a mobilização do grupo está em se buscar estratégias para enfrentar a violência com a qual eles convivem na região em que moram. Essa violência, segundo eles, pode se manifestar de diversas formas, pode estar relacionada ao fato de serem negros ou não terem estudado, aspectos que explicariam situações de humilhação.

- Y: Como é o dia-a-dia aqui na QNZ?
- Am: O dia-a-dia aqui na QNZ é como todos os outros dias, todo mundo correndo atrás. Tem uns que sofrem, os sofredores, e a gente somos uma família. Um tenta ajudar o outro. Se você tá feliz, eu tô feliz com você, se você tá triste, eu tô triste com você e assim por diante.
- Gm: Não importa a dificuldade, mas a gente tá junto.
- Bm: *Rap* é resistência.
- Cm: Também através do *rap* a gente tenta dizer tudo o que a gente vê que a agente convive, a violência que a gente sofre às vezes por ser negro ou não ser bem estudado. Tem pessoa que que aproveita que a gente não tem estudos técnicos pra humilhar a gente. Na verdade pra gente que tá tentando fazer algo verdadeiro. A gente tá aqui lutando, buscando apoio. Eu tenho o meu grupo, mas eu tô aqui também ajudando o *Rap* Comando e ao mesmo tempo eu tenho ajudado todo mundo. (( )) A gente tá tentando mobilizar todo mundo aqui na periferia, pra ter mais gente no *rap*. Quanto mais gente tiver no *rap* melhor ainda vai ser pra gente.

Para o grupo que compartilha da mesma situação de classe e experiência geográfica, o *rap* é um meio para arregimentar outros jovens para uma mobilização na periferia para a construção de algo autêntico, definido por eles como “verdadeiro”. O *rap* é instrumento que permite ao grupo avaliar as condições sob as quais estão submetidos e que tipo de agenciamento pode estabelecer no sentido de enfrentamento dessas condições. Os jovens narram em suas letras situações que envolvem a pobreza e a violência que os atinge na região onde vivem. Portanto, o *rap* é definido simultaneamente como diagnóstico, projeto e o próprio sentido da existência do grupo. Em grupo os jovens estabelecem suas estratégias, a partir da subjetividade e da dimensão lúdica que o *rap* lhes oferece como meio de inserção no espaço público e concorrencial. Isso implica agir enquanto jovens empreendedores, participar de *shows* em espaços públicos, além de tentar buscar algum patrocínio para a produção de um CD ou vídeo do grupo. O *Rap* Comando é estruturado por alguns jovens que, inclusive, advêm de outros grupos que estão engajados na formação de um coletivo maior, o “Comando”, que usa o *rap* para demonstrar o que há de negativo e positivo no contexto existencial do grupo e de sua comunidade local.

Y lança uma pergunta sobre o relacionamento do grupo com seus pais. Liba quer saber se a pergunta é sobre a relação antes ou depois do envolvimento dos membros do grupo com o *hip-hop*. Y responde que os dois momentos são importantes. Diante disso, o grupo informa que, de modo geral, o relacionamento familiar não é afetado por seu envolvimento com o *rap*, contudo, os jovens admitem que houve inicialmente uma certa resistência e até mesmo uma interpretação negativa dessa escolha com relação ao estilo *hip-hop*. Os pais dos jovens associavam o estilo *hip-hop* a um comportamento típico de

bandidos, “coisa de bandido”. Para eles, quem cantava *rap* era bandido. Os jovens argumentam que, de fato, cada um tem seu estilo, “ninguém é parecido com ninguém”, e independentemente do estilo, seja “farró” ou “pagode”, qualquer um pode ser bandido. Os jovens associam estilo à crença religiosa, ao mencionar que deve-se ter dúvida até mesmo da igreja.

Am: [Graças a Deus, graças a Deus, meu relacionamento é ótimo com a minha família (1) no começo: tinha aquela né, meus pais olhavam *rap* como ((coisa)) de bandido, Quem cantava *rap* era bandido. Não tanto no *rap* quanto no pagode e no farró, seja lá qual for o estilo qualquer um pode ser bandido, até na igreja você tem que ter dúvida. Ninguém é parecido com ninguém, cada um tem seu estilo. No começo rapaz, eu nem queria cantar *rap*, eu subia no palco e queria cantar que nem o Michael Jackson, quebrava geral e só queria saber de agarrar as mulheres, sério. A partir de hoje (( )) eu comecei a entender o que que é *rap*, agora eu canto *rap* desde de 1994. Eu comecei a entender o que que era *rap* agora, agora eu posso virar pra você e falar “agora eu sei fazer *rap*” porque *rap* não é só subir no palco e falar que canta não. *Rap* é você correr atrás. *Rap* é você fazer uma parceria com os outros, montar um projeto com os meninos entendeu, *rap* não é subir no palco não, quem começou a cantar, quem lançou o *rap* no Brasil o *rap* é correr atrás, não é não, Rubão?

O grupo redefine *rap* como uma forma de engajamento, alguns jovens consideram que só compreenderam o *rap* muito recentemente, eles consideram que no passado a única intenção era de promover entretenimento, de “dançar como o Michael Jackson”. O hedonismo era o elemento norteador do *habitus* juvenil do grupo. O que importava era o flerte e a paquera com as garotas. Por outro lado, o grupo busca outras referências para sua conduta social. O envolvimento com o *rap* ultrapassa o sentido do mero entretenimento ou a performance no palco. A estrutura de *habitus* do grupo é definida pela seu comportamento político voltado para a elaboração de estratégias de enfrentamento da pobreza urbana dentro de uma lógica comunitária definida pelos jovens como “correr atrás”.

Os jovens, de um modo geral, relatam que suas famílias, apesar de manifestarem certa desconfiança em relação ao estilo escolhido por seus filhos, também depositam confiança e apoio a seu esforço para se tornarem cantores de *rap*. Carlos (Cm) menciona que sua família nunca o discriminou alegando que *rap* seria coisa de malandro. Ele admite que quando iniciou a cantar se sentiu “emocionado” pela aceitação de sua família em

relação a sua escolha. Sua família lhe disse que se esse era seu desejo, ele deveria ir em busca de sua realização, além disso, todos queriam acompanhar cada detalhe de sua produção, como letras e apresentações públicas. Ele alega que o esforço para a mobilização dos jovens através do *rap*, chamado de “luta”, está voltado para o bem-estar deles mesmos e, além disso, é um indicativo de que a associação à malandragem não se sustenta, “coisa de malandro, isso não existe não”.

Segundo os jovens, há uma discussão entre eles e suas famílias sobre o envolvimento com a música e eventual possibilidade de inserção num circuito profissional do grupo de rap. Em relação a isso, alguns pais criticam a escolha de seus filhos sobre a remota possibilidade de sucesso profissional pela escolha de se trabalhar com o *rap* comercialmente, devido ao fato de o mesmo não obter a mesma visibilidade no mercado como outros ritmos musicais produzidos por jovens da classe trabalhadora, como o pagode. Contudo, os jovens contestam tais assertivas, alegando que gradualmente estão adquirindo notoriedade na região onde vivem, em meio a juventude, através dos trabalhos sociais realizados através do *rap*, definido pela expressão “pessoal chega na rua, pega na (nossa) mão e comprimenta”.

Para os jovens do *Rap Comando*, apesar de não haver um reconhecimento na forma de capital econômico pelas apresentações que realizam em locais públicos, como escolas, há por outro lado o reconhecimento local de outros jovens que se identificam com a música do grupo. Isso, por sua vez, gera um prestígio social que mantém os vínculos de sociabilidade do grupo em função do estilo *hip-hop*.

Diante dessa discussão, o grupo recorda-se de uma ocasião em que uma vizinha chamou a polícia para acabar com uma festa que os jovens estavam realizando em uma casa. Eles ficaram apreensivos, entretanto, comentam que os policiais ficaram a seu favor e que a festa poderia seguir em frente, ao menos até o horário permitido, 10 horas da noite. Quanto à mulher autora da denúncia, ela poderia reclamar o quanto quisesse, pois a polícia não faria qualquer intervenção até aquele horário. Esse comportamento da polícia foi interpretado como um indicativo de que as coisas haviam mudado no tratamento que costumava ser destinado a eles. Essa mudança no tratamento da polícia é definida por Rubão como um aumento da aceitação porque o *rap* tem se popularizado, “chegando com tudo”.

- Rm: Meu pai falava que *rap* não dava resultado porque era algo que não estava na mídia como pagode. Mas depois que a gente insistiu o pessoal passou a nos conhecer e quando chega na rua, chega, pega a mão e cumprimenta.
- Am: Teve um tempo que chamaram foi a polícia pra gente, barraram mesmo. Sabe que o PM falou? ((que nada até 10 horas ((da noite)) ela pode ficar reclamando à vontade passou ela (( uma vizinha descontente com o barulho da festa)) pode chamar a gente. Qué sabe a coisa hoje mudou totalmente.
- Rm: hoje em dia tá mais aceito. Por que o *rap* também tá chegando com tudo.

Em relação a um reconhecimento positivo do grupo envolvido com *hip-hop*, não há um consenso absoluto dentro do próprio grupo. De fato, uma das metáforas de foco do grupo continuou a girar em torno da associação dos jovens com o estilo *hip-hop*. O próprio grupo reconhece que a aceitação da família em relação a sua escolha ocorre a partir de uma interpretação diferente do estilo, eles “vêm de um modo diferente”, porque “pegaram outro horizonte”.

- Rm: Na maioria das vezes, os pais incentivam muito. Eles veem de um modo diferente, mas por causa das roupas folgadas e tudo mais aí eles pegam o horizonte de que os caras é bandido e tudo mais. Antigamente os malandros usavam roupa folgada, mas graças a Deus meus pais nunca me criticaram por andar com as pessoas que curte *rap* e tudo mais, mas tem sempre aquela desconfiança, será que eles vai fazê isso ou aquilo, eles sempre perguntam entendeu? Graças a Deus meus pais sempre apoiaram.

O estilo *hip-hop*, compreendido no seu *habitus* corporal, com a forma de se vestir e gesticular, é um dos aspectos que geram uma rejeição por parte dos pais em relação à escolha dos filhos. As roupas folgadas, segundo o grupo, antigamente eram utilizadas por malandros e seriam, portanto, a principal razão para o preconceito. Além disso, apesar da concessão dos pais em relação ao envolvimento dos filhos em grupo de *rap*, permanece uma relação de desconfiança no que se refere às possíveis ações dos jovens, base para questionamentos constantes de suas atitudes.

Sobre a construção da imagem do grupo construída e apresentada aos seus pais, os jovens argumentam, em primeiro lugar, que é importante se “passar uma boa impressão”. Dessa forma, um jovem pode conviver com outros que fazem coisas consideradas erradas. O que importa é demonstrar que apesar das companhias, o jovem não se envolve em tais “coisas erradas”, portanto, “passar uma boa imagem ajuda”.

Cm: A coisa anda também, se você passa uma boa impressão pra eles, que pode ter, você pode até andá (.) com os cara que faz coisa errada e tudo, mas se você mostra pra eles que você andando mas não tá fazendo (.) com certeza eles vão te apoiar. Que nem lá em casa ((meu pai)) já ajuda, nunca discriminou. Eu penso assim né? Se você passa uma boa imagem, ajuda.

Em contraposição a esse discurso da criação da “boa imagem”, o grupo afirma que alguém não pode simplesmente fazer o que quiser, “fazer o que ele faz”. Argumenta-se em favor de uma ética do trabalho, em que o jovem deve também estudar e produzir economicamente. O grupo desmistifica a idéia de um sucesso fácil como cantor de *rap*. Segundo ele, muita gente inicia uma nova atividade e abandona outras ainda em curso, pois muitos acham equivocadamente que o *rap* seja uma atividade rentável, mas isso não corresponde à verdade. Desta forma, deve-se encontrar o *rap* através do trabalho. Um trabalho à parte será responsável pelo financiamento da produção musical no *rap*, como, por exemplo, um videoclipe.

Rm: O cara não pode parar de fazer o que ele faz, tem que trabalhar, estudar, entendeu? Porque muita gente começa fazer uma coisa e larga as outras entendeu? O cara para de estudar, de trabalhar só pra ficar no *rap* entendeu? Por achar que o *rap* dá dinheiro. ((Ele)) tem que encontrar o *rap* com seu trabalho, com suas coisas. Fazer com que ele possa sustentar o *rap*, porque o *rap* você quer fazer uma música, um clipe, você tem que pagar né?

Alguns membros do grupo aproveitam para se orgulhar de sua trajetória, pelo seu envolvimento com o *rap* que lhe provém o sustento. Liba ainda afirma que aquele que souber *rap* bem ganha dinheiro. Ele diz que está vivendo bem, mas que inicialmente é necessário algum investimento.

Am: Hoje eu posso dizer valeu a pena olhar prá trás e dizer valeu a pena, porque vivo de *rap*. O *rap*, ele dá dinheiro pra quem sabe fazer *rap*. Graças a Deus eu tô vivendo bem, *rap* dá dinheiro dá, mas no começo você vai ter que gastar.

De fato, no grupo *Rap Comando* há a estruturação de uma ética do trabalho, que tenta combinar aspectos de uma responsabilidade social de “lutar pela periferia”, com uma

postura empreendedora no sentido de viabilizar a produção do *rap*, que passa inevitavelmente por aspectos econômicos, “gravar um cd”.

Numa tentativa de reflexão sobre a dinâmica de reconhecimento e projeção social, o grupo considera que o *rap* tem dificuldade de inserção no mercado fonográfico devido ao seu apelo crítico contra os problemas sociais do mundo capitalista. Portanto, aqueles músicos que não cantam *rap* com essas temáticas seriam mais bem sucedidos. A partir de uma perspectiva de assumir essa posição num campo competitivo da produção artística, aliada à busca de uma autoimagem positiva, o grupo considera que *rap* não se restringe a “dizer palavrão”.

Bm: Tentar influenciar os máximo as pessoas de dizer que o *rap* não é xingar aquilo, xingar palavrão,. ((*Rap*)) é mesmo poesia, é um protesto da periferia, às vezes o *rap* não vai pra mídia por causa disso, porque luta contra o capitalismo, fala muito sobre a desigualdade social e aí vai. O Marcelo D2 que fala coisas legais, o Gabriel Pensador que é pop que muitas vezes não fala o que é protesto mesmo igual Racionais.

Durante a discussão, os jovens falaram sobre sua relação com o trabalho. Muitos no grupo não trabalham, mas eventualmente se envolvem em atividades informais com vistas a contribuir com o pagamento das despesas domésticas.

Em relação a isso, a situação de Manu ganha destaque. Ele alega que está desempregado e trabalha só quando surge uma oportunidade de emprego temporário. Ele afirma que sua família está em grandes dificuldades. Seu pai, em função do alcoolismo, já não trabalha há sete anos, portanto, todas as despesas em relação à família recaem sobre sua mãe. O jovem afirma que vai em busca de trabalhos eventuais para ajudar nos pagamentos das despesas. Manu ainda menciona uma experiência em que iniciou uma atividade numa fábrica de confecções de uniformes de policiais, que tinha que lidar com produtos químicos. Segundo ele, não foi possível aguentar trabalhar de pé todo o dia aspirando substâncias químicas, como cola e solventes. Manu continua procurando emprego. Diante do seu depoimento, Liba como uma liderança dentro do grupo aproveita para retomar a concepção de “sonho” dentro do grupo. Ele enfatiza o desejo de todos ali em trabalhar com o *rap* e o grafite e que, após o curso de formação, no qual estão inseridos, todos vão receber um diploma e serão readmitidos dentro do projeto mantido

pela Juventude Negra. Ele promete ainda que todos sairão no final do curso num vídeo postado no *You Tube*<sup>44</sup>.

De fato, o sentido de realização do “sonho” está voltado para uma ética do trabalho em que os jovens do grupo agem como empreendedores, ou seja, agem objetivamente no sentido de elaboração de uma apresentação que desperte interesse de outros jovens em se envolver com o trabalho da ONG na qual o grupo está associado ou em difundir sua produção musical.

Para os jovens do *Rap* Comando, receber um “diploma” e ter a possibilidade de ser “readmitido” no projeto de uma ONG implica uma profissionalização com vistas a uma inserção num mercado de bens simbólicos de músicas, videoclipes e *shows*. A promessa de Liba em relação a produzir um vídeo para ser postado numa comunidade virtual, como o *You Tube*, significa dentre outras coisas a consolidação do grupo num espaço em que diversos outros grupos buscam o reconhecimento profissional, e além disso, implica inserir o grupo numa escala de luta pelo reconhecimento mais amplo, o global.

Portanto, o estilo *hip-hop* assumido pelo grupo e recriado a partir de suas múltiplas interações nos espaços de sociabilidade do grupo envolve elementos de organização estética política, que dialoga com a luta concorrencial do mercado.

Apesar da formação e consolidação do grupo perpassar diversas dinâmicas de socialização dos jovens por intermédio das relações vicinais, na escola ou áreas de lazer correlatas os jovens mencionam que os primeiros contatos com o *rap* enquanto um estilo musical ocorreu em casa por influência dos pais, tios ou irmãos mais velhos, algo que causa grande satisfação nos jovens do grupo. Bianca diz que não tem intrigas com seu irmão, pois ambos fazem a mesma coisa em termos de envolvimento com o *rap*. Bruno por sua vez reconhece que há uma relação de “passado e geração” em relação a seu tio, que escutava *rap* quando ele era criança, algo que, segundo ele, o influenciou, “até hoje eu curto”; por sua vez, ele influencia seu irmão mais novo, que gosta de *rap*, assim como sua mãe, “passando direto de geração a geração”, “Mó massa”. Carlos argumenta que passou a ouvir *rap* por influência de seu pai, que atualmente o apoia e acompanha seu trabalho como músico. Ele admira seu pai gostar de *rap*, “massa”. Galego admite que há momentos

---

<sup>44</sup> *You Tube* é um sítio de internet que oferece uma ferramenta que permite a seus usuários inserirem imagens e criar fóruns de discussão sobre o material exposto. Vide: [www.Youtube.com](http://www.Youtube.com)

em que briga com seus irmãos, mas que em geral tudo acaba bem, “sem muita treta”. Seus irmãos gostam de *rap* e sua irmã gosta de *rock*, informação que despertou o riso dos outros presentes. Em relação ao relacionamento com os mais velhos, em geral, o grupo considera importante o respeito mútuo em relação às escolhas de cada um.

## 7.2 Grupos Revolução MCs e Resistência Periférica: estilo de vida e configuração urbana

Grupo Revolução MCs – *Mudar de atitude sem mudar o jeito*: orientações coletivas da amizade e o *rap* como formas de resgate

No mês de junho de 2006, dediquei-me a fazer contato com diversos grupos. Nesse caso, o grupo foi encontrado por intermédio de um produtor musical de Ceilândia. Personalidade marcante dentro do *rap* em Brasília, Ruanda me sugeriu que eu contatasse o grupo Revolução MCs do Setor QNY de Ceilândia, liderado por Amaro. Ruanda o definiu como “a pessoa com mais revolta de que já havia conhecido”, mas que seria uma boa entrevistá-lo, pois ele tinha boas idéias, seria uma pessoa ativa no movimento em termos musicais. De fato essa foi a minha primeira entrevista com jovens durante o trabalho de campo, também foi a primeira utilizando um gravador digital.

Ao chegar à QNY numa quarta-feira à tarde, notei um silêncio típico de cidade do interior, poucos carros, algumas pessoas andando pelas ruas, praticamente todas pavimentadas. Ambiente quase bucólico e o imaginário de violência naturalizado por muitos criava um tom ambíguo referente ao apelido do setor, chamado de “Fazendinha”, em alusão à favela carioca Rocinha ou ao clima interiorano. De fato, tratava-se da última parte da cidade, a mais distante dos recursos que uma cidade costuma oferecer, salvo pela presença de um posto de saúde e uma escola de ensino fundamental.

A entrevista foi marcada na casa de Amaro (Am). Tínhamos marcado a entrevista para as 3 horas da tarde, cheguei no horário e fui recebido por Blink (Bm) que, logo no início, foi muito simpático e atencioso. Era uma casa simples, construída nos fundos do terreno, no quintal havia árvores, tais como, mangueiras, espadas de São Jorge, ervas medicinais e alguns arbustos. Na casa estavam suas irmãs e, logo em seguida, chegou sua mãe.

Eu necessitava de pilhas para meu gravador, daí Blink resolveu me levar ao supermercado local, oportunidade em que aproveitamos para conversar um pouco. Ele tinha a pele clara e um semblante meio abatido, mas era só aparência, pois ele demonstrava atenção a tudo o que eu lhe dizia. Ele aproveitou para perguntar sobre a pesquisa e quem eu era. Eu lhe expliquei sobre o financiamento da bolsa que me permitia a dedicação exclusiva aos estudos e ao trabalho de pesquisa. Blink chegou a me fazer elogios, “vejo que você é inteligente”. Blink também considerou que até a sétima série costumava tirar boas notas, contudo, logo em seguida, ponderou, ao explicar sua apatia e afastamento do mundo da escola: “É, depois que eu levei um tiro no ombro, tive que me afastar dos estudos; eu não conseguia escrever. Isso foi muito difícil”. Em seguida, ele muda de assunto, apontando a direção do caminho que deveríamos percorrer até o comércio local. A princípio fiquei estarecido, mas procurei não insistir no assunto, pois tínhamos o momento da entrevista, o qual poderia ser oportuno para retomar a questão. De fato, mais tarde surgiram as condições para um maior detalhamento do incidente que, ao que parece, foi decisivo para o afastamento de Blink da escola e da Fazendinha, pois ele já estava vivendo há um ano em outra parte de Ceilândia, segundo ele “pra ver quando alguém vai sentir saudade”. Ele estava buscando se esconder de outro jovem com o qual teve uma desavença que culminou numa tentativa de homicídio contra sua vida.

Ao retornarmos à casa de Amaro, fomos para seu quarto, lá havia toda uma decoração com cartazes de eventos do *hip-hop*, um aparelho de som, CDs espalhados e roupas espalhadas pelo chão. Blink se sentou na cama de casal e eu fiquei numa cadeira ao lado, pouco depois, chega um outro rapaz, o Conde (Cm), que não participa do grupo como cantor, mas é considerado pelos seus amigos como um “irmão”. Novamente sou questionado quanto aos meus objetivos, enquanto aguardávamos a chegada de Amaro, que leva ainda uma meia hora para chegar.

Finalmente, quando iniciamos as perguntas, passamos por vários aspectos, desde a inibição inicial, passando pelo entusiasmo, até um certo cansaço após uma hora e vinte minutos de discussão.

Logo após o grupo de discussão, Amaro me mostrou uma cópia do seu CD. Era uma foto de dois jovens, meio de perfil, um deles esguio e numa posição mais baixa, que logo reconheci como sendo o Blink, o segundo era diferente. Ele usava uma touca que cobria todo o cabelo, o olhar era cerrado, a expressão tensa. Em relação a descrição do rosto, os lábios eram volumosos, o queixo não era do tipo proeminente e a pele era escura, portanto, tratava-se de uma foto de um estereótipo, de uma personagem masculina negra. Daí eu perguntei ao grupo de quem se tratava naquele retrato. Imediatamente, Blink solta uma risada e diz categoricamente que aquela foto era de Amaro. Então eu disse que havia alguma diferença, porque Amaro era cearense e branco, de baixa estatura, além disso, seus lábios eram finos e tinha o queixo mais exposto, portanto, seus traços fenotípicos não correspondiam ao da imagem. Blink continuou a rir e disse que Amaro queria ser “negão”, por isso pediu para alterarem sua foto. Amaro sorri meio sem jeito e desconversa, “Eu queria fazer uma pose cabulosa”.

Um fato curioso foi a posição de Amaro quanto a seu pai, para ele, “esse cara tava por fora, não tinha e nem queria ter conhecimento”. Ao que parece, seu pai nunca teve participação em sua vida. Mais tarde quando falamos de polícia, Amaro foi crítico quanto à legitimidade e à violência praticada por essa instituição. Ao final da entrevista, quando terminamos, Blink revelou nos bastidores que o pai de Amaro era policial militar no Ceará. Eles tiveram um encontro no passado, mas segundo o próprio Amaro nunca se entenderam.

### *Descrição do Grupo Revolução MCs*

Amaro (Am) tem 19 anos, é branco, reside em Ceilândia, não tem filhos, uma irmã, está namorando, nasceu no Ceará (CE), mas vive no Distrito Federal há 6 anos, com a mãe e o padrasto. Está cursando o ensino médio, está desempregado, mas pretende se tornar um músico profissional cantando *rap* e/ou sendo DJ, seu lazer preferido é escutar *rap* e tomar

cerveja. Participa de atividades de conscientização nas periferias, está no grupo há 5 anos. Conheceu o grupo na escola, encontra-se diariamente com os integrantes do grupo em casa. Estado de origem de sua mãe: Ceará, ensino fundamental incompleto, faxineira.

Blink (Bm) tem 17 anos, é branco, mora em Ceilândia com os pais, não tem filhos, 4 irmãos, solteiro, paraibano, vive em Brasília há 17 anos, possui fundamental incompleto e está fora da escola, trabalha como camelô, gostaria de se tornar um produtor musical de *rap*, seu lazer preferido é frequentar bailes de *rap/hip-hop*. Participa de uma associação que visa mostrar a realidade do nosso cotidiano, está no grupo há quatro ou cinco anos, costuma se encontrar com este diariamente, na rua ou em casa. Conheceu o grupo na vizinhança, foi o fundador do grupo. Seus pais são da Paraíba (PB) e possuem o ensino fundamental incompleto, sua mãe é cozinheira e seu pai trabalha com manutenção.

Conde (Cm) tem 20 anos, é negro. Devido a problemas pessoais, Conde evadiu-se antes do término da entrevista e não respondeu ao questionário.

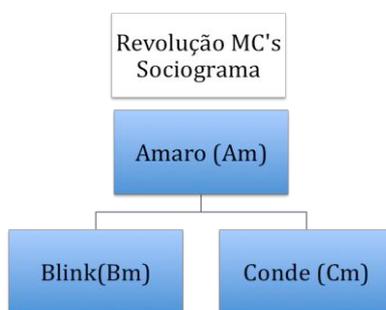


Figura 10 Sociograma do grupo Revolução MCs

## *Formação do Grupo Revolução MCs*

Inicialmente é apresentada uma pergunta sobre a formação do grupo. Amaro (Am) diz que o grupo surgiu em 2002 e que originariamente compunha letras que, de fato, estavam relacionadas a questões levianas definidas como “besteiras”. Para o grupo, o mais importante era cultivar laços de identificação, de amizade a partir de um estilo relacionado ao *hip-hop*. O grupo de amigos é diversas vezes reconfigurado, pessoas entram e saem a partir do encontro entre os jovens. Após a entrada de Blink (Bm), o grupo define um nome que os identificasse, que já tinha passado por várias tentativas, como “Faca” e “Fala Intimidatória”, e finalmente decide pelo nome Revolução MCs.

Y: [Vocês têm um grupo né, e, como que vocês resolveram criar um grupo de *rap*? Essa seria a primeira pergunta.

Am: [É diz aí, quem fala tu ou eu? (.) A princípio que hoje a gente não fala, o grupo surgiu em junho de 2002 né, mas começou com eu escrevendo umas besteiras assim, começou a gente, a gente levava pro social, mas a formação que foi a gente já tinha como amizade, o Stink, outros integrantes também que hoje não faz parte e, de imediato a gente não tinha recurso pra gravar como muitos grupos não têm hoje, e:::, aí apareceu o Blink e a primeira formação não veio com nome Revolução MC, veio com outros diversos nomes.

As diversas mudanças do nome do grupo expressam as mudanças de atitudes e a busca de um sistema de referência em comum para seus participantes. Essa falta de consenso ou identificação em termos de gosto e conduta é definida pela ausência de um “posicionamento” do grupo sobre o que se desejava “defender”. Portanto, inicialmente as “emoções” conduziam seu trabalho até que com o passar do tempo se descobriu o “compromisso”, ou seja, o conjunto de atitudes que permitiriam ao grupo se sobressair enquanto tal, a partir de seus objetivos e práticas. Parte dos aspectos que norteavam a definição do grupo estava relacionada ao interesse do mesmo em se apresentar, motivação essa que levou seus membros a se depararem com as dificuldades típicas de um grupo musical, como a de gravar um CD.

Am: [É , mas é porque a gente não tinha estrutura firmada, a gente não sabia o que tava defendendo, é, por muitas vezes a gente levava mesmo só pela emoção e, que que com o passar do tempo que vei chegar o compromisso, e isso aconteceu certas coisas pra levar a gente até o nome rebelde como a gente reconhecia que os outros nomes não representava o que a gente queria pregar, hoje, como hoje vocês têm como ponto de vista como Nelson Mandela, Zumbi, Malcon Ex, então, são pessoas que há poucos anos a gente vei conhecer, a gente vei dá valor, isso é o que representa hoje o Revolução MC, é. Rebeldes não é só dentro de casa, com os pais, com a vizinha, nem o vandalismo na rua, a gente prega revolução, revolução através das palavras, palavras pra nós são armas, isso que é terrorismo da informação, é isso aí.

A mudança do nome do grupo refletia, de fato, a mudança de seu comportamento no sentido de assumir um compromisso em relação ao grupo. Os outros nomes não refletiam aquilo que o grupo queria difundir, “pregar”. O grupo para definir seu sentido de consciência e compromisso cita algumas personalidades negras, como Nelson Mandela, Zumbi dos Palmares e Malcom X. Todos esses nomes foram gradualmente conhecidos e valorizados, o grupo os valoriza e os cita, “passa a dar valor”. O sentido de revolução enquanto premissa para o compromisso do grupo não ocorre no âmbito da relação com a família, ou na vizinhança, tampouco isso está associado ao vandalismo. Para o mesmo, a revolução ocorre através das palavras. Para o grupo, “palavras são como armas” que podem ser usadas num “terrorismo da informação”.

Ao serem questionados sobre como o grupo se identifica com a cultura *hip-hop*, o mesmo passa a descrever o sentido do *hip-hop* a partir de suas diferentes modalidades, “os quatro elementos” (grafite, *break*, *rap*, DJ). Contudo, para além da descrição formal, o grupo define o *rap* como “sua vida”, para isso Blink comenta que “vai até o final” cantando *rap* ou atuando como DJ. Neste contexto, faz-se uma diferença entre o *hip-hop* e o *rap*. O estilo atua como um elemento constitutivo na visão de mundo do grupo, que orienta suas ações. Para isso, Amaro enfatiza a diferença entre o *hip-hop* e o *rap*. Para o grupo há uma identificação com o *rap* que vai além da roupa ou da música. É a partir do *rap* que se estabelecem outras vinculações dentro do *hip-hop*.

Am: [É bicho, é o seguinte, o *rap* se enquadra nos quatros elementos do *hip-hop*, já eu o que eu prego é o seguinte o *rap* faz parte do *hip-hop*, mas eu represento mais o *rap* do que o *hip-hop*, porque eu me identifico não só com a roupa, não só com a música, com *rap*, eu me identifico com tudo, tudo mesmo, porque o *rap* vem como

forma de resgate, o *rap* entra como uma forma de missão, a gente passa a ser inteligente, aprende a conversar, prestar é, como é que se fala, confia mais na autoestima, é isso o *rap*, o *hip-hop* é uma coisa, o *rap* é mais que o *hip-hop*, porque o *rap* cabe no *hip-hop* e é o que se expande mais entendeu? É os quatro elementos é a dança, tudo e o *hip-hop* em geral já é um resgate (2) Falando do *hip-hop* a palavra é resgate, porque é, a gente tem amor pelo que faz, você todo dia tem amor pelaquilo, você dança, você tem prazer, você canta, é prazer demais, pra gente é liberdade.

Bm: [Aí né uns já jogava bola ali. Uns começou com essa onda aí.

Am: [O *rap*, o *rap* veio, é na fase que gente brincava, uns jogava pipa, o outro gostava de jogar bola, então o *rap* pegou a gente muito novo, tanto é que a gente veio, é. Eu tenho seis anos que moro aqui em Brasília, tem gente que mora aqui a vida toda, o *rap* pra nós agora que vai fazer uns quatro anos que a gente tá no *rap*, claro que quando você está no *rap* e isso pra gente é como se fosse uma eternidade, uma eternidade de dedicação e amor ao movimento.

O *rap* é definido como algo que vem como uma “forma de resgate”, ou mesmo uma “missão”. O *rap* motiva o aumento da inteligência, amplia a capacidade de comunicação, de “conversar” e proporciona uma maior autoestima. Para o grupo, o *rap*, apesar de ser um elemento do *hip-hop*, acaba por encobri-lo, o que também representa um resgate a partir dos seus outros elementos. Isso implica que toda experiência do grupo em relação ao *hip-hop* se dá quase única e exclusivamente pela perspectiva do *rap*. Resgate significa restabelecer o amor como parte integrante da vida. Isso é materializado nas práticas sociais como a dança, a música, que seriam meios expressivos da liberdade.

Mais adiante, discutiu-se sobre o encontro dos jovens que possibilitou a criação do grupo e como isso estava relacionado à vida cotidiana na QNY. Ali os jovens compartilhavam outras atividades de lazer para além daquilo que se poderia considerar restrito ao *hip-hop*. Amaro em resposta menciona que conheceu seus amigos jogando bola à noite ou soltando pipa na região onde moram. Desde muito cedo, eles passaram a se interessar pelo *rap*, alguns passaram a fazer parte do grupo posteriormente depois de virem ao Distrito Federal como imigrantes nordestinos e, logo em seguida, se juntaram ao grupo. O grupo afirma que já está junto há quatro anos, esse tempo de convivência foi fundamental para a formação desse sentido de “missão” e “resgate” enquanto estrutura de suas ações a partir do estilo *hip-hop*. Esse tempo é definido como algo perene, duradouro,

como comenta Amaro, “pra gente é como se fosse uma eternidade de dedicação ao movimento”.

O sentido de “missão” ou mesmo “resgate” apresentado pelo grupo ganha dinamismo a partir do sentido atribuído à “revolução”. Para se interpretar isso dentro de suas orientações coletivas, recorre-se à idealização de um passado no qual o grupo estava envolvido com o uso de drogas e álcool, esse comportamento é visto como ter a “cabeça desorganizada”. Amaro conta que quando era menino conseguia recursos de modo obscuro para continuar a se drogar. Após algum tempo, promoveu uma mudança de comportamento a partir da conversão à religião evangélica, definida como uma “revolução” em sua vida, em sua trajetória. Ele reconhece que houve uma perda parcial de sua vida durante o tempo da regeneração. Cita o abandono da escola pelo alcoolismo, aos 17 anos. Suas experiências anteriores ficaram no passado. Entretanto, a conversão religiosa gerou preconceito por parte de outras pessoas. Para elas, a conversão interfere na configuração do estilo *rapper*, mas para o grupo “a igreja muda suas atitudes, mas não muda o seu jeito de ser”. Esta possibilidade criada pelo grupo entre ser e fazer é a base para seu sentido de revolução.

Am: [A cabeça não estava organizada, é tipo, no tempo era só um grupo de menino, era tudo da mesma idade, aí falava não, vamos comprar um negócio ali pra nós, e tal, ninguém trabalhava, ninguém tinha dinheiro e do nada aparecia dinheiro, e entrava no meio desse mato aí e usava droga e voltava de novo. Aí tipo depois que aconteceu essa revolução na minha vida e tudo mudou totalmente, eu não encarei aquilo como uma trajetória de vida, eu encarei como se nada tivesse acontecendo. Tipo, foram coisas assim quando eu fui pra igreja que eu vi, e eu falei pô, perdi uma parte da minha vida que, mais aquilo lá já foi passado já era, bola pra frente, não mudei com nenhuma das pessoas que eu conheço até hoje, igual o Stink, o Antônio, o menino da quebrada é o, como é o nome dele é o. Porque muitos acham que eu mudei, que eu estou através da Bíblia, os outros joga na sua cabeça pra você mudar sua religião. Você tem uma religião?

Y : [Tenho.

Am: [Igual chegaram em mim e, porque você está na igreja e não sei o que e tal, se você é do mesmo jeito que você é, e você tem que mudar é seu jeito de ser, é seus atos, se você aprontar você tem que deixar aquilo tudo pra trás, igual eu, que bebia, fumava, usava droga e deixei aquilo tudo pra trás, você tem que mudar nos seus atos e não no seu jeito de ser, modo de viver, você vai mudar, se eu falava com você, eu não vou mais falar com você porque eu virei evangélico. Táí uma coisa que eu do meu ponto de vista acho totalmente fraco. Eu virei evangélico, mudei de atitude, meu jeito de ser continua o mesmo.

Am: [De vez em quando fica nas broncas ainda. Ó aí, Deus é nosso guia, aqui na terra são os amigos que a gente se apega, se eu tô com problema eu passo pro Stink, se ele tá com problema ele passa pra mim, e nos dois juntos vai e passa pro Daniel, o Daniel vai e passa as idéias e desse jeito vai um se ajudando aqui.

Amaro menciona Deus como um guia no campo metafísico. Contudo, segundo o grupo, Deus está vinculado às pessoas, é nelas que ele encontra seu próprio reflexo. A partir da interrelação com outras pessoas e grupos que uma pessoa reconhece e encontra o sentido de “Deus”, ao fazer parte de uma coletividade. Dito de outra forma, o indivíduo abstrai o sentido de sociedade na medida de sua interação conscientemente voltada para aspectos individuais, mas que indiretamente estabelecem um sentido, uma configuração da vida social. A amizade constituída dentro de uma estrutura geracional cria uma cadeia de interações que dá o puro sentido para “o estar junto” na companhia de amigos. A religiosidade, para além de sua metafísica, é um forte elemento norteador da vida coletiva, assim como permite a reelaboração do estilo *hip-hop*.

*Pra quem sabe chegar e pra quem sabe sair: construção de uma ética urbana dos humildes*

A vida na QNY é abordada como referência para a formação do grupo. Y lança uma pergunta sobre como é o dia-a-dia no setor QNY. Blink diz que é “tranquilo”, mas é completado por Amaro, que diz que há eventualmente problemas no bairro, definidos por eles como “desacertos”. Ele exemplifica que eventualmente há festas e que se pode ouvir sons de disparos de arma, chamados de “tecos”. Amaro define o lugar como não violento, e tampouco seguro, como define a expressão “não é um lugar de paz, mas também não é um lugar de guerra”. O sentido de desacerto está relacionado a eventuais conflitos, “encrencas”, com outros jovens relacionados à vida na escola ou no futebol. Quando esses jovens se envolvem na “criminalidade” promovem brigas e até mesmo morte.

Y: [É, aí eu queria perguntar pra vocês, que vocês falassem mais um pouquinho, é como é o dia-a-dia, como é o dia-a-dia na QNY?

Bm: [É o dia-a-dia aqui é tranquilo é, tranquilo de vez em quando::::

Cm: [Um desacerto

Bm: [É de vez em quando um desacerto, rola uma festinha dos meninos de vez em quando ali. Um téco.

Am: [ É, é neguinho diz que é tranquilo pra nós, a gente conhece todo mundo, conversa com todo mundo a gente aqui. É, lá é tranquilo.

Y: [Como é, desacerto?

Cm: [É, se gente fosse fazer uma colocação, se gente fosse fazer uma colocação a gente diria que aqui não é um lugar de paz, mas também não é um lugar de guerra. Desacerto que a gente fala é que às vezes a gente vê um camarada, que até mesmo encrensa com a gente, jogando bola ou estudando, se envolver com crime, então é desacerto que a gente fala é, briga, é morte mesmo.

Para o grupo o sentido de resgate está associado a preservar sua família. A narrativa do grupo, por um lado, naturaliza a violência que é intrínseca à vida diária durante a representação dos papéis mais simples. Aqueles que se envolvem em atividades criminosas, “parada errada”, tendem a sofrer os desacertos. Amaro menciona que a rua é o lugar de inspiração dos desacertos. Por outro lado, quem está na rua deve sempre buscar evitá-los e proteger sua família. Amaro afirma que é inevitável sair às ruas, pois ele precisa ir a lugares como a padaria e a escola, encontrar amigos para conversar. Portanto, é lá no “cotidiano normal” que “vez por outra” ocorrem os desacertos.

Durante a conversação, a questão dos conflitos entre os jovens foi frequente quando o grupo trouxe uma história relacionada ao distanciamento de Blink da escola. Ele conta que estudou até a sétima série e que eventualmente reprovava por não entender o conteúdo, segundo ele, não por falta de inteligência ou dedicação. Por outro lado, o que o afastou da escola não estava relacionado ao currículo ou às provas. Na verdade, Blink se envolveu num “desacerto”, que ele prefere chamar, neste caso, de “acidente”. Ele inicia dizendo que havia outros jovens que desejavam matá-lo. Amaro então intervém no diálogo e desconversa. Ele diz que na verdade o problema não era diretamente ligado a Blink, este por sua vez, ao perceber a intervenção de Amaro, muda o tom da conversa. Em seguida, Blink conta que um dia estava com quatro amigos “chegados”, bebendo num bar pertencente a seu pai, quando outro jovem se aproxima e passa a discutir com Blink e seus amigos, em seguida surge outro jovem e dispara na direção do grupo, atingindo Blink no Braço. Ele foi socorrido e, mais tarde, se dá conta de que seus companheiros na verdade estariam em “desacerto” com o outro jovem, que deixou sequelas nos movimentos do seu braço. Neste momento, todos se olham reciprocamente, demonstrando certo incômodo com a história e preferem não entrar em maiores detalhes.

Apesar da história, Blink define hoje a quadra onde vivem como “80% tranquila”. Conde (Cm) completa e diz que sua quadra é a melhor de toda a cidade, ele explica que o que torna o lugar seguro é o fato de estar separado fisicamente do restante da cidade por um vazio urbano, “um matagal”.

- Bm: [ É, se você for ver na escala, porcentagem assim, é uns 80% tranquilo:::: (.)É:::
- Cm: [Eu tenho no meu ponto de vista que uma das melhores quadras aqui em Ceilândia.Vale a pena colocar copa-quadra. No meu ponto de vista essa quadra aqui é a melhor, devido ela ser separada das outras quadras mas ter um matagal do lado de cá, e uma quadra pra lá, ter outro matagal pra lá, ainda acho que aqui é uma das melhores quadras que tem, aqui é, gera menos violência.
- Am: [Aqui é como se fosse, é pra gente sobreviver é normal, aqui todo mundo se conhece pelo nome, se duvidar até pelo sobrenome, todo mundo aqui se conhece. Se conhece, se você chegar pra lá e perguntar quem é tal tal pessoa com certeza alguém vai saber, não porque eu canto *rap*, porque o lugar é pequeno.
- Bm: [Aqui , aqui nunca foi sempre assim não, aqui já foi cabuloso já, já chegou a morrer sete, seis pessoas numa semana só, agora chega aqui aí tá aprendendo a sobreviver as leis e tá de boa assim, por enquanto todo mundo assim, quem era mais doidão foi embora ou então tá preso já tem tempo.

O grupo menciona que todos ali se conhecem pelo nome. Blink, porém, reconsidera e diz que nem sempre houve uma comunidade, que no passado era comum ocorrerem mortes. Segundo ele, agora as pessoas estavam aprendendo a “sobreviver”, pois os mais violentos, chamados “doidões”, já haviam mudado ou estariam presos. Mas ele completa que para eles é tranquilo. O sentido de aprender a sobreviver está relacionado às estratégias criadas pelo grupo, a partir de uma indumentária proporcionada pelo estilo. Isso lhes permite articular os conflitos com outros grupos.

- Am: Porque Ceilândia mesmo é só até ali assim né, mas como cresceu, se expandiu, ali, aqui né até ali ficou mais mais, hoje como é que fala né, fazer uma comparação com a favela do Rio de Janeiro né, o morro lá, fazer uma colocação que antes que era violento. A periferia que a gente vê, a gente cresceu junto com periferia onde tem pobreza miséria, onde tem é polícia, onde a polícia chega atrás da gente com malícia, onde tem pai de família trabalhador, onde tem desempregado, é onde se concentra como é, é onde se concentra a marginalização, é que a gente está à margem da sociedade, a gente fala.

Cm: Levando pro lado que ele falou da Fazendinha aí no, em uma das reunião que tava tendo lá em baixo, tinha um pessoal de Sobradinho, parou um carro da polícia e, por isso que eu falo que aqui é tranquilo, parou um carro da polícia e perguntou onde é que fica a QNY e o cara, cê tá doido, cê tá descendo o barranco numa hora dessa, e o pessoal chegou aqui espantado e falou é, quer dizer que por aqui o negócio é perigoso mesmo, e olhando prum lado e pro outro e o próprio cara que tá lá embaixo falou, não, aqui é tranquilo, eu chego aí, deixo o carro, aí entro pra casa das pessoa, ando na rua tranquilo, tem a segurança que anda comigo é pra prevenir alguma coisa, mas aqui é totalmente tranquilo, se depender de mim eu ando sem segurança. O cara que tava falando com ele, ele mesmo falando que se dependesse dele, ele vinha sem segurança, porque aqui é tranquilo e o policial botando aqui como perigoso, devido ao nome QNY que é separado da, das outra quadras porque aqui pra nós aqui, quem mora pra cá mora na favela mesmo, é favela, é Fazendinha tem outro nome não.

Em: [ Porque, se mora um tio ali, com certeza ele respeita aquele lugar, aquele eu que usa tôca, os cara que fuma, os cara que bebe, a gente é uma pessoa normal, a gente é do *rap*, mas a gente pode chegar num bar pode beber, posso sair pra passear com meus colegas sem medo nenhum, eu sou vítima também como qualquer outro da polícia, da polícia que chega e ao invés de fazer seu trabalho, faz é abusar, então lá é um bom lugar conforme as leis.

O grupo cria uma idealização de seu espaço urbano a partir de referências como o bairro e as favelas do Rio de Janeiro. Amaro descreve o bairro como tendo a presença de uma “polícia maliciosa”, “pais trabalhadores” e “desempregados”. Para o grupo, a marginalização seria o fator definidor da existência das favelas e, conseqüentemente, das periferias. Diante disso, Conde apresenta um exemplo, relatando uma reunião com políticos de outra cidade, que estavam à procura da localização da Fazendinha e para isso perguntaram a policiais que lhes advertiram que ali era um lugar muito perigoso e que deveria ser evitado. Contudo, mesmo amedrontados, seguiram em frente até encontrarem Conde, que os receberia para uma reunião para tratar de ações comunitárias no setor. Ao se encontrarem, perguntaram se ali era realmente perigoso como consideraram. Conde conta que convidou o visitante para percorrer as ruas que seriam, segundo ele, tranquilas. Após isso, reconhece-se que se tratava de exagero da polícia. O político concluiu que realmente o lugar era tranquilo e que só estava acompanhado de um de seus seguranças porque era algo normal em seu cotidiano. Finalmente, diz que a associação com a Rocinha carioca prejudica a imagem da QNY. Enquanto Conde falava, Blink e Amaro o observavam atenciosamente sem risos ou brincadeiras.

O sentido de missão do grupo está intimamente arraigado em uma ética dos humildes que é construída em função de uma noção geracional e geográfica. Nesse espaço idealizado pelo jovem, outras hierarquias da vida social, como pobreza, racismo, e violência, são deixadas de lado, para que todos possam compartilhar de um espaço de convivência de maneira relativamente harmônica.

Para o grupo Revolução MCs, ninguém é melhor que ninguém, contudo, há aquelas pessoas que não sabem chegar a lugares como a favela e a periferia. Amaro usa o termo “playboy” como forma de idealização da imagem desse outro generalizado, que não pertence às mesmas condições de classe ou estilo dos jovens da QNY. Nesse contexto, descrevem os “playboys” como aqueles que possuem a mesma idade dos jovens do Revolução MCs, ou seja, entre 10 e 15 anos. Esses jovens chegam ao setor e não respeitam os demais, “ficam de pagação”.

Nesse espaço, a maioria das pessoas é considerada como simples, de “coração humilde”, que não vão cometer nenhuma violência, como roubar. No entanto, há aqueles que, estando supostamente bem trajados, “com pinta de playboy”, não serão bem-vindos, ou seja, sofrerão algum tipo de agressão, “os cara vai encosta e vai enquadrá”, expressão que significa que estranhos visitantes serão abordados e submetidos a um esquema de diferenciação social, baseado nos valores daquele grupo em questão. O indivíduo, ao ser identificado num esquema de negatividade, nesse caso, como “playboy”, passa a ser desumanizado e merecedor de algum tipo de violência, o que é um fato lamentável, mas corriqueiro, segundo o grupo. Portanto, o grupo cria uma imagem daquilo que expressa diferentes interpretações sobre sua condição de jovens, mesmo estando numa mesma faixa etária, definidas por jovens que, apesar de terem idades semelhantes, têm condições de vida distintas no que se refere à classe, raça e posição geográfica. Consequentemente, isso os leva a estabelecerem padrões de comportamento distintos de outros jovens.

O grupo Revolução, nesse caso, usa o termo “playboy” como uma categoria negativa de outros jovens que podem até mesmo ter idades semelhantes às do grupo “10, 15 anos”. Contudo, em função de sua indumentária inscrita no corpo, ou pela forma de se vestirem, “bem trajados”, e se comportarem de modo arrogante, com “pagação”, tornam-se incompatíveis com os valores compartilhados pelo grupo, que preza por aspectos como ser “humilde”. Ainda em relação aos aspectos sobre diferentes unidades geracionais, Blink completa que a favela é um lugar bom, mas é um lugar para aqueles que “sabem viver”, em

outros termos, a favela é um lugar “pra quem sabe chegar e pra quem sabe sair, como em todo lugar”. Nesse caso, as condições de opressão e pobreza levam os jovens a criar suas próprias regras, articulados pela existência do grupo em torno do estilo que lhes permite refletir a violência e os muitos valores que daí decorrem.

O contraponto da idealização do “playboy” se dá pelo jovem que mora na periferia e compartilha da mesma visão de mundo que outros jovens que ali estão. Segundo o grupo, esse jovem que assume um estilo e um comportamento, adotando o uso da touca, que fuma e bebe bebidas alcoólicas, está dentro daquilo que ali é considerado “normal”, pois é conhecedor das regras do lugar, e, por conseguinte, é respeitado até mesmo pelos mais velhos, pelo “tio”. Nesse espaço, o jovem identificado com o estilo *hip-hop* pode sair “sem medo” em grupo com seus amigos do setor onde vivem. A única ressalva vem pelo temor de se tornar “vítima” da violência policial, para o Revolução MCs a polícia não faz o seu trabalho corretamente, devido ao “abuso” de poder. Desta forma, o grupo define seu lugar como sendo bom em função de determinados códigos estabelecidos na relação entre os moradores que ali residem, seus visitantes e a presença do Estado na forma da polícia.

#### *Da multidão dentro de casa aos pontos que não batem: relação entre jovens e pessoas mais velhas*

Inicialmente foi apresentada uma pergunta sobre o relacionamento com os pais para o grupo Revolução MCs. O grupo, a princípio, considera que o relacionamento é bom, pois há diálogo. Contudo, os jovens ponderam; Amaro menciona ter um ótimo relacionamento com sua mãe, mas não tem contato com seu pai, além disso, ele às vezes impõe suas ideias à sua mãe, fato que o grupo considera normal no ambiente familiar. Em toda família há alguém que tem ideias contrárias às dos demais irmãos e irmãs, como a “ovelha negra da família”. Porém, Amaro desconversa ao dizer que não se identifica com tal perspectiva.

Y: [Bom, essa pergunta aqui é em relação aos pais, vocês moram com seus pais? Seria a primeira pergunta e como é a relação de vocês com seus pais ?

Cm: [É, eu moro com meu pai e com a minha mãe e tenho um irmão só, é, pra mim, minha família

sempre foi tudo muito bom, todo mundo conversa com todo mundo, a relação é ótima.

Am: [Não, eu acho que é o cotidiano normal, eu moro com meus pais, quer dizer com minha mãe, eu não sei nem onde anda meu pai por falar nisso, eu acho um cotidiano normal, sem briga sem discussões mas, às vezes eu falo isso e é aquilo, não vai.

Bm: [Acho que é toda família né?!

Am: [Toda família tem um que é do contra, tem um é a ovelha negra da família, eu não me auto intitulo a ovelha negra. Sou o filho mais velho, tenho mais consciência de certas coisas, tento passar o que eu sei pros mais novo inclusive, de uma forma diferente, pode até encarar como grosseria ou ignorância, é o jeito que eu aprendi, é a tradição que eu trago, meio que o passado da minha família, a gente leva uma vida normal, eu curto minha mãe, gosto da minha família, é isso acho, que é um cotidiano normal.

O grupo considera relevante a influência das gerações mais velhas em relação às mais novas. Há vários indícios sobre isso quando se trata da relação entre os irmãos mais velhos e mais novos. Amaro menciona que na condição de filho mais velho transmite aos mais novos aquilo que sabe que pode ser encarado como grosseria ou ignorância. Durante a entrevista, ele às vezes gritava com suas irmãs, lhes impunha que abaixassem o som da televisão ou que elas deveriam realizar tarefas domésticas, como “cuidar da casa”.

A relação com a mãe é bastante reforçada como a pessoa mais importante da família. Blink diz que vive com sua mãe, que é considerada como a mais importante, “é tudo na vida”, além do irmão e do padrasto com o qual diz ter um ótimo relacionamento, desde a infância. Por outro lado, afirmam que também existem as diferenças, pontos discordantes no relacionamento, que servem para aprimorar o convívio, “os pontos que não batem”. Sobre os pontos de discordâncias, Conde diz que apesar do bom relacionamento com seus pais, já brigou fisicamente com seu irmão. Amaro, em tom de ironia, diz que isto é “adrenalina”. Diante dessa assertiva, Conde acena de modo a concordar com Amaro. Ele, por sua vez, reitera tal perspectiva ao dizer que discute com suas irmãs de modo agressivo, mas sem incorrer em violência física, algo que logo em seguida é superado. Tudo isso ocorre em momentos instantâneos da vida diária, situações definidas em alusão ao efeito causado pela “adrenalina”. Conde fala que segue as orientações de sua mãe sobre frequentar festas, pois ela tem um bom senso, “eu tô sentindo para você não ir”. Ele diz que esses conselhos eram dados quando ele era menor de idade, algo que eventualmente lhe causava certa irritação. Ele completa dizendo que responde à altura dos que se aproximam de modo a não lhe respeitar. Contudo, ele reconsidera e diz que atualmente,

quase aos 21 anos, nunca agrediu fisicamente sua mãe, no que ele define por “levantar a mão” ou “levantar a voz”.

- Am: [Mas essa diferença que tem em casa, em qualquer família, que é normal né?  
Bm: [Isso serve pra aprimorar né.  
Cm: [É, tem aqueles pontos que não batem, fica assim né?  
Y: [Mas como é que é isso, como isso funciona?  
Cm: [Tipo assim não é com minha mãe, nem com meu pai, mas já aconteceu com irmão meu de a gente se pegar lá na porrada, mas, mas tem motivo aí que não tem graça tem que ter (.)  
Am: [Adrenalina né?  
Cm: [Adrenalina é, mas graças a Deus nós estamos de boa...  
Am: [E a vida é louca!  
Bm: [Ôche!  
Am: [É igual eu e minhas irmãs, só que eu não rolo na porrada né, eu brigo, é sai daqui, não conversa comigo mas não, meia hora depois já estamos conversando de novo como se nada tivesse acontecido. Ôche, você que falou deve ser adrenalina .é mais entre irmãos né, tipo eu (. ) ((Ele se volta para Cm, e lhe passa a palavra )) Pode falar ((olhando para Cm)).  
Cm: [Tipo eu respeito minha mãe pra caramba, se ela falar que é pau eu tenho que falar que é pau, também não adianta eu falar que é pedra, se minha mãe que é minha mãe que me botou no mundo tá dizendo que é pau. Tipo o conselho que tinha eu não discutia, não falava nada, ela falava que não era pra mim ir no tempo que eu era de menor, e eu falava então não vou, ficava chateado, ficava injuriado mas não ia, não teimava com ela, eu nunca respondi minha mãe, tenho 20 anos, vou fazer 21 em outubro, nunca cheguei a levantar a mão pra minha mãe, a levantar a voz, tem hora que eu fico muito nervoso se você vem falar comigo eu vou te responder à altura, se você manso, eu sou manso, se você alterar eu altero.

Para os jovens do Revolução MCs, a conversão religiosa constitui uma mudança de conduta, uma escolha ética que está relacionada a uma integração com a família. Conde exemplifica, diz que se envolveu com drogas e pichação, coisas reprováveis, segundo ele, “um mundo que não era pra mim”. Esse envolvimento ocorreu quando era mais novo, período que considera difícil tomar decisões, “a cabeça não pensava”. Ele diz que o envolvimento com a pichação o levou a ter problemas com outros jovens e que teve de deixar a cidade para se proteger de represálias indo para Goiás. Havia pessoas querendo matá-lo, mas que desistiram por também estarem envolvidos em outras rixas com jovens. Diante das circunstâncias alegadas e por influência dos amigos, passou a frequentar uma

igreja evangélica, que mais adiante passou a ser frequentada por suas irmãs e seu padrasto, naquilo que ele define como “a revolução de Jesus”.

Am: | Eu entrei num mundo que não era pra ser meu, eu entrei no mundo das drogas, me envolvi mesmo, entrei de cabeça e fui descendo quando eu vi que aquilo ali não era vida, que eu entrei no mundo da pichação também, que foi o que mais me quis me tirar daqui, entrei no mundo da pichação só que no tempo eu era novo, a cabeça não pensava, era o que vinha, o que vinha tava, tava, se você falasse vai ali e escreve no caderno daquele neguin ali, eu ia lá, eu não tava nem aí, e isso aí foi gerando uma briga e eu tive até que mudar daqui de Ceilândia, eu fui morar no Goiás, eu morei no Goiás um ano, depois eu voltei e aí tipo, neguin que queria me pegar, mataram o neguin ou fugiram porque tiveram outros desacertos. Tipo eu entrei num mundo que não era meu mesmo, tipo bebendo, fumando, usando droga, naquele mundo totalmente errado, e do nada, Jesus vai e faz uma revolução na minha vida, fui pra igreja, comecei a ir pra igreja, não fui só eu, foi eu, minhas irmãs, meu irmão e meu padrasto, tudo de uma vez assim. Coisa maravilhosa.

A influência sobre os irmãos mais novos é considerada pelo grupo. Os jovens assinalam que gostariam de participar nas suas decisões daquilo que é definido como “trabalhar a mente”. O grupo justifica que o *rap* enquanto um estilo de vida que pode estar associado à sucessão social no que se refere à busca por um bom emprego, algo que expressa uma justificativa ao discurso que marginaliza o *rap* como uma atividade ainda não profissionalizada, numa escala mais ampla da indústria cultural na cidade. Entretanto, o *rap* enquanto um conjunto de valores relacionados à vida no espaço urbano é apresentado como um patrimônio a ser transmitido às gerações mais jovens, a partir de elementos constituidores de um determinado padrão de gosto social, que envolve a apreciação pela indumentária *hip-hop*, que passa por um modo de se vestir distinto de outros estilos jovens, assim como um gosto musical específico, como o *rap*.

A família é o grupo social definido pelo jovem como uma “multidão dentro de casa” com a qual se compartilha os problemas e se encontram as soluções. Amaro define a multidão de dentro de casa como aquela em que encontra amparo na família, em especial na presença do pai. O contraponto da multidão de casa é a “multidão da rua”, onde prevalece uma mentalidade centrada no indivíduo mediatizado por relações econômicas e simbólicas e concorrenciais e, eventualmente, na rua há sempre o risco da desilusão. O pai como imagem protetora não é encontrado nesse espaço. Amaro, por seu turno, não tem contato com o seu pai biológico, “eu nem sei o que é dia dos pais”. Ele diz que será muito

orgulhoso quando se tornar pai, pois não abandonará seu filho, não irá “virar as costas” . Ele diz que sente por um lado ódio de seu pai ausente, e por outro, o amor de sua mãe com a qual convive.

Am: | Que encara o cotidiano normal, que é aquilo ó, aquela multidão, multidão dentro de casa, que você pode tá dentro dela, aquela multidão da rua você não aguenta é grande demais a da rua, você não pode considerar a rua como uma casa, já a rua é uma multidão, dentro de casa também é multidão, mas é uma que você aguenta estar 24 horas. Vale tudo.

Bm: | agora?...

Am: | É, é isso, a multidão que eu falo do lado de fora, do lado de fora você não encontra pai, do lado de fora você encontra pai, pai eu não sei nem o que é o dia dos pais pra mim, eu quero chegar um dia e dizer, o dia que for pai vai ser a melhor coisa do mundo, não vou virar as costas pro meu filho, se precisar eu vou passar fome junto, eu nunca vou virar as costas como meu pai fez pra mim, por falar do meu pai na verdade eu sinto ódio, não tenho amor de pai, eu tenho amor de mãe.

A relação do grupo com pessoas mais velhas é definida pelo respeito condicionado à sua reciprocidade. Os jovens questionam o abuso de algumas pessoas baseadas na crença de que se deve respeitar os mais velhos. Eles reconhecem que há diferenças, mas elas não devem corresponder a ofensas aos valores das pessoas mais velhas. Amaro diz que pode ceder o seu lugar para uma pessoa mais velha num ônibus, isso representa um gesto de respeito, além disso, cita que ele fala gíria, mas isso não representa um desrespeito com os mais velhos. Ele diz que tem suas ideias hoje e que será velho um dia. Ele considera que os velhos têm muito a passar para ele. Há um exemplo de um senhor que sempre está nas proximidades e que conta sua história de quando chegou ao Distrito Federal antes da construção de Brasília. Amaro diz que tem um carinho especial por este senhor, que não lhe incomoda ou pede qualquer coisa em troca pela sua companhia. Além disso, Amaro ainda menciona que foi criado pelos avós maternos, que hoje são velhos, e ele os considera como pessoas maravilhosas. Contudo, o grupo assinala que não é pelo fato de alguém ser mais velho que o faz merecedor de respeito.

As relações intersubjetivas que definirão uma unidade no sentido geracional do grupo se constroem não numa relação de oposição entre seus indivíduos e as gerações mais velhas, mas a partir de um convívio mutuo e a partir da família. De fato, ocorrem situações de continuidades em que o mais velho é tido como aquele que transmite os valores que definem o sentido dos grupos sociais, como a família, definida por laços de intimidade, “a

multidão dentro de casa” e os laços de impessoalidade e concorrência em que a insatisfação e o sentimento de traição são eminentes, “multidão da rua”. O medo e o envolvimento com atividades consideradas pelos jovens como negativas e prejudiciais, tais como o uso de drogas e a pichação, são utilizados para justificar a relevância da família e determinados vínculos estabelecidos através desse tipo de grupo social. A conversão religiosa de fato seria uma dessas situações em que a diferença entre as gerações não impediria um diálogo intergeracional das diferentes percepções de mundo dos pais e filhos, definido pelos jovens como a “revolução de Jesus”.

Por outro lado, os jovens pontuam sua visão de mundo através de seu aparato linguístico, “falar gírias”, como um elemento identificador do seu estilo. Diante desse tipo de situação, surgem os “pontos que não batem”. Há predominante ausência da figura paterna que lança seus filhos na solidão do mundo imaginário da “multidão da rua”. As mães provedoras de suas famílias, apesar de assumirem um lugar privilegiado, enfrentam as discordâncias dos jovens, os quais ainda se sentem inseguros quanto às suas posições, “a cabeça não pensava”. O *rap* enquanto um sistema inconsciente de atitudes define um lugar do jovem, em que este se defende de determinados dispositivos de distinção social estabelecidos pelo mundo adulto. A experiência de contato entre gerações distantes como, entre avós e neto, é citada de modo a ser caracterizada como menos conflituosa nesse contexto de relações intergeracionais.

O respeito às pessoas mais velhas está condicionado ao reconhecimento de sua identidade jovem enquanto uma redefinição de valores por uma nova conduta nos espaços onde diferentes gerações interagem, como na família, na escola, no trabalho, na rua, entre outros. Existe uma expectativa em relação à transitoriedade para um mundo adulto e até mesmo para o mundo dos velhos, mesmo de modo idealizado. O grupo assume uma missão no sentido de construir novos valores a partir do *rap*. Seus irmãos e irmãs mais novos constituem o foco dessa ação de se “trabalhar a mente”. Quando esse jovem não é respeitado dentro de seu sistema de valores, reage de modo a garantir sua identidade frente ao mundo adulto.



## Grupo Resistência Periférica

*A gente se trombou e a gente se firmou: Relações vicinais e a identificação pelo estilo hip-hop*

### *Descrição do trabalho de campo*

*Churrasco, rap e campanha eleitoral: Aproximações com produtores culturais*

Num domingo do mês de setembro de 2006 fui convidado para um churrasco. De fato, soube desse evento a partir da ligação de Emanuel (Em), um produtor cultural de bailes *hip-hop* que, coincidentemente, foi meu aluno anos atrás e que a partir do qual obtive contato com alguns membros do *hip-hop*. Ele me disse ser um dos produtores que traziam ao Distrito Federal os Racionais MC. Quando Emanuel soube de minha pesquisa, entrou em contato comigo para informar-me sobre a atividade de outros grupos em Ceilândia. Dessa vez, eu tinha sido convidado para um churrasco na casa de outro produtor, chamado Chakal. Contudo, para minha surpresa, quando chego ao churrasco, vejo que se tratava de um evento político para apoiar um candidato com propostas para amparar famílias de presidiários em Brasília. Muitos dos convidados eram familiares de pessoas nessa condição. Durante o churrasco, a conversa girava em torno da produção artística do *rap* e em relação à questão dos maus-tratos e dificuldades das famílias para acompanharem seus parentes encarcerados. Alguns *rappers* presentes estavam apoiando um candidato que propunha projetos em defesa dos direitos humanos nos presídios. Eu realmente não sabia que se tratava de uma campanha eleitoral.

Durante o churrasco, reconheci outro ex-aluno, o Nelson da QNV, que me convidou para ficar em sua mesa. Conversamos sobre várias coisas, inclusive sobre meu trabalho atual envolvendo a juventude. Nelson, desejando colaborar comigo, me passou seu número de telefone e pediu para que eu ligasse para conversarmos em outra ocasião sobre o assunto. Ele inclusive chegou a me propor que eu conhecesse sua comunidade e que saíssemos juntos para tomarmos umas cervejas.

Mais tarde, a pequena garagem de Chakal já estava toda ocupada por várias famílias de jovens, todos de alguma maneira ligados ao *rap*. O churrasco estava sendo

preparado do lado de fora da casa, numa rua que ficava em frente a uma pista que separava a quadra residencial de uma enorme vala, parte das obras do metrô ainda inacabadas naquela época. Alguns dos presentes, logo em seguida, tomaram a iniciativa de ligar um som, preferencialmente no volume máximo. As músicas apresentadas eram dos próprios grupos ali presentes, um deles era o Resistência Periférica, com o qual eu fiz contato mais adiante; além disso, fiz alguns contatos e anotações na agenda que, posteriormente, serviram para a viabilização de outras entrevistas.

Mais tarde chega o candidato e, então, todo o diálogo se voltou para a questão prisional das famílias e as propostas do candidato Dr. Freedom. Observei tudo e, ao final da fala do candidato, me despedi dos que estavam mais próximos e me retirei.

### *Sobre a entrevista com o grupo Resistência Periférica*

Numa ocasião à noite, encontrei com os membros do grupo Resistência Periférica (RP), grupo formado por Amauri (Am), Boca (Bm), Conrado (Cm) e Denis (Dm). Conhecemos-nos a partir do contato feito por Emanuel (Em), um produtor cultural de bailes *hip-hop*, no fim de semana anterior. Combinamos que a entrevista seria na casa de Amauri, que ficava na QNV 20, creio que a última quadra. Marcamos a reunião para as 20 horas, mas me atrasei 10 minutos. Eles já estavam achando que eu não chegaria mais. Imediatamente, pedi desculpas pelo atraso, Boca que estava à minha espera disse que não havia problema, ademais, segundo ele, os outros parceiros tinham ido à redondeza e logo estariam de volta. Amauri tinha ido receber seu pagamento no mercado da esquina, onde trabalhava como vigia. Boca disse que ele era recomendado, pois conhecia toda malandragem local. Isso lhe atribuía um *status* privilegiado em termos de respeito e segurança ao mesmo tempo, no bairro onde morava.

Enquanto esperávamos em frente da casa de Amauri pelos demais integrantes do Resistência, aproximou-se um homem que era amigo de Boca. Seu nome era Spaguetti, o irmão mais velho de Amauri. Boca disse que “a história de Spaguetti dava um livro”, pois ele já teria “aprontado muita coisa”, sabia muito sobre como era a vida social de um jovem

naquela região, “a vida ali na quebrada”. Spagueti aparentava já estar na casa dos quarenta anos. Boca puxou conversa, daí Spagueti disse que iria sair com a sua mulher para tomar umas cervejas. Ele então passou a contar parte de sua história, comentou sobre casos de morte na área, sobre os antigos locais de lazer que ele costumava freqüentar, como o salão do Quarentão e sua ida para a QNV. Ele explicou que as “guerras”, ou seja, os conflitos entre jovens na região, começaram por causa de roubo de bonés, “Um tomava o boné do outro”, “Todo mundo queria ter roupa de marca, mas ninguém tinha dinheiro”. “Eu já vi gente morrer por um boné”, disse. Spagueti explicou que as guerras eram motivadas pelo desconhecimento de quem roubava: “Malandro às vezes roubava de outro malandro sem saber”, “aí começavam as guerras, as mortes”, justifica. Ele se dizia alguém de sorte por continuar vivo.

Instantes depois, nossa conversa foi interrompida, pois surge na entrada da casa uma senhora. Eu imaginei que ela fosse a sogra de Amauri, pois era branca e se assemelhava um pouco com sua companheira. Ao se aproximar de nós, Boca comentou, com uma leve expressão de riso, sobre os antigos problemas de Spagueti na QNV. Essa senhora de aparência idosa e com semblante fatigado, foi reticente e só confirmava o que dizia Boca sem maiores comentários. Diante do sarcasmo de Boca e o silêncio da velha senhora, Spagueti demonstrou certo constrangimento e reiterou mais uma vez que tinha um encontro com sua mulher. Boca, sem dar crédito, ainda aproveitou para zombar dele dizendo: “vocês vão pra igreja?”. Spagueti discretamente gesticulou com a mão direita, sinalizando silenciosamente com o polegar, indicando que iriam beber. Por outro lado, em sinal de respeito à senhora ali presente, ele confirmava verbalmente: “sim, vamos à igreja!”. Logo após isso, ele se despediu e saiu caminhando pela rua mal iluminada por lâmpadas de luz amarela e, mais adiante, desapareceu de nossas vistas. Boca ainda lançou um último comentário: “Deus tem um plano na vida desse cara, pois ele já aprontou muita coisa, ele era considerado o terror”.

Esperamos por mais alguns minutos, quando chegaram Amauri e Conrado e um outro jovem amigo do grupo. Cumprimentamo-nos, eu me desculpei novamente pelo atraso e, logo em seguida, entramos na casa. Ficamos numa confortável sala onde nos acomodamos num sofá. Assim que sentamos, eu passei a explicar um pouco sobre meu trabalho, eles, por sua vez, questionaram se eu estava escrevendo um livro ou se se tratava de um trabalho profissional. Eu procurei esclarecer todas as suas dúvidas sobre a finalidade, bem como sobre os procedimentos implícitos na realização de um grupo de

discussão. Antes de começarmos, chegou o Denis, mais um integrante do RP, acompanhado de um amigo, Fábio (Fm).

Nessa ocasião, aproveitei para testar um elemento motivador para a dinâmica do grupo de discussão. Propus que antes do início das perguntas assistíssemos ao filme *Rap, o Canto de Ceilândia*<sup>45</sup>. Perguntei-lhes se conheciam o filme e se desejariam assisti-lo. Todos concordaram. Durante a apresentação, observei que eles diziam coisas do tipo: “Somos a terceira geração do *rap*”, “Meu pai passou para mim e vou passar para meu filho”. Também diziam coisas do tipo: “Conheço aquele lugar, aquela pessoa. Poderíamos ter participado disso”. De um modo geral, eles se reconheceram naquela imagem produzida sobre a Ceilândia. O filme remetia a uma construção da memória coletiva da juventude local e, em especial, dos jovens envolvidos com o *rap*.

Quando, de fato, iniciamos o grupo de discussão, notei duas coisas: a primeira é que eu não precisei recorrer ao tópico-guia, pois já havia internalizado as questões. Também notei que muitas das perguntas foram contempladas espontaneamente sem que eu necessitasse apresentá-las. Eles mesmos estavam discutindo suas experiências. Notei que Denis falava pouco. Ele era o membro mais recente do grupo e, além disso, vivia em Águas Lindas (GO), portanto, suas experiências, apesar de semelhantes às dos outros, foram vividas em outra comunidade. Boca, Conrado e Amauri, por outro lado, cresceram próximos à QNV. Amauri assumiu desde o início uma postura de liderança e centralidade na discussão. Ele normalmente realizava suas narrativas num tom de seriedade, acompanhadas por todos atentamente. Conrado, por sua vez, comentava as falas de Amauri de um modo mais brando, às vezes, tentando manter uma atmosfera de tranquilidade e, às vezes, de humor, como contraponto à extrema seriedade de Amauri. Conrado também zombava de Denis, que tentava se defender sem contra-atacá-lo.

Após uns quarenta minutos de entrevista, chegaram mais três pessoas a convite do RP. Emanuel (Em), Hélio (Hm) e Gabriel (Gm), músicos e produtores locais, amigos e

---

<sup>45</sup> Filme dirigido por Adirley Queiroz, ganhador do prêmio de melhor documentário no Festival de Cinema de Brasília em 2005, o filme narra algumas trajetórias dos fundadores do *hip-hop* do Distrito Federal. Como todos esses músicos advêm de Ceilândia, o filme se tornou um marco iconográfico em relação à autoimagem da juventude local dessa cidade. Além disso, Adirley é morador de Ceilândia e se identifica com a causa de desenvolvimento de uma produção local de audiovisual em comunidades de periferia, o que implica uma reformulação do sentido de produção do audiovisual.

parceiros do Resistência Periférica. Eles chegaram silenciosos e gradualmente passaram a intervir nas questões apresentadas. Quando os assuntos violência policial e discriminação racial surgiram, houve um alvoroço, o que podemos assinalar como uma mudança de foco, pois todos queriam falar ao mesmo tempo, muitas opiniões eram discordantes entre si, mas procurei ficar em silêncio, alguns se exaltavam, se irritavam, mas tudo num contexto de equilíbrio e respeito mútuos.

Ao final, foi reapresentado o filme para os que não tinham visto no início, e enquanto isso, os demais preencheram os questionários. Depois fomos para fora da casa, onde a sogra de Amauri serviu pipoca para todos. Eu me senti num ambiente muito amigável. Também aproveitei para tirar algumas fotos dos presentes. Agradei a todos pela entrevista e finalmente me retirei. Denis e seu parceiro ainda pegaram uma carona comigo até o Centro, a uns 8 km de onde estávamos, pois eles voltariam para Águas Lindas. No percurso, eles comentaram que lá havia vários grupos, mas a cidade não oferecia qualquer oportunidade. Mencionaram também a existência de algumas rádios comunitárias na região. Ao chegar ao Centro, nos despedimos, eles agradeceram e parti em seguida.

### *O perfil dos jovens do grupo Resistência Periférica*

Amauri (Am) é o líder do grupo, cantor e compositor das letras. Ele tem 24 anos, é negro, casado, tem um filho, possui 7 irmãos, vive atualmente com sua companheira. Possui o ensino médio incompleto e está desempregado, mas pretende estudar direito e advogar no futuro. Amauri gosta de jogar futebol, de frequentar samba e tomar cerveja, além de curtir *rap*. Ele atua num grupo que trabalha a conscientização popular em seu bairro há dois anos e meio. Costuma se encontrar diariamente na casa dos amigos do grupo. Ele conheceu este grupo na vizinhança onde mora por acaso, a partir da afinidade musical pelo *rap*. Sua companheira possui o ensino fundamental completo, seu pai possui o ensino fundamental completo e definiu sua mãe, em termos educacionais, como analfabeta.

Boca (Bm) é cantor tem 23 anos, é negro, casado, possui 3 irmãos, tem um filho e vive com sua companheira em Ceilândia, cidade onde nasceu. Concluiu o ensino médio e trabalha como estoquista e cantor de *rap*, ele gostaria de trabalhar numa profissão que “incentivasse” as pessoas, como exemplo desse tipo de profissão, ele cita a de professor. Seu lazer predileto é cantar *rap*, informa que está envolvido em atividades comunitárias no bairro e que ajuda a juventude a mudar sua perspectiva, definida por ele como “ajudar os irmãos”. Boca informa que conheceu o grupo nas ruas, “vivendo o dia-a-dia da Ceilândia”, explica. Ele mencionou participar de organizações na cidade voltadas para a juventude, como o Grupo Atitude e CUFA (Central Única das Favelas). Sua companheira possui o ensino médio incompleto e é dona de casa. Seu pai, falecido, era de Belo Horizonte (MG) e sua mãe, também mineira, não concluiu o ensino médio e é dona de casa.

Conrado (Cm) é cantor, tem 21 anos, é negro, separado, não tem filhos, possui 4 irmãos e vive com os pais em Ceilândia há 13 anos. Ele diz que, em termos de religião, se “identifica com o evangelho”. Conrado não concluiu o ensino médio e está fora da escola, atualmente está desempregado, mas pretende se tornar professor no futuro. Ele tem como principal lazer cantar *rap*. Ele não participa de nenhuma associação comunitária, ele diz que está no grupo há 6 anos e se encontra com seus parceiros quase diariamente na casa de Amauri. Conrado diz ter conhecido o grupo na vizinhança a partir de conversas com outros jovens, “na rua, trocando idéias”. Seu pai é de Goiânia (GO), concluiu o ensino médio, e sua mãe é de Taguatinga (DF) e também concluiu o ensino médio.

Denis (Dm) tem 27 anos, é branco, vive com sua companheira e tem uma filha. Denis nasceu em Brasília (DF), mas vive em Águas Lindas (GO) há 14 anos. Ele informa ter irmãos, mas não diz quantos. Denis informa que não está na escola no momento e que trabalha como motorista de transporte alternativo em Águas Lindas. Não informou sobre as atividades que gostaria de exercer no futuro. Seu lazer preferido diz respeito a tudo que envolva o *rap*. Denis está no grupo RP há 8 meses e se encontra com seus parceiros 2 vezes por semana na QNV. Menciona que conheceu o grupo através de bailes que ocorriam na vizinhança. Sua companheira não concluiu o ensino fundamental. Seu pai é da Paraíba e não concluiu o ensino médio, sua mãe é de Minas Gerais e não concluiu o ensino médio.

Fábio (Fm) tem 19 anos, é branco e piauiense. Ele é solteiro e sem filhos, vive em Águas Lindas de Goiás com seus pais e possui 5 irmãos. Concluiu o ensino médio, participa do

programa Primeiro Emprego e gostaria de se tornar um *disc jockey* (DJ) profissional. Fábio gosta de ouvir música nas horas de lazer. Seus pais são do Piauí e possuem o ensino fundamental incompleto.

Emanuel (Em) tem 32 anos, é branco, casado e tem 3 filhos. Ele vive em Ceilândia, onde nasceu, com seus pais e sua companheira e tem 7 irmãos. Possui o ensino médio completo e não está estudando no momento, mas pretende cursar direito. Trabalha como representante comercial há 12 anos, o que inclui a produção de eventos, como *shows* de *hip-hop*. Encontra-se com o grupo 3 vezes por semana na Ceilândia Norte. Ele conheceu esse grupo em sua vizinhança, através de reuniões comunitárias. Sua companheira possui o ensino médio completo e trabalha como secretária. Seu pai é de João Pessoa (PB), possui o ensino fundamental incompleto e é bombeiro hidráulico, sua mãe é de São Luis (MA), possui o ensino fundamental incompleto e é dona de casa.

Gabriel (Gm) tem 27 anos, é branco e afirma ser cristão. Ele vive com sua companheira em Ceilândia, onde nasceu, e não possui filhos. Ele tem 5 irmãos. Gabriel concluiu o ensino médio e não está estudando no momento, além disso, está desempregado, mas pretende se tornar produtor musical. Seu lazer predileto é jogar bola e cantar *rap* no grupo que já está há 7 anos. Ele costuma encontrar com seu grupo 1 ou 2 vezes por semana em seu barraco. Conheceu o grupo na vizinhança, através do interesse mútuo pelo *rap*. Sua mãe é de Barra do Corda (MA), trabalha como doméstica e possui o segundo grau incompleto, sua companheira não concluiu o ensino fundamental e é auxiliar de serviços gerais.

Hélio (Hm) tem 30 anos, é negro, casado e tem dois filhos. Afirmou não ter religião, disse possuir irmãos, mas não informou quantos. Ele concluiu o ensino médio e informou que trabalha como agente penitenciário para adolescentes e pretende obter um emprego público no futuro. Hélio é capoeirista há 15 anos e se encontra 3 vezes por semana com esse grupo, que conheceu no centro comunitário.

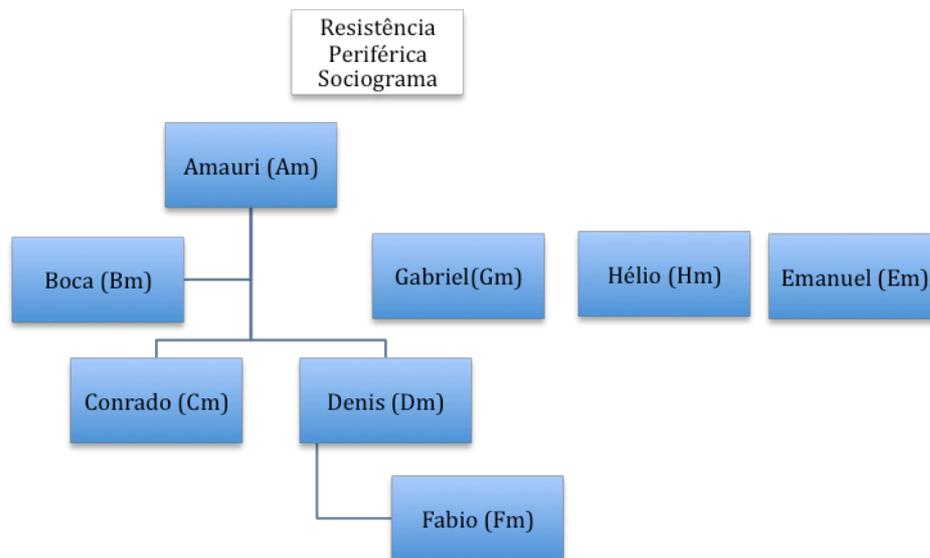


Figura 11 Sociograma do grupo Resistência Periférica

### *A formação do Grupo Resistência Periférica*

Y pergunta sobre a formação do grupo. Os membros do grupo se apresentam, informando seus nomes e idades. Denis (Dm) informa seu nome e idade e, logo em seguida, menciona que está no grupo desde 1997, quando o grupo tinha o nome Liberdade MCs. Ele informa que canta *rap* desde os 12 anos de idade e que agora está com 27. Em seguida, Boca (Bm) informa que também está no grupo desde sua formação original, que já chegou a ter quinze componentes. Com a sua entrada, o grupo definiu seu nome atual, Resistência Periférica.

Y: Como começou o grupo de vocês? Antes disso, também gostaria de saber o nome e a idade de vocês.

Am, Bm, Cm, Dm, Em: (3). Pode ser nome e apelido?

Y: Sim. Pode ser apelido, sim.

Dm: Meu nome é Dm, eu tô no SR de 2001, mas minha correria no *rap* é desde 97 quando eu formei o grupo Liberdade MCs com mais três muleque. Desde os doze anos que eu canto *rap*, e tô com vinte e um anos de idade. (2).

Bm: Pois é. Meu nome é Bm. (2). Tipo, desde o começo, né Am? Os muleque formo um grupo de uns quinze. A QNX todinha participava @ ( ) @. Altas quebrada, os tipo, os muleque fez uma gangue. Formô um grupo, né Am? Aí quando eu caí pra dentro nós formô o SR que só foi três muleque que montô. Daí vei a parceria mais forte que foi com o Cm e o Am.

Y: Pode crê.

Bm: A gente vai chama a RH vai ter a participação do Exp. CIA A, L Crim, do Racio R, do Maro, do Jord, do Wld boy. China. O China é como se fosse o @padrinho pra nós @ @ (1) @.

Y: | Pode crê.

Bm: | É padrin que eu falo, assim mais próximo.

Am: | Próximo @ (1) @ ((interrompe Bm, brincadeira, remete a um duplo sentido a relação de apadrinhamento do grupo com China)).

O interesse pelo *rap*, enquanto um estilo que representa um *habitus* voltado para uma juventude pobre e de periferia, levou a um envolvimento de vários jovens na QNX. O interesse dos jovens locais e a interação que os vínculos vicinais permitiam entre vários jovens da QNX definiram, a partir de uma afinidade, uma seleção de alguns jovens que compuseram a atual formação do grupo, definida como uma “parceria mais forte”, que “tomou o rumo certo”. Para além da formação de um grupo com quatro integrantes, há toda uma cadeia produtiva envolvendo desde os músicos *rappers*, passando por produtores musicais especializados na mixagem de um CD, agentes organizadores de festas e eventos. Além disso, há a participação de outros jovens que frequentam os eventos, como *shows* de *rap* ou bailes, que apreciam as melodias do grupo, que está identificado com o *rap* feito por eles mesmos, de modo independente, em nível local.

Em relação às práticas sociais de mobilização dos grupos, com vistas a uma produção local, mencionam-se várias parcerias que ocorrem dentro de um sistema precariamente estratificado de agentes que compartilham alguma influência no grupo dos produtores. O grupo define os indivíduos com maior influência de “padrinhos”. Eles são os principais agentes, capazes de propiciar o avanço de grupos amadores ainda sem prestígio

ou reconhecimento. Os padrinhos podem ser *rappers* mais experientes que já gravaram um CD, alguns são radialistas de rádios comunitárias, com transmissão local ou regional, outros são promotores de eventos como *shows* ou bailes. Em geral, os padrinhos são pessoas que já detêm um capital social responsável pela capitalização de recursos que permitirão uma relativa mobilidade dos grupos de *rap* em termos de produção e formação dos mesmos. Portanto, os padrinhos são definidos como aqueles que estão “mais próximos”. Durante a entrevista, o termo padrinho gerou certa tensão no grupo. Vários nomes de *rappers* foram citados, alguns com renome nacional. Alguns jovens ironizavam a expressão “estar mais próximo”, com expressões de duplo sentido, em relação a uma suposta tutela do padrinho ou mesmo em relação a algo que punha em xeque a identificação do grupo com a masculinidade.

Bm: Vai lá. Dá a sua idéia. ((passando a palavra para DM)).

DM: Meu nome é Dm do Exp CA, tenho vinte e sete anos (3).

Am, Bm, Cm @ (1)@.

Bm: |@Todo mundo aqui é velho@.

Dm: Eu comecei no *rap* desde antigamente. A primeira letra que eu fiz foi aquela ( ) lá de antigamente aquela.

Cm: |“Cuidado não sei o que pá”.

Dm: |A primeira letra que eu fiz nesse estilo foi em 97, que inclusive eu nem gravei (2). Aí eu fiz a formação com os muleque lá da Prive, inclusive com o “L” que morava aqui e mudou pra lá. Aí a gente gravou o primeiro som em 2001, daí entrô o E. que morava aqui também, e agora mudou pra Samambaia. A gente tá tentando seguir o mesmo caminho do SR e com fé em Deus um dia a gente chega lá.

Ainda durante as apresentações, Denis diz que tem 27 anos, faz uma pausa, e isso desperta o riso dos demais, que afirmam que todos ali são velhos. Isso gerou alguns comentários sobre a origem do grupo, os jovens lembraram trechos das primeiras letras que não foram gravadas. O grupo demonstra, a partir de seus exemplos, o grau de envolvimento entre diversos grupos na região na elaboração de uma linguagem em torno do *rap* com vistas a criar uma representação para a juventude local. A preocupação com os detalhes da produção e distribuição do trabalho do grupo é discutida a partir desses vários encontros ocasionais em Ceilândia originariamente e, posteriormente, envolvendo grupos de Samambaia (DF) e Águas Lindas (GO).

O grupo apresenta várias narrativas que se voltam para as situações que propiciaram a formação do grupo. Amauri, ao narrar as primeiras experiências do grupo, conta que era extremamente tímido e não gostava da idéia de subir num palco para cantar *rap*. Contudo, o seu interesse pelo estilo e a amizade com os jovens do setor QNX o levaram a enfrentar sua timidez e a investir no grupo, se tornando um dos principais vocalistas, “MCs”. Quando se encontraram, “a gente se trombô”, a princípio, houve certa desconfiança entre ele e os demais integrantes do grupo, como define Amauri: “(o grupo) ficou de segunda comigo”. Ele conta que na verdade havia até certa inimizade que o envolveu em problemas, como rixas. Contudo, isso logo foi superado e a afinidade em comum pelo *rap* uniu o grupo. Mais adiante, o grupo menciona que fez contato com um importante *rapper* da cidade, que lhes passou uma base rítmica e melódica produzida por ele para que fosse cantada com uma letra produzida pelo grupo em estúdio musical. Isso propiciou a primeira apresentação do grupo, que ocorreu numa escola pública da QNX. Ele conta que se sentiu muito nervoso, mas foi aí que o grupo realmente se firmou.

Am: E o bagulho é interessante, né Bm? Tipo assim, eu nunca tinha cantado *rap*.

Bm: Aí tem história muleque.

Am: A história foi cabulosa, não foi Bm? A gente se trombô, não foi ?m ? ele até ficô de segunda comigo. Aí os caras: “vamos pegá”. E ninguém me pegava. Aí eu falei vamu fugi. @Eu parecia uma minhoca@. Depois disso nos começamos a trocar ideia (1) esse negócio de que gostava do *rap*. Falava pra ele que gostava do *rap* e coisa e tal. Eu falei que gostava do *rap* desde pequeno e tal. Aí ele falô que queria até me contratar, me dá uma força. Aí eu falei pra ele que tava com o muleque, mas ele era devagar pra carái, o Em tal lá da 22 da Ceilândia. Aí beleza. Aí um belo dia, o Nei chega aqui, não é Bm? “Aí muleque qué trombá com nois, o outro muleque lá saiu. Até Em ficou de segunda ((mudança na entonação de voz para brincar com Em)) @(1)@. Aí ele me deu a base e disse, você vai cantar isso aí. Aí eu cheguei no estúdio, passei a voz e deu certo. Aí eu fui fazer a primeira apresentação foi aqui na 17 na escola. Eita Bm e só as perninhas tremendo. Aí eu falei: “ou vai ou racha”, amarelinho. E foi lombra, isso aí. Tamu aí na caminhada até onde Deus permitir.

Bm: | O mais cabuloso foi ouvir no microfone o Am cantando *rap* ((todos riem)).

Am: | Se tivesse sido em outra quebrada tinha sido mais fácil.

O grupo em diversas passagens relembra situações relacionadas a seu convívio familiar. Em geral, em suas famílias, há um histórico da ausência paterna. As mães, como chefes de domicílio, trabalham como empregadas domésticas e, em quase todos os casos,

há na família algum irmão que se envolveu em atividades criminosas. Em relação a isso, Boca se emociona e conta que começou a trabalhar aos sete anos como engraxate para ajudar sua mãe com as despesas da casa.

Além disso, Boca menciona Spagueti, irmão de Amauri, como um jovem que era envolvido anteriormente com a criminalidade, como assaltante e homicida, ficando conhecido na região por isso, “ele apavorava”. O fato de ter um irmão nessas condições fez com que Amauri fosse estigmatizado ao ser associado a seu irmão no Setor QNX. Contudo, Amauri pondera e diz que ele mudou significativamente. Diante disso, o grupo discute como pessoas de famílias envolvidas no crime, que “mete assalto”, são prejudicadas por uma imagem negativa. As pessoas dessas famílias sofrem preconceitos. Nessas comunidades, as outras pessoas se afastam por temerem ser agredidas de alguma forma, “já vira as costas, não quer nem andar perto”. O grupo alega que a população local tinha um prognóstico negativo em relação a Amauri, um jovem que teve uma trajetória de vida bastante conturbada. Contudo, a formação do grupo foi um meio encontrado para a superação da imagem negativa através do *rap*, de um novo *status* social constituído a partir do estilo *hip-hop*.

O grupo afirma que a vida de seus integrantes foi igual, “é a mesma coisa”. Diante disso, Boca menciona que seu pai faleceu quando ainda era criança, assim como ocorreu com Amauri. Boca, para ilustrar a dificuldade enfrentada por sua família, cita um trecho do depoimento do *rapper* Japão<sup>46</sup>, do filme *Rap*, o canto da Ceilândia, em que ele considera que “sua mãe teve que limpar muita bunda de filho de barão”. Boca conta que sua mãe trabalhava fora como empregada doméstica, nesse caso, ela dormia no trabalho, ao menos três dias por semana, e não tinha, portanto, como “controlar seus filhos”. Ele conta que vivia boa parte da sua vida na rua e um de seus irmãos se envolveu com a criminalidade, segundo ele, “caminhou pro lado errado”. Contudo, Boca pondera sobre o comportamento de seu irmão ao dizer que ele nunca cometeu um homicídio, ele “não tem maldade no coração”.

---

<sup>46</sup> Japão é o nome de um *rapper* de Ceilândia. Ele é membro do grupo Viela 17, que já tem vários trabalhos lançados no circuito comercial do *rap* de Brasília e nacional. Além disso, Japão é membro da ONG Central Única das Favelas (CUFA), que foi fundada na Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, e que tem sucursais em diversas capitais do Brasil. Japão, portanto, é uma referência regional da CUFA e possui várias entradas na formação de um campo político orientado por questões da juventude das periferias urbanas, como Ceilândia.

## Sobre as guerras na QNX: *Eles gosta de curti a lombra deles*

### Trajetórias familiares e o envolvimento dos jovens em conflitos locais

O grupo em diversos momentos apresenta histórias vivenciadas na QNX que apresentam elementos para a constituição de um *habitus* a partir da socialização vivida no setor. A influência dos irmãos, a imagem social do jovem na região, em geral associada ao banditismo, são exploradas como forma de ilustração desses vínculos, ao mesmo tempo afetivos e estigmatizados.

Durante a discussão sobre o envolvimento de seu irmão na criminalidade, Amaro interrompe e diz que eles tinham seu próprio modo de ser, “eles gosta de curtir a lombra<sup>47</sup> deles”. Boca então demonstra sentir orgulho dos seus irmãos, segundo ele, porque sempre lhe orientavam sobre os riscos da criminalidade, dos quais ele deveria se manter distante. Ele relembra que, em algumas ocasiões, já quis se envolver no crime, mas foi interpelado por seu irmão mais velho. Além disso, ele recuperou algumas lembranças de quando seu pai ainda era vivo, mas não oferecia as condições necessárias para o sustento da casa, “meu velho chegava (em casa) e não dava nada”.

Boca ainda menciona algumas ocasiões em que presenciou seu irmão mais velho usando drogas, a ponto de se acidentar dentro de casa devido aos seus efeitos. Sobre esse aspecto, ele admite que também havia experimentado drogas antes. Por fim, comenta que somente um de seus irmãos não se envolveu na criminalidade e que atualmente já está casado. Para Boca, essas experiências foram decisivas para sua decisão de não envolvimento na criminalidade.

Contudo, logo após seu último comentário, Boca é interrompido por Amauri. Ele alega que, de fato, todos ali estão de alguma forma “no crime” já “que é uma questão de sobrevivência”. Ele se refere a estar numa comunidade com muitos problemas envoltos à

---

<sup>47</sup> “Lombra” se refere a um estado psicológico alcançado, em geral, pelo uso de drogas, mas nesse caso a palavra se refere às escolhas existenciais dos jovens, com algo que causa prazer.

criminalidade, que levam alguns jovens a tentar se desviar constantemente desse tipo de apelo.

Bm: Tipo assim, se você pega a história do Am, a minha e a do Cm.

Am: [ é tudo a mesma coisa.

Bm: A do Am. Ele não teve pai. Tipo assim, ((ele)) morreu novo.

Am: [ eu fui criado com a minha mãe.

Bm: [ O meu pai eu perdi com sete anos(.), foi que nem o China falou, minha mãe teve que limpá bunda de filho de barão, né? Eu cresci com quatro irmão, praticamente na rua. Porque não tem condição, uma mãe que dorme no serviço, minha mãe dormia três dias no serviço e ficava os outro em casa. Aí, tipo assim, não tem como controlar quatro filho. Tipo assim eu tive dois irmão meu que caminharam pro lado errado, mas graças a Deus eles ((ruído externo)) não têm maldade no coração, nunca matou ninguém, essas coisa assim.

Am: [°Eles gosta de curtir a lombra deles, né vei?°

Bm: É isso que eu tô falando. Tipo assim, hoje eu bato parabéns até pra eles mesmo. Porque foi eles quem me ensinô. Às vezes eu queria ir pro crime fazê as coisa errada. Aí o Cabeça falava, não tu não vai não. (ele) ficava até chorando, o apelido dele era até Chora Rita.

Am: E tipo assim, eu agradeço pelos exemplo que eu tive dentro de casa. Tá ligado? ((Eu))Vendo meu velho assim pá. Chegava e não dava nada. Nois passava o maior veneno. E tipo assim, eu via meu irmão usando droga e tal. Eu já experimentei, não vou menti não. Carái, meu irmão tá daquele jeito. Caiu esse dia e tal. ( )°Carái° meu irmão tá daquele jeito. O único que não deu trabalho foi o Jú gordin que já é casado e tal. Mas rapaz se eu ( ) se eu não tivesse tido esses exemplos de repente hoje eu tava no crime (.) mais aprofundado, tá ligado?

Bm: [No crime a gente já tá irmão. °É questão de sobrevivência aí.°( ) Tem que ir, tá ligado?, desviando, parecendo super herói @(1)@. Isso é de rocha mesmo. Às vezes cê tá passando ali. O Am pá.( ). Daqui pra:lí ( )Tipo assim. A gente tá subindo daqui pra 70. Os muleque da 79 não gosta dos da 70. Entendeu como é que a história? mas a gente tem que passa:li véi. O que que a gente vai fazê? Tem que desviar, né véi? Falar e aí véi? Tranquilo? E aí pá. Passar por um e por outro.

Durante a discussão com o grupo, surge uma metáfora de foco em relação à formação do grupo e um aparente paradoxo criado por seus próprios discursos. Em diversos trechos, os jovens expõem como em suas famílias e comunidade onde vivem a criminalidade se constitui enquanto um problema a ser evitado ou sanado. Para o grupo, “estar no crime” implica assumir uma trajetória de vida marcada pela marginalização de

jovens numa periferia como a QNX ,em Ceilândia, e redefini-la a partir da constituição do estilo *hip-hop*.

O grupo discute como é a vida dos jovens na região onde moram. O grupo menciona que na QNX já houve muitas divisões e rixas entre jovens das quadras 76 e 70. Os jovens do grupo, apesar de viverem na quadra 70, alegam que não tomaram partido nessas diferenças, contudo, em diversas vezes, eles tiveram que se identificar e cumprimentar os jovens das quadras rivais de modo a se evitar o conflito. Afirma-se que, de fato, muitos jovens na QNX antipatizam-se reciprocamente.

O grupo comenta que as rixas eventualmente ainda ocorrem em função da ascensão econômica de alguns indivíduos, que encontram emprego e passam a comprar roupas e produtos inacessíveis para a maioria da população local. Isso, de certa forma, incomoda outros que não lograram o mesmo êxito, “eles crescem o olho”. Nesse caso, gravar um CD ou videoclipe pode gerar algum tipo de contenda no setor contra o grupo. Essa rivalidade se manifesta em geral por críticas na forma de comentários negativos difundidos à revelia do grupo, feitas “pelas costas”.

Y: Am mora na 79?

Bm: Não. O Am mora na 80. ( ) na 17 e Cm em Águas Lindas.

Am: Na verdade::na verdade assim, muita gente aqui não gosta de ninguém, véi.

Bm: °Não gosta de ninguém, você entendeu qual que é a ideia?°

Am: [Não pode começar a ganhar uma micharia, num pode começá a fazê uns correzim, compra um tênis pá. Que os cara começa (1 )

Cm: [°A crescê o olho°.

Am: [°A crescê o olho°. Tá ligado? Muita gente fala por falar, mas gostá não gosta não.

Bm: [Se tu gravar o CD então, complica, @(1)@.

Am: [( ) é real.

Cm: Tem uns que dá uma força e tem outros que cresce o olho.

Am: [Não. Mas tem aqueles que fala carái o clipe de vocês é doido e tal( ).

Cm: mas ao mesmo tempo pelas costa ( ).

Am: [É real.

Em relação à rivalidade entre as quadras 70 e 76, definidas como “guerras”, o grupo menciona que houve, certa vez, um confronto entre os grupos na QNX em que morreram alguns amigos seus, de ambas as quadras. Entretanto, o grupo buscou se manter numa posição de neutralidade, “a gente curtia normal”. Isso era possível porque o grupo,

através do *rap*, agradava os jovens das localidades com letras que abordam problemas, como a vida na cadeia, a violência sofrida pelos jovens de periferia. Contudo, havia certas restrições. Os jovens da 70 que gostavam do *rap* do Resistência Periférica alegavam que os mesmos estavam frequentando uma boate, “inferninho”, controlada pelo grupo rival, nesse momento, o grupo desconversa sobre as possibilidades de retaliações impostas por um dos grupos envolvidos na “guerra” local.

O grupo comenta que, eventualmente, era convidado a se apresentar em uma área controlada pelos jovens da 76, mas sempre desconversavam por temerem as possibilidades de algum tipo de emboscada. Nesse momento, eles descrevem o perfil de jovens, menores de idade, portando pistolas nove milímetros, que eventualmente pegam qualquer um como bode expiatório, “pra vê se sente a dor”.

O grupo comenta que, em meio a essa história de confrontos, muitos morreram ou foram presos, mas que felizmente esse conflito havia terminado. No entanto, o grupo ainda apresenta alguns depoimentos sobre experiências que, segundo eles, motivavam o envolvimento de jovens na criminalidade e na violência. O grupo apresenta sua versão dos tipos de situações que levam a juventude local a se envolver com a criminalidade. Boca comenta num baixo tom de voz que as coisas haviam mudado. O grupo relembra novamente Spaguetti, irmão de Amauri, para tentar uma elaboração sobre a origem das guerras que atingem os jovens na QNX.

Bm: Pra tu vê. Lá onde nois mora Dm, entre a 76 e a 70, foi uma guerra que morreu camarada meu, morreu camarada meu que morava do outro lado também que eu conhecia, tipo assim, morreu muito tá ligado Am? Né Dm? E a gente, a gente ficava praticamente no meio véi. Mas só que a gente ficava no meio (.)

Am:

Neutro.

Bm:

[Tipo neutro.

Am: [°A gente curtia normal°.

Bm:

[No meio, porque a gente, assim a gente morava na 70, e os muleque da 76 curtia o nosso *rap* (1). Entendeu qual que é a história? Os muleque da 16 falava que a gente tava num inferninho que era tipo uma boate lá (.) Só que a gente já não ia pra não dá motivo, entendeu? Pra não falar pô. Se a gentefor pra lá os muleque ( ) aí tipo assim ( )

Em:

[ ( ) ].

Bm: Os muleque de menor que anda com uma nove milímetro cheio de munição mermo, na cintura. Você mora na Ceilândia, já sabe como é que é. Aí tipo assim, eu falava, aí Am é melhor a gente ficar neutro na história, pá. Nois fazia nosso *rap*





- tomava, dava cabada, tomava as ropa tudo, o Spagueti vinha de cueca. Aí uma vez Spagueti trabalhô um mês e compro um vintedoiszão argentino ( ) 13 tiro.
- Bm: | @Ei::tá@.
- Am: | Naquele tempo quem tinha um 22 daquele era=era o (.) Zorro moço.
- Bm: | @(. )@.
- Am: | @Era o cabuloso@. Aí o Spagueti me chamô e comprô duas pipa. Eu lembro até hoje. Uma do Flamengo, e outra vermelha. E fomo soltá. Tamu lá soltanu as pipa lá, aí chega esse Tião ( . ) e pára o Spagueti de novo e toma os tênis e as pipa (1). Eu venho chorando, nois viemos de boa, né? ° Aí beleza° (1) Certo dia nois tá aqui e só vê (.) meu irmão liga não sei pra quem aí avisa( ) °tô chegando não sei da:on::de (1) acabei de matá o Tião dentro da casa dele e tal°, maió lombra, por causa de um tênis.
- Bm: °( ) falando pra tu, eu já fui até carregado por um caminhão de lixo°.
- Am: | Cabuloso. Aí ele foi pará em São Paulo ( ) e depois teve que volta de novo. Maió lombra.

Após a narrativa de Amauri sobre sua história associada à de seu irmão, Boca define o sentido da existência do grupo, “sua essência”, a partir de suas histórias de jovens que “cresceram nas ruas” da periferia. Ele mais uma vez remete à memória de seus irmãos. Um deles costumava se dirigir ao outro setor vizinho, chamado QN-OZ para roubar bicicletas. Boca conta que naquela época sempre queria acompanhar seus irmãos mais velhos. Segundo ele, seu irmão nunca permitia sua companhia nessas situações, por outro lado, ele lhe presenteava com roupas, “andava arrumado”. Diante disso, Boca conclui que vê seus irmãos como “heróis”, não por seu envolvimento com a criminalidade, mas por seu esforço para impedi-lo de não aderir a ela, todavia, ele pondera e reconhece que eles poderiam ter feito diferente, mas eles não tiveram as devidas oportunidades de estudar e trabalhar.

- Bm: | Porque a idéia que a gente tá dando aqui é tipo uma essência de tudo, né véi. Por que SR? Porque a gente porra, gente cresceu no dia-a-dia na rua, eu mesmo véi, se eu for contar meu tempo pra cá, de muleque mesmo assim, eu já tive uma (força) daquelas ( ) agradeço meus irmão, né véi? Por não ter deixado eu entrá pelo lado do crime. Querendo ou não ( ) os muleque ia robá(. ) . °Robá mesmo° eu já ( robei) pá, °vamu lá no Setor O° robá bicicleta. Ia três. Eu doidim pra ir, e meu irmão “vai não, vai não”. Meu irmão ia, eu queria ir e ele não dexava, tá ligado, qual que é a idéia? Ele cresceu me dava ropa, andava arrumado, e tal ( ) mas não gostava (( do envolvimento no crime)). Eu acho que o Am e o Dm. Eu acho que a gente vê nossas família ( ). Tipo eu não vô briga com meu irmão porque ele foi pro lado errado.

Pelo contrário. Eu vejo ele como um herói, de questão de não deixá eu ir também (1). Tá ligado? Não por que ( ). Ele não foi certo. Pra mim ele não foi certo. Ele podia ter estudado e trabalhado. Mas como é que você vai estudar e trabalhar se você não tem condições.

Boca discute algumas experiências na escola. Nesse momento, o grupo fica em silêncio e o observa atentamente. Boca relembra momentos em que, enquanto sua mãe trabalhava, alguns de seus irmãos eram infrequentes na escola, mas sua mãe lhe dava uma atenção especial por ser um dos irmãos menores. Ele alega que era sempre cobrado a ter bons resultados e isso lhe faz sentir bem. Isso lhe permitiu ir “caminhando” no sentido de construir uma história diferente das dos seus irmãos. A disciplina para os estudos que lhe permitiu concluir o ensino médio. A experiência na escola também foi importante para o esforço criativo na elaboração de letras das primeiras letras de *rap*, bem como a criação do grupo.

O envolvimento com o *rap* é definido pelo grupo como um meio de alertar outros jovens quanto à luta por justiça. Eles, num tom de riso, dizem que se tornaram os “advogados dos muleques”, ao se referirem à importância de não se permitirem ser humilhados e viabilizarem meios para a denúncia das injustiças. Eles ainda mencionam que já acompanharam algumas trajetórias de jovens envolvidos nas drogas que se recuperaram a partir do envolvimento com o *rap*.

Bm: [E antigamente, e antigamente ( ) minha mãe Am.

Am: [Ela batia moço, a bicha era aloprada, ( ) pra cá, era aloprada.

Bm: [ E minha mãe né Em? Trabalhava né? Como é que cuida de quatro filho? (2) Né? Trabalhando mermão. E meus irmão ia pro colégio, às vezes não ia. E eu cresci, graças a Deus terminei o segundo grau. Tá ligado? Eu fui um muleque, mas assim eu me sinto bem, minha mãe sempre cobrava. Pelo menos da gente, de mim e do menorzinho. A gente sempre foi cobrado. Daí a gente foi caminhando, tá ligado? Montamo o *rap*, começamo a escrever *rap*. Aí a gente saiu mesmo assim. Isso aqui é pra nos alertar. A gente já começô a ser os a:::, como é que é? ( . )( a ser)) os @advogado do muleque@. Não porra, não é assim não, não dá mole não, vai, se a polícia te bater, vai vai atrás, tipo assim, não fica sendo humilhado não porra.

Am: Oprimido, né véi?

Durante a discussão o grupo trouxe um tema que se tornou uma metáfora de foco importante em relação ao seu envolvimento na mobilização e solidariedade, mediante

práticas de lazer na comunidade onde vivem. Além de um grupo de *rap*, o Resistência Periférica desenvolve outras atividades relacionadas ao entretenimento e, além de se divertirem em bailes e *shows* em diversas localidades, o grupo também se envolve na promoção de eventos para a juventude local. Em relação a isso, o grupo realizou uma festa para angariar fundos para a família de um jovem que havia sido preso recentemente em função do seu envolvimento com os conflitos no setor. Ele havia deixado sua família sem qualquer recurso. Nesse caso, ainda havia um agravante em relação à Ana Lú<sup>48</sup>, companheira do jovem preso, mãe de três filhos, pois ela estava grávida e prestes a dar a luz ao quarto filho.

A relação de Ana Lú com o grupo se deu em função de sua participação na produção de um CD como segunda voz, *backing vocal*. Portanto, sua situação gerou uma mobilização do grupo no sentido de produzir um evento de lazer em torno do drama vivido por aquela família vinculada ao grupo. Mais adiante, de modo amadorístico, o grupo produziu a festa. Encontrou um velho galpão num setor de indústria próximo à QNX, elaboraram um cartaz e buscaram algumas rádios locais para a divulgação do evento, além de terem convidado todos na região para prestigiá-lo. O grupo menciona que o espaço para a festa ficou repleto de pessoas e que não houve nenhum incidente grave, apenas uma situação envolvendo briga, isso porque, segundo o próprio grupo, eles mesmos produziram a festa, assim como sua segurança, com permissão oficial da polícia.

Bm: É. Que a gente fez tipo um frevo tipo pra ajudar a famílias dos preso. Dos cara que tava preso. Tipo, porque. a dona que participou do nosso CD que é a Ana Lú, ele tinha o parcero dela que tava preso, o marido. Ela tinha três filho com ele e tava pra ganhar nenê. Inclusive ela passô o bode de quase ganha nenê. Aí ela tipo chego ná gente, trocô uma idéia e a gente, pô. o que a gente vai fazê pra ajudá ela? Salário não dá. O Am não trabalha, não dá. Ninguém, eu tenho filho ( ) Vamo fazê um evento. Nóis fez um evento num @galpãozão tipo abandonado@.

Am: Não deu nada, graças a Deus.

Dm: Se a gente faz unido, entendeu?

?m: Deu uma briga.

Em: Deu uma briga mesmo ainda Fm.

---

<sup>48</sup> O nome utilizado foi inserido pelo autor, pois o grupo não cita os nomes das pessoas envolvidas como uma forma de preservar suas identidades.

O grupo menciona que todo dinheiro obtido com a festa foi revertido para pagamento das despesas com o evento, tais como: divulgação, a reserva dos espaços e para ajudar Ana Lú. De fato, o acontecimento da festa chegou ao conhecimento de vários presos da Papuda, algo que gerou um reconhecimento para o grupo, que tematiza a questão carcerária em suas letras. O grupo menciona que através dessa festa pôde conhecer vários outros jovens que tinham experiências semelhantes as suas no sentido de terem perdido amigos e familiares que se envolveram no passado com o crime. Boca menciona, inclusive, que alguns jovens mortos nesse tipo de conflito eram mais novos que ele algo que o deixa sensibilizado, pois o remete à sua antiga condição “de irmão mais novo” que foi orientado sobre a importância de não ir “para o caminho errado”.

Am: E essa idéia é tão cabulosa Bm, que ontem chegou uma carta lá do presídio do Fabim pra nois, óh. Obrigado pela força Família ( ) viu, tá aí viu ?m?.

Bm: [ Aí. É isso que eu tô falando. Tipo assim. Tá ligado nessa fita aí que a gente fez muleque? Foi uma fita pomposa véi, a gente não ganhô nada.

Am: °Tá bem aqui° ((mostrando um trecho da carta para ?m)).

Bm: Eu achei massa pelo seguinte. Querendo ou não, querendo ou não, tu=tu vai olhar assim: pô, os cara tão tudo preso, é tudo marginal. É que nem teve pessoa que virô pra mim e disse: “tu vai ajudar marginal mermão, tu tá doido, pega esse dinheiro e investe”. Aí eu fiquei pesando. Pô muleque, eu tô querendo dá um trampo pra família dos cara tá ligado, família dos cara, tá ligado?; que necessita, a dona tava perto de ganhar neném e não tinha uma fralda, uma ropa.

Am: Pô, Bm, naquele dia eu fiquei até sentidão. Você chegou em mim e : ( ).

Bm: Não tinha uma ropa, quer dizer, não era papel nem nosso.

O grupo menciona algumas histórias em que jovens foram mortos nas guerras, em alguns dos detalhes discutem-se detalhes de mortes ocorridas com jovens no setor. Os jovens contam que um jovem chamado Batata, mais conhecido como Tata, presidiário e amigo de Boca, recebeu uma permissão para visitar sua família no dias das mães. Tata tinha uma contenda, “guerra”, com jovens da quadra 70. Tata vai à casa de Boca, contudo, ele não estava em casa para recebê-lo, quando Tata resolve deixar o local, ele é visto por um desafeto, que lhe mata a tiros. Ele deixou dois filhos.

Os jovens comentam que a festa, que tinha como um dos objetivos apoiar a família de um detento, gerou uma boa repercussão. O grupo recebeu cartas de agradecimentos de presidiários pelo esforço do grupo em dar algum apoio às famílias de presos. Boca ainda reconhece que teve dúvidas quanto a sua atitude, ele conta que se perguntou por que ajudar

marginais presos. Alguns de seus amigos ainda lhe sugeriram que ele investisse o dinheiro no próprio grupo. Entretanto, ele alega que, ao pensar na condição de Ana Lú, ele se remeteu a sua própria trajetória, quando era soldado das Forças Armadas e foi forçado a sair prematuramente devido a problemas disciplinares com a corporação. Dessa forma, o jovem que sonhava seguir carreira militar, tinha ficado naquele momento desempregado, estava prestes a se tornar pai, pois sua companheira naquela ocasião estava grávida, assim como a companheira de seu amigo preso mais recentemente. Boca conta que naquela ocasião contou com a ajuda de seu irmão, que acabava de deixar a prisão e iniciava um novo trabalho. Essa situação o levou a tomar a decisão de ajudá-la, ao invés de simplesmente ficar com o dinheiro para si mesmo.

O grupo conclui que as pessoas que têm dinheiro, um “riquim”, não compreendem a realidade que o jovem enfrenta numa periferia como a QNX, portanto, eles se põem a criticar. Para o grupo, como menciona Boca, caso uma dessas pessoas viesse à QNX e se mantivesse ali por uns dois meses, ela descobriria que a realidade é bem diferente, “chegaria com outra cabeça”. O grupo conclui que nem todos os presos encarcerados se comportam como crianças, muitos ao serem perguntados por suas atitudes homicidas e de assaltantes se põem a chorar. Boca conclui que a condição de preso “não é vida não”.



### 7.3 Sobre as orientações coletivas dos jovens dos grupos analisados: algumas considerações conclusivas

Os grupos de *rap* apresentaram diversas semelhanças, o que não implica um caráter homogêneo no que se refere à sua formação e envolvimento com o *rap*. As relações vicinais estruturadas pela escola e pelas limitações geográficas que os bairros impuseram foram decisivas para a realização de um encontro dos jovens. Há um protagonismo jovem que chama atenção para um envolvimento no sentido da mudança social em suas vizinhanças e famílias. Os jovens buscam assumir a responsabilidade por aquilo que, às vezes, chamam de “revolução” ou “correr atrás de algo verdadeiro”. Além disso, o ambiente familiar se configurou como um espaço relativamente importante para a socialização e contato com gerações mais velhas, representadas pelos pais, mães, padrastos ou irmãos. Contudo, apesar da ênfase dada à família e ao respeito aos mais velhos, esse tipo de argumento paralelamente informava o desejo e as atitudes dos jovens no sentido de construção de um contexto geracional específico, de um espaço paralelo ao mundo adulto, onde eles pudessem construir sua identidade a partir do seu estilo de vida, com suas respostas aos problemas enfrentados em seu cotidiano.

Sobre a formação dos grupos, o BR45 e *Rap Comando* se originaram de maneira semelhante, ambos a partir de projetos promovidos por instituições assistenciais que atuam em escolas no setor QNZ, onde os jovens residem. Os projetos envolviam a discussão de problemas locais associada a uma noção de cidadania, utilizando a estética *hip-hop* e, mais especificamente o *rap*, para mobilizar os jovens num tipo de empreendedorismo, já que o objetivo era motivar os jovens a trabalhar com música. O grupo BR45, formado há mais de dez anos, frequentou esse tipo de oficina até decidir deixar o ambiente da escola para atuar como artistas locais representantes do estilo *rap*. O grupo *Rap Comando*, por sua vez, é um grupo formado recentemente, há seis meses, e ainda frequenta o espaço das oficinas como uma possibilidade de se encontrar nas vizinhanças, bem como uma forma de aprender aspectos técnicos que envolvem o *rap* e o grafite enquanto estéticas do *hip-hop*, importantes para o grupo.

Contrariamente, os grupos Revolução MCs e Resistência Periférica surgiram da relação vicinal entre jovens que se encontravam nas redondezas do setor onde vivem, em quadras esportivas, jogando futebol ou em bailes. Eles compartilham das mesmas

experiências que os motivaram a criar o grupo. Diferentemente dos jovens do BR45 ou do *Rap* Comando, o Revolução MCs e Resistência Periférica não foram produzidos no interior de programa assistenciais ou ONGs, mas a partir da iniciativa de grupos de afinidade que passaram a agir como jovens empreendedores locais e que compartilhavam das mesmas situações existenciais de pobreza e exclusão social. Todo o processo de elaboração desses grupos, passando pela elaboração de um nome representativo, bem como pelo tipo de letras que iriam abordar, dentre outros aspectos da formação de um sistema de gostos expressos por suas orientações coletivas, está associado ao processo de autoaprendizagem a que os grupos se submeteram na busca de uma identidade em comum e de determinados fins para sua práxis estética.

Em relação à elaboração de um projeto político-pedagógico, os grupos estão voltados para um conjunto de práticas lúdicas e consumo de bens identificadores com os sentidos de uma missão transformadora. Diante disso, o grupo BR45 discute seu processo de formação seletiva, em que muitos não resistiram devido a seu envolvimento com o uso de drogas e a pichação, prática contrária à ética do grupo. Criar um grupo de *rap* foi o meio encontrado por esses jovens para apresentar um contraponto, uma aposta num futuro livre desses problemas. Além disso, o envolvimento com o *rap*, com a capoeira permitiu ao grupo se reconhecer como um produtor de “cultura” no sentido de um conjunto de práticas identificadoras de uma negritude. Essa combinação entre *rap* e capoeira é definida como a “mais forte atualmente”, dado o seu potencial de envolvimento e ação política da juventude submetida à espoliação nas periferias urbanas.

Os jovens do *Rap* Comando argumentam que o *rap* é uma forma de expressão artística e política dos problemas que enfrentam em sua cidade. O sentido de mudança social para esses jovens se expressa no sentido de “correr atrás” de algo “verdadeiro”. A crônica social elaborada nas letras do grupo representa um meio de organização e mobilização locais pelas mudanças que julgam necessárias para superar os constrangimentos sociais, definidos como as “humilhações”.

O grupo Revolução MCs, de modo semelhante ao grupo BR45, reivindica o sentido de uma missão política para realizar o resgate daqueles envolvidos no “vício do álcool e das drogas”. O meio para essa mudança de atitude está relacionado ao potencial lúdico e atrativo que o *hip-hop* apresenta para a juventude. O *rap* enquanto uma forma política de identidade adquire uma conotação mais efetiva em termos de sua capacidade de

transformação quando associado à conversão religiosa protestante. A orientação religiosa redefine os vínculos afetivos de amizade entre os jovens e suas famílias, o que gera a capacidade de mobilização social para lograr suas finalidades políticas de “resgate social”.

O grupo Resistência Periférica enfatiza as trajetórias familiares de seus integrantes, bem com de outros jovens que compartilham das mesmas condições de violência enfrentadas na QNX. O enfrentamento desses problemas seria o eixo norteador de uma formação geracional em relação ao *hip-hop* e ao *rap*, com vistas a criar uma representação política a partir de manifestações estéticas.

Em geral, o sentido de missão política voltada para a mudança social assumida pelos grupos, apresentada de diversas maneiras, tais como “revolução”, “cultura forte”, “buscar algo verdadeiro”, entre outras, não passa pela perspectiva dos movimentos sociais político-partidários ou de uma esquerda política institucional, com ideais revolucionários tradicionais. De fato, os jovens se organizam de modo autônomo e defendem uma intervenção de natureza assistencialista através de ONGs nas regiões onde vivem, com um meio ambiente urbano desprovido de equipamentos públicos voltados para o lazer e programas sociais para a juventude.

Em relação à visão do espaço social urbano, os jovens dos grupos denunciam que, mesmo em sua região, os valores individualistas prevalecem em detrimento de valores associativistas e comunitários. Mesmo vivendo em meio a um setor desprovido de infraestrutura e falta de lazer, as pessoas estão mais preocupadas em “andarem bonitinhas”. Os grupos defendem uma intervenção no sentido de se garantir o direito à cidade por práticas lúdicas de lazer e esportes. Essa seria a garantia de uma redução do quadro de violência nas cidades onde vivem.

Os jovens dos grupos, em geral, defendem um protagonismo jovem, em que o *rapper* assumiria o caráter formal de uma liderança comunitária no sentido de defesa dos interesses locais. Essa prática se daria pelo *rap* como uma forma de veiculação de protesto e engajamento em defesas dos jovens, como mencionado na expressão do grupo Resistência Periférica: “ser os advogados dos muleques”. O sucesso enquanto empreendedores musicais também deveria ser consequência da criação de uma nova cultura política. Por outro lado, os grupos reconhecem a dificuldade de se alcançar o ideal de uma transformação frente a valores que primam por relações mais impessoais e individualistas, mesmo na periferia da metrópole. Os jovens, de maneira geral, não

desferem uma crítica direta ao Estado enquanto forma representativa de governança, eles simplesmente discutem a ausência dessa governança e se mobilizam como entidade associativista, capaz de mobilizar a população local em práticas sociais, como o mutirão para a solução das demandas locais.

Em relação à percepção do espaço urbano e de possíveis interações sociais, os grupos descrevem os valores que são predominantes numa periferia em duas diferentes abordagens. Em relação à primeira, de tom distópico, os jovens afirmam que os desacertos ou rixas são frequentes como forma da materialização da violência que atinge, principalmente, os jovens em seu cotidiano na escola, nos campos de futebol, na esquina, nos bailes, entre outros. A violência entre jovens é naturalizada como parte da rotina cotidiana, base para o discurso de “resgate” social. Existe uma mitificação dessa representação social da violência a partir de estereótipos urbanos, onde há criminosos e policiais corruptos, de um lado, e a população refém de um estado de descontrole social, de outro. Em relação à segunda abordagem, essa está relacionada a uma mobilização, “correr atrás” ou “ser os advogados dos muleques”, o que se relaciona ao item discutido anteriormente sobre protagonismo jovem e sentido de mudança social. Em geral, os jovens enfrentam grande dificuldade para realizarem seus projetos como produtores locais e como lideranças políticas em potencial.

Em relação ao enfrentamento de uma perspectiva urbana e distópica materializada, definida pela violência, os grupos defendem uma reelaboração das regras sociais, em que a humildade e o sentido de existência do grupo passam a ser parte da etiqueta urbana. Para isso, cria-se um conjunto de gestos, o que seria um atributo do estilo *rap*, uma estratégia jovem de sobrevivência, que é materializada corporalmente pelo vestuário característico do estilo *hip-hop*.

Durante as discussões com os grupos de *rap*, ao apresentarem suas queixas sobre os problemas locais, como pobreza e violência, bem como ao falarem da dificuldade para uma mobilização social, os jovens construíram uma categoria de uma alteridade que seria em parte responsável pela dificuldade na mudança social que vislumbram. Trata-se da categoria “playboy”. Essa categoria, “o playboy” ou, às vezes, “o riquim” (riquinho), é utilizada para tratar do *outsider*, ou seja, daquele jovem que não compartilha o mesmo *status* social dos jovens que vivem na periferia como parte de um sistema classificatório.

Segundo eles, o playboy não reconhece as regras locais e ostenta um privilégio de classe e eventualmente se envolve em conflitos com os jovens da periferia, “os humildes”.

Além disso, os playboys são aqueles que não se envolvem nos projetos sociais na periferia, definidos por aqueles que “só querem andar bonitinhos” e que estão atrelados a vínculos de sociabilidade relacionados à valorização e ostentação de poder econômico. Observa-se, em geral, nos grupos entrevistados, a tentativa de se construir uma imagem negativa do jovem envolvido em outros estilos de vida, outros vínculos de sociabilidade que, eventualmente, se chocam com a visão de mundo dos jovens de periferia envolvidos no *hip-hop* e no *rap*. Nesse caso, a depreciação do “playboy” é parte da luta concorrencial pelo reconhecimento que demarca o pertencimento ou não dos jovens que compartilham o mesmo estilo de vida vinculado ao *hip-hop*.

Sobre a relação dos grupos com pessoas mais velhas, ou seja, que pertencem a diferentes gerações, os grupos apresentam respostas aproximadas. A relação com pessoas mais velhas é sempre considerada como importante, especialmente no que diz respeito ao acesso à experiência acumulada durante os processos socializadores. Por outro lado, também se observa, nos dois grupos, a tendência a buscar espaços de circulação e de troca de experiências que sejam exclusivamente jovens. A relação entre diferentes enteléquias geracionais, ou seja, diferentes construções do sentido de visão de mundo, como no caso dos *rappers* e seus pais, está condicionada a uma abertura para o reconhecimento das alteridades, baseada naquilo que os jovens definem como “respeitar para ser respeitado”.

Sobre a relação familiar, a mãe é representada como alguém de extrema importância, principalmente em se tratando de famílias cujos pais estão ausentes. A idealização do pai, às vezes passa por uma extrema depreciação, especialmente quando este é ausente da família, contudo, mesmo nesses casos, o sentido do pai enquanto patriarca, provedor, prevalece, trata-se do pai “guerreiro”. O relacionamento entre irmãos e irmãs está condicionado a padrões hierárquicos tradicionais, em que se valoriza o mais velho e o sexo masculino como corresponsável pela educação dos mais jovens, todavia, observam-se certas limitações em que os mais jovens e as meninas subvertem esse legado patriarcal. Em alguns casos, os irmãos mais velhos são apresentados como referenciais para a socialização dos jovens no *hip-hop* ou são construídos como “heróis” que protegem seus irmãos mais novos do envolvimento com a delinquência.

Em termos da constituição dos grupos enquanto uma subcultura, os jovens entrevistados expressaram estar vinculados a um determinado padrão de gosto social que envolve a apreciação pela indumentária *hip-hop*, que passa por um modo de se vestir distinto de outros estilos jovens, assim como um gosto musical pelo *rap*. Os jovens desses grupos, apesar de manifestarem em algum momento uma posição sectária em relação a outros estilos, como o “pagodeiro” ou o “roqueiro”, em conversas informais, admitiram frequentar outros espaços, onde circulam outros tipos de jovens, como os *shoppings*, definidos como espaço dos jovens “playboys”. Portanto, isso deixa implícito que uma identidade como a de uma subcultura é menos restrita do que se poderia supor. Apesar dos jovens elegerem um discurso de “missão”, em termos de envolvimento nas atividades sociopolíticas em suas comunidades, eles eventualmente se envolvem com outros grupos como os de jovens que apreciam o pagode, forró ou outros ritmos tocados em bares nas redondezas. Esses jovens, de outra maneira, não trazem nenhum discurso “revolucionário”, típico do *hip-hop*, mas abordam, por outro lado, o hedonismo e o amor romântico, temáticas pouco comuns nas letras dos grupos de *rap* nacional, que em geral tratam de problemas sociais na forma de um “protesto cantado”. Portanto, os grupos de *rap* transitam entre outros jovens, mas demarcam seus referências a partir de um conjunto de elementos estéticos que compõem o *hip-hop*.



## CAPÍTULO 8 ESTILO E RELACIONAMENTO: DEMARCADORES COLETIVOS EM TORNO DO TEMA SEXUALIDADE

*The language of lovers can puncture through the everyday narratives that tie us to social time and space, to the descriptions, recitals, and plots that dull and order our sense insofar as such social narratives are tied to law.*  
Chela Sandoval – *Methodology of Oppressed* (2000)

### 8.1 Grupos *Rap* Comando e BR45: Ficar, namorar e projeções de futuro

Os jovens dos grupos selecionados em diversos momentos expressaram em suas respostas informações que propiciaram a reconstrução documentária de suas orientações coletivas em torno da sexualidade masculina. A construção de um tipo masculino e jovem define no âmbito das relações de gênero a construção e distribuições de papéis femininos e masculinos especificamente na esfera da sexualidade e do relacionamento afetivo.

Os grupos apresentam em suas orientações coletivas elementos no sentido de uma interação entre o estilo de vida *hip-hop* e as definições de papéis hierárquicos entre homens e mulheres. A misoginia e o sexismo, enquanto valores masculinos, assumidos pelos grupos, não inviabilizam a construção de discursos afetivos em que as mulheres estabeleçam outras diretrizes, seja no sentido de uma inversão de poder patriarcal ou mesmo na construção de novas utopias que possam interferir na solução de problemas enfrentados pela juventude, como o pessimismo quanto ao futuro ou à violência.

#### Grupo *Rap* Comando: Relacionamento afetivo e estilo

Um dos temas que despertou interesse e maior participação do grupo refere-se ao assunto relacionamento amoroso. Quando perguntados sobre o tema relacionamento e namoro, houve uma motivação entre os jovens, muitos rapazes falaram a respeito de tal assunto, entretanto, a participação não foi tão recorrente entre as garotas. A pergunta lançada em relação à vida afetiva e ao namoro gerou toda uma atmosfera de inquietação, que não se observava com relação a outros temas, como escola e trabalho, por exemplo. Os

jovens se puseram a rir e a olharem uns para os outros. Liba (Am), que era o mais velho do grupo e o instrutor da oficina, foi o primeiro a tomar a palavra.

- Y: Como é que é a relação de vocês com as namoradas ou namorados de vocês?  
Am: @Rapaz, eu tô enrolado nessa@.  
Todo: @(2)@  
Am: Eu tô enrolado. Sabe por quê? Porque se agora eu não posso nem (.) Eu não posso nem mentir pra mulher mas em casa mas, porque ela canta *rap* também. Então não tem mais nem como deixar a mulher. Aí rapaz minha relação com ela é nota dez. Graças a Deus eu ajudo ela, e ela me ajuda. Sempre surgindo novas idéias. É isso aí.
- Todos(1)  
Bm: O cara quando canta *rap* e arruma uma namorada ele nunca pode deixar ela levar ele (.)  
Am: Ele é que tem que levar ela.  
Bm: | Pra sair. Porque tem namorada que faz isso. “Quer ficar comigo não vai fazer isso aí não ( ) que não sei o que. O cara tem que arrumar aquela que apóia. Sei lá, às vezes atrapalha. Eu não vou deixar de cantar *rap* por causa de uma pessoa. Ou me apóia ou não tá comigo.  
Am: | Foi que nem aconteceu com meu irmão. A namorada chegou para ele e disse ou você fica com o *rap* ou fica comigo. O que ele escolheu fulano? Ele tá com o *rap* até hoje.  
Rm: | Tem muitas que não aceita. Você vai fazer o show. Elas não aceita que você vai, às vezes não dá pra levar. Às vezes ela quer ir e não dá. Aí acaba querendo sair mesmo ( ) fica turbulento. Aí você vai escolher o que você mais gosta, o que é melhor pra você. Foi o que eu fiz. Eu tô aí hoje, eu tô com uma menina, tá comigo e tal ( ) ela curte de tudo, mas se ela ( ) quiser criticar. É o seguinte eu já fiz uma vez (separar) eu posso fazer de novo.  
Am: | Ela não tem como te criticar, ela põe o símbolo do grupo na calça, na camisa.  
Bm | Ela é toda doida.  
Todos: @(1)@  
Cm: Eu tinha uma namorada que eu comecei a mudar o conceito dela, porque ela era pagodeira aquele jeito moleca, marota. Por eu cantar muito às vezes ( ) aí ela começou a escutar *rap* também. Pelo estilo que eu ando eu fui falar com o pai dela, pra namorar com ela. Então ela logo me pediu pra eu fingir ser playboy, ((ele relembra seu comentário)) “porque assim você não vai causar uma boa impressão pro meu pai”. Aí eu pensei em ir de um jeito assim bem simples, mas não deu pra ir. Eu fui no meu estilo.  
DM: Minha namorada mora lá na Ceilândia e eu aqui na QNZ. Eu faço toda a bagaceira e ela não vê, mas eu não fui falar com o pai dela ainda não.

Os depoimentos remetem à valorização do estilo dentro de um sistema de *habitus*, como algo determinante das ações dos indivíduos do grupo em relação à escolha de uma parceira, “arrumar apoio”. Nesse caso, a produção artística dentro de uma conformação

geracional definirá determinados padrões de comportamento em termos de masculinidade dentro do grupo.

A expectativa dos jovens de sair desacompanhado da namorada ou companheira para um show é reconsiderada, caso ela “apoie” o estilo de seu companheiro. De fato, o sentido “apoiar” está definido sob a perspectiva de assimilação de valores sexistas definidos no *hip-hop*, como expresso por Bruno: “O cara quando canta *rap* e arruma uma namorada ele nunca pode deixar ela levar ele”, e completado por um sussurro de Liba: “Ele é que tem que levar ela”. Nesse caso, não cabe à namorada conduzir o relacionamento, mas deixar ser conduzida pelo companheiro.

Conforme Rosa (2006), elementos sexistas são recorrentes no *rap*. Isso implica na consideração da mulher enquanto um “bem” pertencente ao homem, que o “ajuda”. Além disso, o apoio ao estilo é uma premissa a ser seguida pelas garotas, o que não ocorre necessariamente em relação aos rapazes para com suas namoradas. Para eles, o *hip-hop* e o *rap* enquanto um estilo de vida definem um sistema de distinção e seleção social em que o relacionamento afetivo na forma de namoro é apropriado, portanto, como uma forma de constituição de uma estabilidade moral.

Quando um rapaz está envolvido num relacionamento afetivo com uma garota que não compartilha do mesmo estilo é o momento em que se põe em xeque a adesão do rapaz ao estilo, bem como ao grupo. Uma relação implica um tipo de cumplicidade em que a garota adepta de outro estilo, como o pagode, é depreciada como “moleca” ou “marota”, mas, ao ouvir *rap* e acompanhar seu namorado, muda, assim, o “seu conceito” em relação ao estilo.

Além disso, assumir um relacionamento com uma garota pode implicar a negociação do estilo. O *hip-hop*, devido à sua associação como elemento de negatividade, pode ser um entrave para se assumir um relacionamento, um namoro formal reconhecido pela família da garota. Isso implica tentar negociar o estilo, mudando alguns elementos como o vestuário para parecer “playboy”, ou seja, um estilo que estaria envolvido num sistema classificatório que seria supostamente mais aceito, por estar vinculado a uma maior posse de bens materiais ou *status* social.

Cabe ressaltar que, durante a discussão sobre relacionamento, as duas garotas, Amanda e Bruna, não se pronunciaram. Diante disso, Y reitera sutilmente que elas também poderiam falar caso quisessem.

Y: Como as meninas veem isso? (Questão do relacionamento, namoro).

Bf: Eu estou aqui mais como ouvinte, eu vim aqui para uma oficina de teatro então é melhor deixar a galera falar.

Af: [Ah. Normal como todo mundo né. Mesmo estilo e coisa e tal. Eu gostaria de fazer os quatro elementos no *hip-hop*, mas tamos aí no *rap*, e estamos aí pra o que der e vier.

Am: [ Ah. Se você namorasse comigo você ia ficá sem roupas porque eu ia pegar emprestado tudinho.

Bf: [Mas tem o olhar de fora, o fato de perceber tem muito integrante nesse grupo e pouca menina. Não generalizando, mas (1) eu já troquei idéias com uma galera do *hip-hop* e eles costumam ter o posicionamento deles machista (.) tirando a galera do Ataque Belize<sup>49</sup> (3) perceber que eles se deixam permear por esse posicionamento mais aberto. É muito engraçado que eles falam que cantam *rap* como música de protesto, estão lutando contra o preconceito, mas tem um posicionamento machista. Eles estão lutando contra uma forma de preconceito e estão fazendo uma sobreposição de outro. (2) Do caralho.

Todos:@(2)@.

Amanda fez apenas um breve comentário, o qual foi motivo de gracejos por parte dos companheiros homens, especificamente quando Liba mencionou que, se caso ele a namorasse, ela “ficaria sem roupa”, pois ele as “tomaria emprestadas”, o que deixou uma implícita conotação de masculinização do estilo de Amanda. Esse comentário em relação à Amanda despertou o riso dos rapazes. Diante disso, ela sorri meio envergonhada, cruza os braços e abaixa a cabeça, olhando os demais de modo indireto, sob a aba de seu boné. Bruna, a estudante da UnB, a princípio usou de sua posição enquanto universitária para evitar uma resposta e também para ajudar Amanda que não soube reagir aos comentários de AM, mas chamou atenção para o problema do machismo que supostamente não seria trabalhado pelo *hip-hop*. Em vista de sua assertiva intelectualizada, ninguém demonstrou interesse na fala da estudante. Alguns só abaixaram a cabeça e fizeram silêncio.

---

<sup>49</sup> Grupo de *rap* formado por alunos e ex-alunos da Universidade de Brasília, que produzem *rap* para a audiência universitária, ou seja, mais difundido e reconhecido neste circuito de distribuição de bens simbólicos, como festivais de música universitária, como o Finca - UnB.

Na sequência, foi feita uma pergunta relacionada ao interesse no casamento. As respostas continuaram nas mesmas perspectivas das respostas sobre a experiência do namoro.

Y: Vocês pretendem se casar, como vocês veem o casamento?  
Dm: [O que adianta você pensar em casá se você não tem a pessoa certa?  
Cm: Eu tenho namorada mas não passou pela minha cabeça casar ainda.  
Todos: (2) @(1)@.  
Bf: Eu quero terminar a faculdade primeiro, eu não penso em casar mesmo.  
Af: @Eu não penso em casar agora não véi, eu quero curtir primeiro@.  
Todos: @(2)@.  
AM: [ Negão olho nela.  
Todos: [@(2)@.

As respostas foram direcionadas no sentido de se pensar o futuro enquanto uma combinação possível de se “encontrar alguém”, estabelecer um relacionamento. Em relação a isso, para Amanda e Bruna, o que importa é a realização de um objetivo (terminar a faculdade) e desfrutar da vida pela perspectiva do lazer e da vivência no interior do estilo *hip-hop*, como foi mencionado anteriormente por Amanda, o que foi definido pela expressão “curtir primeiro”. Essas respostas, diferentemente das apresentadas pelos meninos, foram alvo de risos e gracejos por parte dos rapazes. O irmão de Amanda, chamado Manu, que estava presente, foi advertido num tom irônico por Liba: “fica de olho nela”, o que implicou uma posição patriarcal e limitadora das ações de Amanda. Ela, por sua vez, reagiu ao comentário sorrindo e aparentando estar meio envergonhada, os outros riram por alguns instantes. Após isso, ela praticamente não se manifestou durante a entrevista, o que reforça o sentido sexista de que cabe à mulher dever “ajudar” ou ser “levada” pelo homem numa relação desigual.

A entrevista seguiu seu curso com algumas passagens de foco interessante. Contudo, ao verificar o arquivo de áudio, notei que a qualidade ficou aquém do que se esperava. Isso ocorreu dadas as condições acústicas da sala, que refletiam um pouco de eco. Ouvia-se muito ruído vindo do lado de fora onde crianças brincavam, os entrevistados estavam mais distantes do que o normal do gravador, e, além disso, falavam

demasiadamente baixo. Penso que nesse caso teria sido melhor levar um gravador acessório de fita cassete para garantir um melhor resultado<sup>50</sup>.

Ao final da entrevista, agradei a todos e distribui alguns questionários. Depois disso, fomos ao pátio e tiramos algumas fotos, as quais repassei ao grupo mais tarde via e-mail. Voltamos à sala e então os jovens iniciaram um ensaio das músicas que seriam apresentadas no *show* de domingo.

Liba sugeriu um novo arranjo da sala para simular o espaço de palco. O grupo *Rap Comando* passou a apresentar sua *performance*, enquanto Liba ficava à frente do grupo ao lado do aparelho de som. Ele observava os passos e eventualmente aprimorava os passos e a impostação de voz, dentre outros detalhes da produção. Na porta da sala se aglomerava uma dezena de crianças que observavam atentas ao que ocorria ali. Outros jovens ficavam próximos a Liba como espectadores.

Houve um momento em que Liba interrompeu o ensaio, pois estava insatisfeito com a falta de ritmo de alguns integrantes do grupo. Então propôs um exercício em que ficamos reunidos em um círculo, sentados em cadeiras. Realizamos alguns exercícios rítmicos batendo palmas e cantando ou contando números com o objetivo de trabalhar a sincronia individual e coletiva. Eu apreciei muito o exercício. Ali cada um pôde expressar suas percepção rítmica, assim como aperfeiçoá-la. A estudante da UnB foi convidada a participar e a sugerir algo, mas ela hesitou e preferiu tecer apenas um comentário enfatizando a autopercepção corporal que cada um deveria trabalhar, além disso, ela fez um comentário num tom depreciativo em relação ao nome do grupo: “*Rap Comando*? Não sei se gosto disso. É brincadeira!” Ninguém comentou sua fala. Após o exercício rítmico, o grupo voltou para o palco e reiniciou o ensaio da música. Essa atividade terminou por volta das 18 horas.

Quando terminamos, ainda pude ouvir um comentário irônico de Liba sobre a estudante da UnB que já havia ido embora. “Nunca vi alguém como ela. Ela não fala nenhuma gíria. Na hora de apresentar alguma coisa ela foi fraca, mas ela é gente fina”. Amanda ainda completou ironicamente: “É... gente fina ela é mesmo”. Amanda estava ao

---

<sup>50</sup> Eventualmente farei uso dos verbos em primeira pessoa para tentar recriar a atmosfera de intimidade estabelecida durante a pesquisa de campo.

mesmo tempo se referindo à magreza de Bruna e ao seu comportamento, recebido de forma negativa, além disso, Amanda era o tipo de mulher negra, mais robusta.

Nesse momento, me preocupei com a situação que estava em jogo. A estudante era do Plano Piloto e representava outro estilo, assim como outras gírias e expressões corporais, uma outra visão de mundo, que é mais usual no meio universitário, especialmente de quem circula no “meio artístico do Plano Piloto”. Ela também foi criticada em relação à sua opinião negativa em relação ao nome do grupo “*Rap Comando*”. Percebi nessas falas a relação assimétrica entre percepções de mundo que estavam em jogo naquele momento. A garota escolarizada que frequentava as oficinas e ensinava teatro frente à juventude da QNZ, que estava sob outras condições de acesso a bens materiais e imateriais.

Após o ensaio, os jovens foram dispensados, então segui para a casa de Liba. A idéia surgiu quando mencionei que trazia comigo um DVD sobre *rap*, que Liba se interessou em assistir. Fomos ao meu carro e passamos por ruas com curvas e, às vezes, sem saída, algo bem característico e distinto para um dos bairros mais recentes da cidade. Por essas pequenas vielas, por onde tínhamos que passar devagar, outros jovens jogavam futebol na rua, todos cumprimentavam Liba e sabiam que eu era um visitante.

Chegando à casa de Liba, sua mãe estava logo na entrada fumando um cigarro. Ela foi bastante simpática logo nos cumprimentou e convidou para entrar. Eu notei que a construção era bem precária. Um portão de ferro sem pintura, a casa tinha um reboco incompleto e nenhuma pintura ou acabamento no piso de concreto. A parte interior era escura com um furo no telhado que cortava a sala com um feixe de luz. A escuridão também era resultado de um aumento da cobertura da área externa. Havia uma pequena lâmpada que iluminava precariamente a sala e ao mesmo tempo um quarto ao lado. Isso era possível porque havia entre os cômodos um vão na parte superior que permitia compartilhar a mesma lâmpada, assim como ouvir sons de conversas em outros quartos.

Na pequena sala, estava sentado o pai de Liba, “seu Matias”, um senhor com barba branca e um olhar cansado, de pouca conversa a princípio. Eu o cumprimentei e pedi licença para adentrar à sala. Logo me acomodei num sofá coberto por um forro. A sala logo foi ocupada por alguns dos que estavam na oficina. O pai de Liba estava deitado no sofá, onde continuou, apesar da entrada dos rapazes.

Num determinado momento Liba, ao cruzar a sala, levou um chute na bunda de seu pai, que ainda lhe disse: “tá pensando o quê, seu folgado?”. Liba não disse qualquer coisa e saiu para chamar mais alguém para assistir ao filme. Naquele momento tive a impressão de que todos ficaram constrangidos, alguma coisa não estava bem com a nossa presença ali. Tínhamos invadido a privacidade da casa, mas logo seu Matias ponderou e resolveu sentar para permitir que mais alguém sentasse no sofá para assistir ao DVD, que ficava sobre um velho armário de madeira, improvisado como estante para objetos, roupas e eletrodomésticos.

Na porta veneziana meio torta, havia um adesivo escrito “Lula Presidente”, era o único enfeite aparente na sala. O DVD e a TV colorida eram relativamente novos e contrastavam com seu tom prata na sala onde predominavam tons opacos e sombrios da parede ainda a ser rebocada. Apesar de escuro, o ambiente não parecia quente, mas era abafado. Havia algumas crianças, duas meninas de uns seis anos. Elas transitavam pela casa, assim como algumas garotas as quais não soube se eram da família. O barraco de alvenaria, num lote 8x8 m, tinha que comportar umas 10 pessoas.

Quando todos estavam acomodados, foi exibido um clipe do BR 45 e o filme *Rap, o Canto de Ceilândia*. Os dois filmes causaram vários comentários por parte dos jovens, principalmente em relação ao ambiente dos filmes, todos gravados em Ceilândia. Em diversos momentos, surgiam comentários do tipo: “Eu conheço essa quebrada!”, em relação às quadras do bairro que apareciam no vídeo, “É o Markim do Tropa<sup>51</sup>, é a galera das antiga, é de responsa<sup>52</sup>”. Depois disso, Liba se interessou em fazer uma cópia do DVD, eu disse que poderíamos ver se era possível, então fomos à casa de outro membro do Comando. Entramos no carro e continuamos a andar pela QNZ. Nas ruas estreitas, as pessoas transitavam. Havia em muitas esquinas galeras praticando golzinho<sup>53</sup>. Muitos ficavam nas portas observando a rua. Alguns bêbados ficavam na esquina, alguns comentavam que um dos alcoólatras era uma “pessoa de bem” e que agora estava

---

<sup>51</sup> Markin é o nome do vocalista do grupo de *rap* Tropa de Elite, de Ceilândia.

<sup>52</sup> Pessoas respeitáveis de tempos passados.

<sup>53</sup> Trata-se de uma modalidade de futebol de rua que utiliza um pequeno espaço na pista, normalmente de asfalto. Caracteriza-se por utilizar uma área menor que a do futsal e por utilizar traves pequenas e, portanto, fáceis de serem transportadas e removidas da via pública, conforme exige o “fluxo” do trânsito. O golzinho tem se tornado cada vez mais popular nas periferias como Ceilândia, onde uma urbanização precária tem acabado com os antigos “campos de terra”.

“naquela” situação. Algumas garotas que trafegavam eram abordadas pelos jovens, eles aproveitavam para comentar sobre elas. Todos ali se identificavam se reconheciam.

Quando chegamos, um dos jovens do Comando, o Galego, desce do carro e entra sozinho em sua casa para tentar utilizar um computador. Ele era o único do grupo a possuir um computador capaz de copiar um DVD. Nós ficamos do lado de fora, quando alguém comentava: “a mãe desse cara é chata pra carái<sup>54</sup>”, “Ela não gosta da gente”, “Ele não convida nem a pau para entrar”. Na janela, uma mulher, provavelmente a mãe de Galego, observava quem estava em frente à sua casa. Havia um portão de ferro com grades que iam do chão ao teto, embaixo algumas chapas de ferro galvanizado que não permitiam uma visão total da casa, a cobertura do telhado na garagem criava um isolamento quase total entre a rua e a casa. Esperamos no carro por uns dez minutos, quando Galego retorna e afirma que vai demorar a poder utilizar o computador. Então, Liba e os outros resolvem mudar de idéia e não deixar o disco, em seguida, voltamos para o carro e eu os deixei em casa.

Esses detalhes referente a fachada das casas são mais uma regra que uma exceção na arquitetura de Ceilândia. Isso expressa o limite e, quem sabe, até mesmo um sentimento de aversão à vida social, aos vínculos vicinais e de intimidade na periferia urbana articulados pelo medo da violência e o desejo de segurança. Apesar de algumas casas terem cores quentes e contrastantes, como laranja e amarelo; as cores acinzentadas eram o tom predominante. Todas as casas tinham as mesmas características: grades de ferro, que impunha a demarcação entre o espaço privativo das famílias, e o espaço externo, a rua.

Diante dessas duas experiências, a interna, ocorrida “dentro da casa” de Liba com a tensão exercida por seu Luiz e seu filho, e a “externa”, em frente à casa de Galego, onde sua mãe manteve a distância mediante as grades e o silêncio, são relevantes para se pensar nas condições dos jovens do Comando, que viviam nas casas de seus pais. Além disso, surge a questão de se repensar o sentido de uma “comunidade” num espaço urbano segregado como a QNZ. Muitas vezes o termo “comunidade” é empregado no sentido de se estabelecer um sentido de cumplicidade e integração dos indivíduos, que não correspondem necessariamente à vida nas regiões mais carentes. O sentido idílico do

---

<sup>54</sup> “Pra Carái” é uma variação de “pra caralho”, que nesse contexto tem a mesma conotação de “bastante” ou “demasiado”.

espaço urbano cantado em sambas, como “Minha maloca querida”, de Adoniran Barbosa, ou “Alvorada” em que se narra a favela onde “ninguém chora e não há tristeza”, de Cartola, sem dúvida está em xeque, diante da nova periferia blindada e superpovoada dos dias atuais. A impessoalidade e, às vezes, uma aversão à rua e a esse sentido tradicional para o termo “comunidade” tornam-se uma função definidora das mentalidades (SIMMEL,1973).

No dia seguinte, volto à QNZ para assistir a um *show*. Já eram 13 horas. Desde as 10 horas a escola promovia a Festa da Família, que oferecia almoço – galinhada – para os participantes ao valor de 3 reais o prato. Durante a festa, ocorreram várias apresentações com forte apelo religioso católico. Na ocasião encontrei um ex-colega do curso de magistério<sup>55</sup>. Frederico, assim como eu, havia se tornado professor de séries iniciais. Já não nos víamos há mais de dez anos. Ele me contou ter aberto uma pequena escola em parte da área de sua casa, na Vila M. Ele estava trabalhando ali na QNZ já desde 2004. Surpreso ao me ver ali com os jovens do Comando, perguntou se eu já os conhecia e se já tinha ido à casa de Liba antes. Respondi que não. Ele se limitou a dizer que a situação deles era muito difícil, que eles precisavam de ajuda. Eu ouvi ainda mais alguns comentários sobre o trabalho pedagógico realizado na escola, em seguida, nos despedimos e Frederico seguiu para outras dependências. Já dentro da escola, eu cumprimentei a todos e me posicionei para tirar as fotografias do show do *Rap* Comando, que encerraria a atividade.

Antes de o grupo iniciar, a diretora avisa que tudo deve ser breve para evitar problemas, pois o equipamento de som cedido por um voluntário deveria ser devolvido intacto. Os meninos comentam num tom baixo que a diretora na verdade não gosta de *rap*. Mais adiante, o grupo sobe ao palco e tenho a primeira surpresa. Amanda, a garota negra que havia ensaiado no dia anterior, foi substituída por Carla, uma garota branca filha de nordestinos, namorada de Liba. Amanda fica na segunda voz. Quando retiro minha câmera e começo a tirar fotos do Comando, os servidores e professores passam a me observar, expressando certa curiosidade com relação à minha presença ali naquele espaço.

---

<sup>55</sup> Entre 1992 e 1994, cursei o ensino médio na Escola Normal de Ceilândia, que oferecia o curso de magistério. Em 1995, após aprovação em concurso público, passei a lecionar no ensino fundamental, a princípio, na cidade do Gama e, posteriormente, em Ceilândia. Também atuei no Ensino de Jovens e Adultos como alfabetizador e, posteriormente, como professor de sociologia no ensino médio.

Após a apresentação do Comando, as atenções se voltam para o grupo *Street Base*, de *street dance*. Eu procurei tirar algumas fotos, depois me aproximei e me apresentei ao grupo. Os garotos combinam um momento para que possamos conversar e então nos despedimos.

### *O rap como motivação, o rap como educação*

Após o show, Liba me apresentou à representante da Juventude Negra. Todos comemoravam a apresentação enquanto comiam um pouco da galinhada que a escola lhes ofereceu ao final da festa. Eu fiquei próximo aos jovens, mas normalmente em silêncio, pois eu não me sentia muito à vontade para simplesmente interromper e expor minhas opiniões, já que aquele era o momento do grupo de comemorar a apresentação, bem como avaliá-la.

Enquanto conversava com Liba, uma servidora da escola se aproxima e faz um comentário, sorrindo, e se dirigindo a mim, dizendo que Liba “era terrível e eles pensaram muito para pô-lo na linha”, “é, e hoje tá todo exibido”. Ainda diante da servidora, ele lembra de episódios em que ia para a escola sem tomar banho ou sem ter se alimentado em casa. Diziam que suas condições eram tão ruins que, às vezes, lhe davam banho nos fundos da escola com uma mangueira. Ele inclusive reclamava do frio que às vezes fazia, mas mesmo assim era submetido à “limpeza”. A servidora ri e confirma o feito.

Mais tarde, Liba conta que era o (aluno) problema da escola. Ele disse que costumava brigar muito, lembrou de uma vez em que tinha apenas dez anos e que estava brigando com um colega, quando a professora interveio visando apartar a confusão, nisso Liba passa a esmurrar a professora “nos peitos”, enfatiza. Isso gera um alvoroço, em que a polícia fora convocada. Eu lhe perguntei o que lhe fez mudar para o que ele representa hoje. Ele me conta que aprontava para “chamar a atenção” dos outros, para se sentir aceito como parte do grupo, do coletivo. Quando passaram a lhe desprezar, ele percebeu que não adiantava mais aquela postura e que já era hora de mudar. Num instante depois, ele subitamente me convida a ir a uma sala de aula próxima onde algumas professoras

organizavam roupas que foram expostas num bazar. Ali ele me apresenta algumas professoras. Eu as cumprimento e logo em seguida saímos. Alguns passos à frente, ele comenta que a professora que ele acabava de me apresentar fora aquela vítima da fúria de um menino ocorrida há dez anos. Liba, agora aos 20, dizia que a professora passou a lhe tratar com carinho.

Os jovens do Comando estavam, em sua maioria, cursando o ensino fundamental. Somente Rubão havia concluído o ensino médio e Galego (Cm) estava cursando o ensino médio. Liba (Am), apesar de ser liderança, havia abandonado a escola ainda na sétima série, além disso já era pai de um pequeno garoto de dois anos.

Y: Vocês estão na escola? Como é a relação de vocês com ela?

Am: Nesse momento agora eu vou retornar, eu parei de estudar tem sete anos, sete não, tem cinco anos que eu parei de estudar, eu casei com dezesseis anos, a mulher engravidou aí eu tive que parar pra sustentar meu (filho), mas nesse momento agora eu vou retornar porque o *rap* exige, exige muito (2) o *rap* exige pra caramba. Eu tô naquela, sempre lendo, pesquisando. Eu tô sempre correndo atrás (.) Também você não pode ficar no encalço pra trás (.) pra ser uma pessoa mais adiante do que eu (sou agora) ou eu tenho que ficá junto a ele ou aprende, eu não aceito derrota também.

Todos: (3)

Rm: Ano que vem eu pretendo fazer faculdade, seguir o caminho das minhas irmãs também que são formada, eu pretendo me formar também porque como já falaram aí é bom pra mim que sou um *rapper*, é bom pra todo mundo.

Cm: Assim, eu estudo ainda (1), passei pro segundo ano agora @graças a Deus@.

Todos: |@(1)|

Cm: |É que nem o Rm disse, tem que saber de tudo um pouco (.) estudar é bom pra tudo, é bom pro *rap* ( ) saber das coisas, é isso aí, eu canto *rap* mas eu também estudo, é importante pra qualquer coisa.

A educação, entendida como frequentar a escola, é considerada como de grande relevância e desafio. Isso pode ser compreendido pelo sentido imanente ao “*rap* que exige muito”. Ironicamente, Liba, apesar de ser responsável pelo trabalho pedagógico que desenvolve com os jovens do Rap Comando, é o único que se encontra fora do sistema de ensino formal, dentro do qual sempre foi considerado “o problema”, os maus-tratos, seja no âmbito da família, “deixar ir sujo para escola”, ou ter que ser limpo “à mangueira” em dias frios de forma punitiva e constrangedora, marcaram sua trajetória. Contudo, há um sentido de resistência quando esse mesmo jovem afirma: “eu tô sempre correndo atrás” e “eu não aceito derrota também”.

Portanto, esse mesmo jovem que por um lado, encontrou na escola os obstáculos a sua progressão no sistema social, se tornou, por outro, uma liderança capaz de representar as demandas da juventude local no que se refere ao acesso a práticas de lazer através da experiência com a educação popular encontrada em outros setores fora do espaço formal da Escola.

Nesse contexto, os jovens do Comando, apesar de suas dificuldades, passam a ocupar o espaço físico dessa mesma escola a partir de uma perspectiva de busca pelo reconhecimento enquanto sujeitos sociais ativos. O espaço de reconhecimento e trânsito passível para o mundo adulto talvez esteja mais próximo de jovens como Rubão, que pretende seguir a trajetória universitária de suas irmãs, o que para ele já é, em termos de sua mentalidade, algo dado pelas circunstâncias. Portanto, parece que o *rap* constitui um espaço intelectual, de reflexão e prática social, seja no caso daqueles que encontraram na escola aquelas barreiras formais que impedem a promoção social como repetência e a evasão escolar, “eu tive que parar pra sustentar meu (filho)” seja para aqueles que não sofreram os entraves de sua condição de classe.

Para os jovens do grupo *Rap* Comando, sua condição de classe e geração materializada num espaço precário como a QNZ, alvo de eventuais programas assistenciais promovidos por ONGs, motivaram o envolvimento dos jovens em atividades lúdicas, como oficinas de *rap* em que os mesmos podem expressar, a partir de uma estética musical, suas questões e problemas cotidianos. A demanda dos jovens por lazer e participação num espaço coletivo é um fator motivador de sua inserção enquanto grupo dentro da escola, espaço ambivalente que constrange os seus estudantes a partir de práticas discriminatórias e restritivas, mas, por outro lado, permite sua participação e expressão a partir de atividades racionalizadas da prática artística como uma oficina de *rap* ou a apresentação em uma atividade comunitária da escola. Essas possibilidades de inserção criam os vínculos sociais que a educação formal não foi capaz de consolidar. Além disso, essas atividades lúdicas oferecidas nas oficinas aproximam os jovens fortalecendo seus vínculos sociais, um sentimento de pertencimento do grupo num espaço social mais abrangente que estrapola o âmbito da Escola ao mobilizar os jovens na região onde vivem.

Depois da conversa que tivemos sobre a trajetória escolar de Liba, ele chama todos do Comando para deixarem a escola. Ao sairmos da escola, algumas garotas que apareceram no *show* propõem que deveríamos ir à casa de uma delas para passar à tarde, pois seus pais estavam fora e só chegariam mais tarde. Os rapazes a princípio não gostaram da ideia, porém mudaram sua opinião quando as garotas prometeram que lá outras garotas estariam à espera para conhecerem os garotos do Comando. Elas poderiam até mesmo ficar<sup>56</sup> com eles. Assim, os rapazes foram convencidos, o problema é que a casa da garota era em outro bairro/setor, conhecido como Palmeira, há uns 3 km dali.

Em função disso, os jovens me convidaram insistentemente a acompanhá-los, já que dessa forma eu poderia colaborar oferecendo uma carona, os demais iriam de ônibus. Eu aceitei e fomos para a Palmeira. Liba veio comigo além de mais uns 5 membros do Comando. Chegamos quase todos juntos à velha casa de alvenaria, provavelmente construída ainda nos anos 80, cheia de infiltrações e louças sujas. As formigas estavam em toda parte. Na sala, pôsteres da seleção brasileira dividiam espaço com outro de uma garota grávida acariciando a barriga. O sofá tinha um forro de seda vinho. No chão um tapete marrom se harmonizava com vestígios do revestimento de taco há muito danificado. Assim que cheguei me dirigi a uma sala, seguindo aqueles que entraram primeiro, isso se deu até que chegamos aos fundos da casa. Lá havia um quarto com objetos pessoais da anfitriã, que logo disse que ali não era lugar para homens estranhos. Essa foi minha deixa para me retirar, mas logo percebi que eles eram cordialmente agressivos entre si, o que não significava efetivamente um repúdio, mas seu modo de estabelecer uma interação informal. Dessa forma, não me acanhei e até pedi um pouco de água. A anfitriã Nina abriu a geladeira e notou que não havia mais água. Então me ofereceu um suco, feito já há vários dias, mas por educação, não pude desprezá-lo. Eu literalmente não sabia onde estava e com quem eu estava.

Logo depois voltei à sala onde não havia mais espaço no pequeno sofá vinho. A anfitriã logo providenciou cadeiras onde nos acomodamos. Nesse ínterim, chegaram mais garotas. A proporção era equilibrada, em média havia umas dez meninas para um número

---

<sup>56</sup> Relação afetiva amorosa, fugidia, instantânea.

de dez garotos. Enquanto isso Liba ajusta o DVD com videocliques de *rap* gringo<sup>57</sup> no aparelho de som que fica no volume máximo, mesmo sem qualquer equalização, pois é assim que eles gostam. Havia comida, como um peixe assado que foi servido no almoço, biscoitos, entre outras coisas que passaram a ser comidas por todos.

Lá fora, formou-se uma roda só de garotas. Elas conversavam aos risos enquanto olhavam os garotos que estavam concentrados na sala e na porta de entrada. Eles comentavam sobre as meninas, elegendo as que poderiam apresentar “tudo”, até o “CPF”<sup>58</sup>, e, quanto às outras, em função de uma padronização estética, eles demonstravam a princípio aversão ou algo semelhante ao se referir a garotas como Amanda, negra e gorda. De qualquer forma, as meninas lá fora se decidiram por entrar e “tomar” a casa.

Elas entraram sem falar com nenhum dos rapazes do grupo e foram em direção à cozinha. Depois disso, iniciou-se um ritual em que alguns dos rapazes eram chamados individualmente para as outras dependências da casa, entre a sala e a cozinha. A ida era rápida, mas suficiente para “ficarem” por alguns instantes sem maiores comprometimentos. Os que voltavam tinham em seus rostos uma expressão difícil de descrever. Chegavam calados com um sorriso estampado no rosto. “Ela só me beijou!”, dizia um deles. Depois disso, gerou-se certo alvoroço entre os rapazes. Alguns na sala chegavam a gritar “eu to doido” em relação às meninas. Enquanto isso, Liba, que estava no sofá com sua garota, ao perceber a movimentação dos rapazes, passou a reforçar num tom ambíguo que “o mais importante era a fidelidade”. Ele disse isso insistentemente por várias vezes a ponto de sua garota ficar olhando desconfiada, tamanha sua ênfase. Ele percebeu a atmosfera do distanciamento e passou a cortejá-la ali mesmo no sofá. Os outros só assistiam, riam e continuavam na expectativa. Pouco depois, Liba diz enfaticamente: “todo mundo aqui vai beijar, até você Breitner!”. Confesso que fiquei assustado e fiz questão de expressar isso visualmente, balançando os ombros e gesticulando as mãos num tom de interrogação. Liba chegou a perguntar se eu tinha algum problema, pois estava mais calado que o normal. Eu disse que estava “de boa”<sup>59</sup> e que não havia problema algum, mas que eu

---

<sup>57</sup> Expressão utilizada para se referir ao *rap* norte-americano, normalmente de cunho mais comercial, com apelo sexual, como *Snoop dog dog*.

<sup>58</sup> Nesse caso, os garotos se referiam a uma das garotas que tinha o fenótipo de ser branca e magra e que seria a mais atraente entre as outras meninas que tinham traços indígenas e/ou negros.

<sup>59</sup> A expressão “de boa” significa “estar bem”.

não beijaria ninguém ali. Em seguida, alguém chega com uma garrafa de Fogo Paulista, um licor barato, doce e extremamente alcoólico. Perguntaram-me se eu gostava de beber, eu fiz questão de dizer que não estava a fim naquele momento. De fato, para além de qualquer moralismo chulo, eu sabia que minha situação ali era arriscada, pois eu era praticamente o único maior de idade e que havia oferecido carona para vários adolescentes menores de 18 anos para realizarem uma festa sem o consentimento dos donos da casa.

No entra e sai dos meninos e meninas, chega uma informação que muda toda a dinâmica da festa. O pai da anfitriã estava vindo no fim da rua. Ele era um senhor negro, de uns 50 anos e empurrava um carrinho, que provavelmente era utilizado para trabalhar como ambulante. Como já passava das três horas da tarde, a ideia de que se tratava de um vendedor ambulante seria a mais provável. Pela janela, pude ver seu olhar de estarrecimento e cansaço ao ver toda vizinhança, naquela tarde escaldante de domingo, próxima a sua casa, assistindo “de camarote” a festa que sua filha, uma adolescente, estava promovendo.

Após notarem sua presença, imediatamente as meninas da vizinhança, que estavam na casa, se retiraram, só restando os garotos e garotas da QNZ, a anfitriã e eu. Liba pergunta em tom baixo, quase sussurrando: “Ele vai nos expulsar?”. A anfitriã responde: “Não, não dá nada”. Liba conclui: “É (...) Ele não é doido”. Poucos instantes depois, o pai da garota chega finalmente ao portão de entrada. Contudo, ele ao perceber a aglomeração diante da casa, pelas meninas da vizinhança, resolve entrar discretamente por uma entrada lateral, para evitar a sala onde a turma se encontrava. Todos ficam apreensivos, quando, de súbito, ele aparece na entrada interna da sala e grita: “Desliga essa porra que eu quero dormir!”. Em seguida, ele dá as costas e se vai. Daí, sua filha imediatamente gesticula, mesmo que silenciosamente e pelas costas, apontando o dedo médio, num gesto de repulsa, na direção do pai que acabara de se queixar do barulho. Um dos rapazes desliga o som que estava no máximo e Liba, na sequência, convida todo o Comando a se retirar da casa.

Aglomeramo-nos na porta onde outros vizinhos tinham colocado até cadeiras para acompanharem a movimentação na casa em frente. Uma das garotas ainda comenta em relação à atitude do pai: “Eu já vi isso acontecer antes, não foi a primeira vez”.

Eu insisti ficar mais alguns instantes com o pessoal, mas logo em seguida me despedi confirmando minha presença na escola no próximo fim de semana para outra entrevista com o grupo Rap Comando. Mais tarde, ao checar os dados dos questionários do

Comando, notei que todos marcaram ser solteiros, nenhum deles (as) marcou estar namorando. Algo que definitivamente pôs em xeque certas categorias estáticas sobre “estado civil” e as dinâmicas para um relacionamento amoroso.

O “ficar” instantâneo, fugaz, é uma redefinição das relações afetivas para essa juventude. A relação do namoro está num nível de interação que não incluiria eventuais encontros com pessoas desconhecidas em espaços voltados para o entretenimento, como a festa. Por outro lado, os jovens, especialmente os rapazes, tendem a assumir seus relacionamentos quando estes são estabelecidos na região onde moram e/ou estudam.

GRUPO BR45: *Pra namorar tem que ser perfeito, mas a fila anda.*

Discursos sobre namorar e ficar no relacionamento juvenil

De modo geral, o grupo BR45 se posiciona de maneira diversa em relação ao namoro e à perspectiva de construção de uma família no futuro. De fato, durante a discussão são apresentadas algumas experiências que abordam temas como o sentido de liberdade, o namoro enquanto compromisso pré-matrimonial, o casamento propriamente dito e uma outra situação onde as regras para se estabelecer o relacionamento são mais fluidas em função de interesses mais imediatos.

Cabe ressaltar que os temas “namorar” e “ficar” não se limitaram à discussão no momento em que foram apresentadas as questões relativas aos temas. Durante vários trechos relacionados à formação geracional, o relacionamento com os familiares do grupo ou no contexto das experiências de discriminação racial, a questão sobre relacionamento foi abordada frequentemente. Portanto, o tema relacionamento se tornou algo transversal no grupo de discussão. Contudo, nesse capítulo serão abordadas as respostas geradas especificamente no contexto dessas questões. Em outros capítulos, é possível observar a articulação das orientações coletivas aqui analisadas em torno do relacionamento de sexualidade masculina.

Outro aspecto relevante sobre a discussão sobre relacionamento dos jovens do BR45 está em que parte da conversação foi acompanhada por algumas jovens amigas e

parentes dos rapazes, como irmãs e primas, algo que impôs um certo direcionamento do grupo, composto exclusivamente de homens, em relação a audiência feminina.

Y lança uma pergunta sobre relacionamento para os jovens. Todos riem e Cenin, (Cm) de 17 anos, o mais jovem do grupo, diz sorrindo que todos ali são casados e ele, o “único solteiro”. Os demais jovens no grupo se desconcertam com o tom provocativo de Cenin, que remete a um sentido de disponibilidade e liberdade, que supostamente não é a condição dos seus companheiros no grupo. Portanto, em função dessa resposta, Bantu (Bm) e Duarte reagem dizendo que tinham terminado recentemente seus relacionamentos com suas namoradas.

Bantu fala do fim do seu relacionamento, que ocorreu há poucos dias. Ele assinala que foi um namoro longo, de quatro anos, e que a relação era ótima apesar das discussões. Em seguida, Duarte (Dm) em tom de riso afirma que, assim como Bantu, também havia terminado um relacionamento havia duas semanas. Ele afirma que “as coisas são desse jeito, a fila anda”. Bantu repete a mesma assertiva e todos se põem a rir, até mesmo as espectadoras. Augusto (Am) então sugere que se passe à próxima pergunta. Y alega que é muito importante que esse assunto seja discutido e todos se põem a rir.

O grupo, ao recorrer à expressão “as coisas são desse jeito, a fila anda”, se remete à fugacidade dos relacionamentos afetivos e fluxo interativo entre os jovens e seus afetos. Ao mesmo tempo que estar solteiro remete a uma série de possibilidades de encontros num conjunto indefinido de pessoas definida como “a fila”, por outro lado, falar nessa dinâmica em alguns momentos gera certa insegurança ou constrangimento para o grupo. Diante disso, alguns dos jovens pedem que outras perguntas sejam feitas.

Em seguida, Augusto afirma que está namorando com uma ótima pessoa, Bantu sorri ironicamente, Augusto demonstra irritação com um olhar cerrado, de baixo para cima. Frente ao gracejo de Bantu, Augusto reafirma que está vivendo um excelente momento em sua vida. Enquanto Bantu sorri, todos os outros membros do grupo ficam em silêncio.

Y : Tem namorada, são casados? Como é a relação com suas namoradas?

Todos: @(2)@.

Cm: @Eles é casado e eu sou solteiro@.

Todos: @( )@.

- Bm: Eu não vou falar não, mas até três dias atrás, quatro dias eu tava namorando, mas eu não sei se eu volto pra ela. Mas eu acho que volto sim porque era um namoro longo. A gente namorô quatro anos e oito meses entendeu? Namoramos pra caramba, a gente gostava um do outro pra caramba, apesar das discussões que tinha era ótimo. Era ótimo nosso relacionamento, entende?
- Am: No momento agora eu também tô namorando, graças a Deus é uma ótima pessoa.
- Bm: @(ironia )@.
- Am: | ( ) mesmo tá bom demais.
- Bm: [|@ agora todo mundo ficou tímido@.
- Em: [|@Não, que da outra vez que você veio aqui eu falei que eu tava namorando e agora já também eu terminei. Eu tô solteiro. Porque é desse jeito. A fila anda, a fila anda. Igual os cara@ ( ).
- Bm: | @A fila anda, a fila anda que nem falou o Bill ali@.
- Am: Qual é a próxima pergunta?
- Todos: @(3)@.
- Y: @essa pergunta sobre as mulheres, ela é realmente muito importante@.

Elmo (Em), que até então não havia se manifestado, reconhece que o tema trazido descontraíu o grupo, em seguida, ele afirma que namorar é algo muito importante como uma etapa preparatória para o casamento, além disso, ele considera que o namoro é definido por “sinceridade” e “fidelidade”, a partir dessas premissas deve-se buscar a “perfeição”. Após a definição de namoro apresentada por Elmo, o mesmo admite não estar namorando de fato, mas “está com uma menina aí”. Finalmente ele reafirma a necessidade da perfeição no namoro para que o mesmo seja verdadeiro e compara isso à religião ou a uma cultura. Em tom de riso, ele não afirma que está namorando, tampouco está solteiro.

- Em: É porque esse papo namorar. Foi um papo que descontraíu bastante, mas namorar é muito importante, porque o namorar é o preparar pra noivar, o noivar é o preparar pra casar. Entendeu? Então eu acho que o namoro tem que ter sinceridade, tem que ter fidelidade, tem que ser perfeito ou pelo menos tentar encontrar a perfeição. Eu não vou falar que eu tô namorando não. Eu tô com uma menina aí. Mas se não tá sendo perfeito, não tá sendo um namoro. Cada um tem um jeito de pensar né, no lado sentimental, no lado emocional. É tipo cada um por si, entendeu? É como se fosse uma religião. Uma cultura que vem de casa, da família. Eu não vou afirmar @ “eu tô namorando”, mas também não tô solteiro@.
- Cm: @Eu sou o único solteiro aqui no BR45, sem compromisso@.

O grupo cria uma idealização tradicional pra o relacionamento, contudo, os mesmos admitem que, de fato, experienciam práticas de relacionamento menos convencionais, como namoros esporádicos definidos como “ficar”. Durante a discussão, os

jovens apresentam eventualmente afirmações inspiradas na Bíblia e no comportamento definido como “cristão”. Fala-se em “sinceridade”, “fidelidade” e “perfeição”, mas quando se trata do relacionamento que os jovens estão vivenciando, de fato, eles optam pelos verbos “estar” ou “ficar” com uma “menina”. Além disso, considera-se que nesses casos onde o namoro não está instituído, o que vale é a “interpretação de cada um” para o que está se experienciando, algo que atribui uma dinâmica diferente de um namoro convencional.

Em seguida Y lança uma pergunta sobre a intenção dos jovens do BR45 de se casar. Os jovens do BR45 consideram de um modo geral que o casamento é algo “fundamental”. Bantu afirma que viver a dois é fundamental e para isso deve-se casar. Elmo e Cenim destacam que o casamento serve para se “construir uma família”. Bantu ironiza e menciona que a família atende parte das etapas da vida, deve-se deixar descendentes, “herdeiros, de 2 a 4 filhos”, isso, segundo o grupo, caso a mulher “aguentar”.

Bantu argumenta que se duas pessoas estão vivendo juntas maritalmente, mas não assumem essa posição estariam segundo ele se “prostituído”. Além disso Bantu afirma que deseja “envelhecer” junto com a sua mulher, sem separar-se dela. Ele alega que aos 27 anos ainda não pensou em casar por essa razão. Bantu alega que crianças filhas de pais separados sofrem muito. Ele apresenta alguns exemplos em que a criança se sente prejudicada pela separação dos pais como em eventos sociais na escola e na comunidade. Finalmente ele usa o exemplo de sua família que nunca se separou, algo que para ele se constitui como uma referência.

Augusto menciona o período em que esteve vivendo com uma companheira e com um filho, mas que terminou em separação. Ele lamenta não ter acompanhado o crescimento do filho em função disso. Bantu sorri e se volta para os demais que estão em silêncio observando. Augusto retoma a palavra e afirma que ainda assim pretende se casar, mas somente quanto tiver trinta ou trinta e cinco anos. Em função do comentário de Augusto, Bantu afirma que casar cedo é besteira. Duarte toma a palavra e comenta que “deve-se estabilizar a vida primeiro”. Bantu chama a atenção das dificuldades decorrentes de um casamento sem planejamento, para isso ele utiliza a expressão “ficar passando fome”.

- Y: Mas, dando continuidade a esse assunto. Vocês pensam em se casar? Constituir família?
- Bm: Eu? (.) Eu penso. Eu acho que viver uma vida a dois é::: fundamental e tem que tá casado (.) Eu tenho vontade de construir porque a gente num veio no mundo só pra vegetar. A gente veio no mundo pra:: (.).
- Cm: : [construir.
- Em: [construir uma família.
- Bm: [ crescer e reproduzir, constituir uma família e deixar herdeiros pelo menos @um, dois três quatro@ (.) @depende da mulher se ela aguentar né@.
- Todos: @(. )@
- Cm: @dois três, dez@ ( ) tá massa.
- Bm: Eu acho que se a pessoa vive a dois e não é casado tá se prostituindo. A gente mesmo assim durmindo com a namorada na cama, a gente tá se prostituindo ao mesmo tempo eu quero tá casado me:smo e eu quero envelhecer com ela. A mulher que eu escolher pra casar ( ) vai ser ela ( ) e envelhecer mesmo. Por isso pode existir briga, desavença eu quero ficar ( ) por isso, que eu não tô casado até hoje. Eu vô faze 27 anos agora dia 23 e nem pensei em casar entendeu? Porque eu acho que a criança sofre por ter pai e mãe separados.
- Am: Eu:: Eu mesmo tive uma ilusão aí: ( ) teve um tempo aí eu me juntei com uma mulher fiquei quatro anos com ela tive um filho mas::: é isso daí é:::( ) a vida continua né? A vida continua, ilusão, cinco minutos de burrice na vida, mas eu to aí pra consertar, mas hoje eu me arrependo de não ter vido, de não ter vido o primeiro passo do meu filho, a primeira palavra dele, mas é isso aí (.) a vida continua (4).
- Bm: [ @ e vocês?@ @ (2)@.
- Cm: [ @Eu já falei@.
- Bm: [((bate palma com expressão de riso sarcástico)) ( )
- Am: [ Mas eu pretendo me casar novamente novamente, mas com uns 30, 35 agora.
- Bm: É besteira o cara casar cedo. Né? (1) Casar com: 19 casa=com: @Quantos anos você tem?@
- Dm: 23.
- Bm: @ó 23@ é besteira casar cedo assim. O cara tem que casar: ( ).
- Dm: Começar a estabilizar a vida primeiro.
- Bm: [ Estabilizar a vida primeiro pra procurar constituir uma família (.) porque porque ficar casando ( ) se basta só um ficar passando fome.

Como afirmado anteriormente, os jovens do grupo consideram o casamento importante, mas de fato não o consideram como algo prioritário em suas vidas. A experiência de casamento e separação de Augusto é vista como uma espécie de advertência para o grupo, em relação a se estabelecer um casamento sem que haja as devidas condições para manter a sua durabilidade. O grupo mantém o consenso de que “casar cedo” é uma ideia indesejável sem que se construam as devidas condições materiais para que ele se realize, o que evitará “ficar passando fome”. O namoro assim como o casamento são

importantes, mas de fato os relacionamentos vivenciados pelo grupo, em geral, estão no campo da estabilidade passageira de se “ficar com as meninas” Isso implica por sua vez em não estabelecer um compromisso duradouro, como um namoro ou casamento.

## 8.2 Masculinidade e misoginia: a construção social do namoro e a monogamia

### Grupos Revolução MCs e Resistência Periférica

O grupo REVOLUÇÃO MCS: *Dando um rolê, porque tem dona dando mole no frevo*

Relacionamento de rapazes, formação de pares românticos e o sentido da fidelidade

- Y      └ Bom, vocês têm namoradas ou vocês têm esposas, como seria essa relação com as mulheres?
- Am                   └ @O barato é loco véi@.
- Bm                   └ Namorada, eu já tive namorada mas @eu sô mais de ficar zanzando@
- Am                   └ @malandrão@
- Bm                   └ Já quiseram, mas eu não consigo ficar ali::::: só com uma não, eu sou uma pessoa que eu tipo gosto é de frevo.
- Am      └ @Uma vida louca na história@
- Bm      └ Se eu tiver uma hora marcada tipo com minha namorada ali, não que eu não goste dela, mas tipo assim se eu tiver uma namorada ali, e um muleque chegar e ((aí Blink vamo ali no frevo ali mermão, vai ter altas donas e pá)), eu vou pro frevo e depois eu sento pra conversar com ela, eu invento uma desculpa, um caô, falo que fui com a minha mãe.
- Am      └ Mas você não tem namorada ((por isso fica falando isso)).
- Bm                   └ Tipo assim que nem ontem (.) tipo uma doninha ali pá.
- Am                   └ @E a gente dá conselho pra ele ainda@.

Y apresenta uma questão sobre relacionamento. O grupo se exalta, os risos se tornam constantes, assim como os olhares recíprocos em busca de cumplicidade se multiplicam. Para os jovens do grupo, a resposta sobre como encaminham seus relacionamentos não é unívoca, tampouco linear. Contudo, em cada trajetória individual há uma inclinação para um *habitus* da festa e do lazer como forma de encaminhamento de suas orientações coletivas na esfera do relacionamento afetivo. Em geral, os jovens já estiveram envolvidos com namoro, contudo, preferem não manter um relacionamento fixo.

Em contrapartida, as festas e os encontros casuais orientam suas práticas e seus gostos em relação aos encontros mais fortuitos e momentâneos que podem ocorrer, como considera Blink (Bm) ao dizer que prefere “ficar zanzando”, que desperta o riso dos demais integrantes do grupo, Amaro (Am) e Conde (Cm). Eles, em resposta a Blink, o chamam de “malandrão”, termo que manifesta nesse caso um tom discretamente irônico repreensivo quanto à posição de homem galanteador e ao mesmo tempo descompromissado com as mulheres. Esse comentário do grupo gera uma resposta de Blink, que busca justificar sua posição. Ele afirma que já quis ter um relacionamento fixo, mas não consegue manter um único vínculo, portanto, prefere viver a diversão, definida pela palavra “frevo”.

O relacionamento com as garotas é estipulado pelo grupo quando está reunido. Estar na presença de outros homens interessados em flertar com outras garotas é preferido a estar na companhia da namorada do relacionamento estável, monogâmico. Blink exemplifica que se ele eventualmente for convidado para alguma festa, “frevo”, em que haverá a presença de outras garotas disponíveis, chamadas de “donas”, nesse caso ele desiste do encontro já marcado com sua namorada. Ele argumenta que posteriormente irá procurá-la para lhe dar uma explicação, na qual ele omitiria a experiência do frevo com as “donas”. Para isso, ele contaria uma mentira a sua namorada, definida como “caol” ou “caô”. Amaro contrapõe Blink e comenta que ele só tem essa postura por não estar namorando de fato e que ele costuma aconselhá-lo quanto a esse tipo de postura, considerada por ele como incorreta.

Blink conta que costuma ser convidado por seus amigos para um passeio, para se divertir, “dar um rolê”. Ele comenta que numa dessas ocasiões uma “dona” estaria insinuando estar interessada nele, “dando mó mole”. Blink afirma que costuma aceitar os convites para esse tipo de atividade, mas admite que, com o passar do tempo, se sente enjoado e não demonstra mais tanto interesse nesse tipo de relacionamento mais ocasional, momentâneo. Ele conclui num tom de riso que Amaro é um tipo de pessoa que se apaixona facilmente. Diante desse comentário, todos riem. Amaro demonstra certo constrangimento e diz para Blink “parar” com esse tipo de comentário. Amaro tenta desviar a atenção do grupo voltada nesse momento para ele e convida enfaticamente Conde para apresentar seus comentários sobre o tema. Conde sorri meio envergonhado, faz uma pequena pausa e em seguida diz que, precisamente, não tem uma namorada e se compara a Blink, contudo, ele faz uma ressalva, pois, segundo ele, não costuma participar tanto de festas, “frevo”, como Blink. Diante desse comentário, Amaro sorri e comenta que Conde ainda está mais

preocupado com sua conduta religiosa, pois ele se considera evangélico, “ainda está orando”.

Conde comenta que hoje ele pode estar com uma garota, “eles se vêem, se falam, fazem qualquer coisa”, contudo, logo em seguida, ele encontra outra garota e finalmente ele prossegue em múltiplos relacionamentos.

Para o grupo, o relacionamento é determinado ocasionalmente em encontros múltiplos. Em alguns casos, os jovens mantêm vínculos com várias garotas ao mesmo tempo sem compartilhar com as mesmas que se trata de um relacionamento sem compromisso de um namoro monogâmico. Isso expressa aspectos de um relacionamento pautado em bases patriarcais, em que o jovem mantém certo controle sobre suas namoradas ao firmar um compromisso monogâmico, que, de fato, não ocorre.

Para os jovens do Revolução MCs, estar no “frevo” implica jogar com o relacionamento, no sentido de manter vários relacionamentos. Por outro lado, os jovens mantêm um relacionamento mais estável, no sentido de maior duração, um namoro. Nesse caso, a namorada nunca é informada sobre os outros relacionamentos dos jovens. Para eles, isso implica ludibriá-las, criar uma fachada que represente a estabilidade no namoro, omitir e mentir sobre outros possíveis relacionamentos, prática definida pela expressão “aplicar o caô”. Por outro lado, estão as “donas”, garotas supostamente sem namorados e que potencialmente poderiam flertar com os jovens.

Há uma variação dessa situação de múltiplos relacionamentos. Nesse caso, o jovem estabelece desde o princípio uma situação de não envolvimento, num par romântico. Eles se divertem juntos, se vêem e podem eventualmente aprofundar ou não o relacionamento, contudo, não há um jogo de blefes ou “caô” em que o jovem tentará lograr o controle de várias namoradas ou “donas”. Nesse caso, os relacionamentos ocorrem um por vez. Isso demarca uma diferença em relação a “viver zanzando”, um relacionamento por vez num curto espaço de tempo ou “viver no frevo”, manter vários relacionamentos ao mesmo tempo e num espaço de tempo curto.



*Ela: pessoa perfeita pra mim ou feita pra mim*

*Monogamia e masculinidade na relação entre jovens*

Durante a discussão sobre relacionamento, houve em princípio o posicionamento do grupo por relacionamentos sem o vínculo monogâmico centrado na figura masculina. Contudo, houve uma polarização no sentido da defesa do namoro tradicional, numa estrutura monogâmica.

Am: | Eu já tem um ano e três mês que eu namoro.

Cm: | @Vai casar@

Am | A melhor coisa do mundo é namorar, @altos beijinho, altas briga, altas divergência, altos conflitos de pensamento@.

Cm: | A mulher dele com todo respeito é toda perfeita, toda bonita, é linda, meiga. Pra ele ::(( )).

Am: | Não. Tipo assim, como eu falei, eu sempre tô visando o *rap* mas como eu te falei, na minha vida ela veio como o *rap*, o *rap* vei pra mim fazer ficar mais dentro de casa, mais atento, mais esperto (.) as pessoas que vei, e depois virou as costas pra mim, eu aprendi com eles certos pensamentos, não certos pensamentos ((mas)) certos gestos, certos tipos de conduta, ficar mais na sua e tal ((hoje em dia)) eu até agradeço as pessoas que me viraram as costas hoje, a minha namorada ela veio num momento muito ruim, Blink lembra disso e chegou a envolver o *rap* em conflitos pessoais é, em conspiração muita vezes por dinheiro ou fama na quebrada, coisas que envolviam violência mesmo, então ela veio num momento bom no meu toque de falar, me tirou do meio da multidão, igual o Blink, quando eu acho que (1) quando eu acho que vários estão contra mim, no meio de de: cem tinha um, o Blink, tanto é que hoje em dia ele tá aí.

Bm: | @Apesar das discussões a gente discutia pra caramba@.

Am: | Até hoje existe isso.

Em relação à defesa de um relacionamento monogâmico com namorada, Amaro menciona que já está envolvido há mais de um ano e que isso é “a melhor coisa do mundo”, ele exemplifica num tom de riso que no namoro existe a intimidade “dos beijinhos”, que se remete a um sentido de cumplicidade no relacionamento apesar das eventuais divergências e dos “conflitos de pensamento”. Contudo, o comentário de Amaro desperta o olhar de Conde, que comenta sorrindo e, em baixo tom, que Amaro vai se casar. Em seguida, ele lança um elogio sobre a namorada de Amaro ao mencionar que ela é “perfeita, toda bonita, linda e meiga”. Amaro responde rispidamente que “não!”, se referindo ao comentário de Conde sobre sua garota. Conde então se recolhe ao silêncio.

Amaro, por sua vez, inicia um comentário paralelo em que compara seu relacionamento com seu envolvimento com o *rap*.

Amaro, em seus próximos comentários, menciona que o *rap* veio para lhe “fazer ficar mais dentro de casa”, “ficar mais atento e esperto”. Dito isso, ele faz uma pequena pausa e olha para todos e se fixa momentaneamente em Conde, que mantém um olhar cabisbaixo. Em seguida, Amaro segue dizendo que se envolveu com outras pessoas que posteriormente lhe decepcionaram, “lhe viraram as costas”, essas experiências foram, segundo ele, importantes acerca do aprendizado dos gestos e condutas das pessoas, que lhe motivaram uma conduta mais reservada, “ficar mais na sua”. Ele considera que, apesar de ter se decepcionado, isso foi algo também positivo para seu aprendizado, pois foi num momento ruim que ele encontrou sua namorada. Nesse momento, ele se dirige a Blink como alguém que teria acompanhado sua trajetória.

Amaro menciona que se envolveu em conflitos pessoais, “conspirações” em função da disputa por *status* social ou mesmo dinheiro na região onde vive. Essas situações, segundo ele, chegaram a envolvê-lo em atos de violência. Em meio a essas situações, o encontro com sua atual namorada foi fundamental para levá-lo a se distanciar de brigas e ameaças, essa mudança o teria retirado dos problemas da “multidão”. Nesse caso, o relacionamento amoroso cria uma possibilidade de enfrentamento dos dilemas de um mundo em que os vínculos sociais são mais superficiais e momentâneos e eventualmente conflitivos (SIMMEL, 1973). Ele ainda comenta que, em meio a toda essa situação de infortúnios, a presença de seu amigo Blink se manteve. Conde nesse momento aproveita e menciona que apesar da amizade as divergências eram constantes, assim como a retomada do consenso entre os dois amigos.

Amaro retoma a palavra e discute brevemente sobre a formação de vínculos sociais de amizade e consciência grupal relacionados ao movimento *hip-hop*. Para ele não há amigos ou meio amigos, para ele há ou não há fraternidade na relação entre “irmãos”. Na fraternidade, há uma maior cumplicidade que aproxima os indivíduos do grupo. Nesse momento todos estão em silêncio acompanhando seus argumentos.

Após lançar essa parábola em relação aos vínculos afetivos e de fraternidade como um arcabouço moral que orienta a estrutura do *habitus* do grupo, Amaro resolve retomar o assunto sobre namoro e relacionamento. Ele considera que ter namorada evita o envolvimento dos homens com prostituição, entretanto, ele ressalva dizendo que não é

contrário àquele que se envolve com muitas garotas, definido como “garanhão que pega todas”. Contudo, ele admite estar voltado para uma relação monogâmica, mais estável, o que é definido pela expressão “eu tô parado”, que seria uma condição diametralmente oposta à condição de “estar no frevo”.

Amaro argumenta que quando se encontra a “pessoa certa” ou que se supõe ser certa, vive-se de modo mais reservado, respeitando seus próprios sentimentos. Isso implica um envolvimento com a pessoa certa, “conversar mais com ela”. Amaro admite que não acreditava que pudesse existir a pessoa “perfeita” ou “feita” para ele, toda mulher era vulgar, sem valor, vagabunda”. Ele admite que alguma coisa mudou em relação a seus pensamentos, apesar dele saber que não dá para confiar totalmente. Todavia, ele assume que sabe com quem está, da mesma forma que ele conhece suas companhias. Amaro conclui com ar de convicção que ser astucioso, “malandro”, é saber viver e que ele está envolvido nessa experiência. De fato, ele fez uma grande parábola sobre amizade e fidelidade que desvirtuou o debate, principalmente depois do comentário ambíguo de Conde que, logo em seguida, se retirou do grupo sem dar maiores explicações.

O depoimento de Amaro em relação ao seu envolvimento com sua namorada expressa a busca do grupo por uma estabilidade moral que pode ser garantida com a companhia feminina, seja ela em bases monogâmicas ou não, num ambiente onde ficar sozinho significa estar na “multidão” com seus respectivos problemas. A existência de uma namorada permite aos jovens que os mesmos compartilhem a construção de suas respostas no sentido de um grupo numa mesma unidade geracional, o que se identifica na expressão “saber que existe uma pessoa perfeita”.

Apesar de alguns membros do grupo admitirem não ter namoradas, eles constroem seus argumentos no sentido de estarem frequentemente encontrando garotas como as “donas”, que reforçam um sentido de masculinidade delineado por estar com várias garotas ao mesmo tempo.

No caso da atitude em relação à defesa da monogamia, define-se um discurso no sentido da maturidade emocional, que estabiliza o indivíduo. Contudo, ocorre o aumento do sentimento de posse, nos termos do comportamento ciumento em relação a namorada. Para o grupo, mesmo sabendo que não se deve confiar integralmente nas pessoas, há sempre a possibilidade de se construir laços de fidelidade entre pessoas “perfeitas” umas para com as outras. Por fim, durante a discussão, a ênfase dada ao sentimento de

cumplicidade entre amigos foi apresentada como uma delimitação do sentimento de ciúmes, que apesar de latente gerou uma tensão que fez o grupo repensar a relação dos vínculos sociais definidos pelo estilo *hip-hop*.

O embate entre diferentes posições, seja monogâmica ou não, é parte dos dilemas enfrentados pelo grupo. Ainda em relação a essa tensão, Y lança uma pergunta sobre a intenção dos membros do grupo em relação a casamento e filhos. A projeção de futuro implícita na pergunta leva o grupo a manifestar um interesse mais homogêneo favorável à ideia de casar e ter filhos. Isso foi observado primeiramente em Blink, que manifesta seu interesse em se casar e ter filhos. Diante de sua resposta, Amaro aproveita e diz que Blink iria deixar de cometer falhas, “sair da vida bandida”. Blink responde com certa irritação à provocação de seu companheiro. Ele continua a manifestar o seu desejo de constituir sua vida da sua maneira, “do seu jeito”, que implica um desejo de mudar. Amaro ri da tensão provocada por seu comentário e sugere que Blink deve obter um bom emprego. Blink concorda e diz que gostaria de ter um bom emprego e um carro para passear com sua mulher, ele pensa em ser “alguém na vida”.

Y: Bom, a outra pergunta, é beleza, é, cada um tem uma forma de se relacionar no momento né, cada um tá vivendo uma história, né isso, e como é, vocês pensam em casar, ter família, ter filhos?

Bm: Até casar...

Pra falar a verdade véi, eu tenho, eu tenho, tem vontade assim de casar sei lá, de ter meus filhos,

Em: [@ sair da vida bandida@

Bm: [sair da vida bandida não véi ((irritação))

Em: @ (2 ) @

Bm: [mas tipo, mudar viver do meu jeito tá ligado, mudar.

Em: [@Um bom emprego@.

Bm: [ É, arrumar um bom emprego, ser o que eu quero ser, ter uma casa, um carro, pra eu ficar de rolê com a minha mulher, quiser sair, sei lá, é isso aí véi, um dia eu penso em mudar, penso em casar, penso em ser alguém na vida né?

Amaro, por sua vez, afirma que pensa em constituir uma família. Ele menciona que já viveu junto com outra mulher por algum tempo e admite não saber se isso tem o mesmo significado de um casamento formal. Amauri pontua que não se pode viver na miséria e que tudo hoje em dia tem seu preço. Ele afirma que eventualmente pode não se encontrar

emprego, assim, diante da possibilidade de desemprego, não se pode pensar na possibilidade de constituir família, dessa forma, o que se pode fazer por enquanto é sonhar.

Am: | Cara já eu penso em constituir uma família, eu acho que quando fala em casar assim, já fui junto, não como casamento, mas já moramos junto, não sei se casar é a palavra certa e eu.

Bm: | Tem muita gente que quer casar que já está vivendo há muito tempo.

Am: | Como eu falei, como eu falei, a gente não dá pra viver é na miséria, é que precisa de tanto pra pegar o ônibus pra um lugar, pra outro, tudo hoje em dia se paga mau, pra deixar currículo, quem hoje em dia não tem um bom emprego, não é visto, não como um vagabundo, tem uma profissão pra fazer, eu tô estudando, trabalhar e estudar, eu já trabalhei já, mas às vezes a gente está desempregado, então a gente não pode pensar em constituir família, sem não antes pensar em seus projetos pro futuro, então é isso, que pensar a gente pensa, a gente comenta. Por enquanto a gente faz é sonhar.

Em relação a uma atitude reflexiva em relação ao futuro, o grupo associa a constituição de uma família, em bases monogâmicas, como um meio de transformação pessoal. A expressão “ser alguém na vida” pode ser associada à intenção de obtenção de emprego, que implica uma mobilidade social em termos econômicos. Por outro lado, o grupo manifesta sua preocupação em relação ao futuro “a dois”, pois isso implica participar do mundo do trabalho, que é encarado pelo grupo como instável e comprometedor da estrutura familiar. Portanto, nesse caso, há certa ponderação sobre a intenção de se assumir uma série de responsabilidades que levam os jovens a não estabelecerem planos mais definidos em relação a constituição de uma família nos termos de uma união conjugal, para eles “por enquanto (o que resta ) é sonhar com o futuro”.

## O grupo Resistência Periférica: “A complicação do bom marido e suas falhas”.

### Relacionamento e afetividade no Grupo Resistência Periférica

Os membros do Resistência Periférica (RP) estão em sua maioria envolvidos em relacionamentos mais estáveis, casados ou namorando. Durante a discussão com o grupo sobre como os jovens lidam com o relacionamento com suas companheiras, imediatamente se estabeleceu uma atmosfera de risos e, logo em seguida, um deles define a questão como “complicada”. Além disso, durante toda a discussão, prevalece uma dualidade em relação a suas representações coletivas, que são ilustradas pela dualidade entre ser um “bom marido”, por um lado, e, por outro lado, cometer “falha”.

O estilo *hip-hop* materializado por diversas práticas de lazer irá gradualmente definir certos comportamentos no que diz respeito à relação entre os sexos. Em geral, os homens estabelecem atividades relacionadas à diversão que não incluem mulheres. Amauri (Am) diz que gosta de sair para tomar umas cervejas, mas nem sempre informa sua companheira disso, pois ela não demonstra interesse, “ela não é de frevo”. Isso provoca certa tensão na vida do casal, sua estratégia para minimizar o problema se dá pela busca do diálogo, “trocar ideia”, pois continuar a viver no “mesmo mundo”, ou seja, se restringir ao espaço social do casamento seria algo indesejado. Ele fala que antigamente costumava sair e só retornar no dia seguinte, agora ele procura informar sua companheira a que horas voltará para que ela possa ficar lhe esperando, essa é sua alternativa frente ao comportamento “falho” do homem. Essas tensões provocadas pelo comportamento “falho” do homem, ou seja, de sua busca contínua por outro espaço sem a presença de sua companheira, são definidas como “conflito de alma”. Enquanto Amauri fala, todos observam atentos e, ao final, Conrado (Cm) dá uma breve risada.

Am: Tipo assim, eu acho que eu sô um bom marido, mas eu tenho minhas falha, tá ligado? Tipo=assim, tipo=assim, minha mulher não é de frevo assim tá ligado? Não gosta. Aí pá, e eu assim quando começo a tomar uma cerveja, mano (.).

Dm: | @Já era@.

Am: Só Jesus na nossa causa, porque é problema. Que nem eu falei com ela, tipo uma vez aqui, eu falei pra ela: não amozinho vou só ali comer um cachorro quente. Que hora que eu cheguei? Quatro hora da manhã. Tá ligado?

Todos: L@2@.

Am: LÁí pá, eu troquei idéia, viver no mesmo mundo que ela é pior. Moço. Antigamente quando eu casei com ela eu saía, por exemplo eu saía hoje e só voltava amanhã, ( ) no outro dia. Tá ligado? Agora eu já tenho uma coisa de falar ((ruído de carro)) me esperando. É o que eu faço, porque o homem é falho. Mas agora eu tenho uma consciência, né? Agora a relação de casado é bom:::, fora isso, se não fosse as briga que aparece aí. Conflito de alma. É cabuloso.

Cm: L@1@.

O encontro entre garotas e garotos irá definir a criação de vínculos afetivos como namoro e casamento. Esses vínculos estão relacionados a aspectos de proximidade geográfica com a vizinhança e a atividades de lazer relacionado ao *rap*. Denis (Dm) conta que conheceu sua ex-mulher num salão durante um baile de *hip-hop*. Após se casarem e passarem a viver em Ceilândia, ele passou a sair para cantar em apresentações com outros companheiros homens, contudo, quando ele se preparava para deixar sua casa ela começava a lhe xingar. Ele, por seu turno, diz que ignorava suas ofensas. Ela ainda lhe dizia que ele deveria escolher entre o *rap* e a sua companhia. Diante de tal situação, Denis acenava ironicamente como se estivesse se despedindo de sua companheira e lhe dizia para “ficar aí”, pois ele já estava de saída, “saindo fora”. Em seguida, ele se refere ao seu estilo como uma propriedade, algo que lhe atribui um sentido de pertencimento, uma autoimagem, que sua companheira quis lhe tomar, “tirar uma coisa de mim”. Ele disse que já cantava *rap* há quatro anos quando a conheceu, o que caracteriza a sobreposição do estilo sobre o relacionamento, assim como definiu o grupo *Rap Comando*.

A manutenção do relacionamento ocorre pela exclusão da companheira das práticas de lazer que são sempre definidas pelo viés masculino, “sair com os amigos para cantar *rap*”, porque quando eles se conheceram ele também já cantava *rap* e ela fazia parte do espaço de circulação de jovens desse estilo sem que isso se constituísse num entrave. Há uma outra situação semelhante apresentada por Conrado, que retruca enfaticamente as considerações anteriores de Denis: ele afirma que, em seu caso, supostamente, ocorreu o contrário. Conta que sua ex-companheira passou a gostar do *rap* através de sua influência. Ela tinha interesse em saber os detalhes dos *shows*, quem iria se apresentar, entre outras coisas. Denis ainda tenta justificar que sua mulher passou a causar problemas depois do casamento.

Em: Comigo foi o contrário, Celine passou a gostar do *rap* por causa de mim, @ (1) @. Ela vai (.) ela gosta mesmo (.) ela quer saber quem é quem (.) quer tá no palco. E eu falo os nome tudim pra ela, “esse aqui é fulano, mora não sei aonde”.

Dm: [Foi depois de casado que a ((minha)) mulher encrespou ( ).

O estilo caracterizado por práticas de lazer e determinadas indumentárias é algo que caracteriza o grupo. Isso se expressa a partir de suas ações e significados constituídos nesse sentido de pertencimento coletivo. Nesse caso, o casamento aqui aparece como uma mudança no significado e na dinâmica de consumo dos jovens que redefine a orientação coletiva em torno do estilo, como, por exemplo, o costume de sair com os amigos. Apesar de Emanuel e Denis terem conhecido suas companheiras em meio ao ambiente *hip-hop* dos bailes e *shows*, o que implicava participar de um meio frequentado por homens e mulheres, num segundo momento, essa prática passa a ser considerada apenas como interessante exclusivamente para os homens. Portanto, em ambos os casos, o vínculo afetivo mais duradouro, como o casamento ou o namoro, passa a ser um entrave ao prosseguimento do homem no estilo, como expresso por Denis em “tirar uma coisa de mim”.

Essa tentativa de constituir um espaço de relativa autonomia masculina e exclusão feminina define o sentido de “falha” no comportamento do jovem de sexo masculino após assumir um determinado tipo de relacionamento. Amauri aproveita para comentar um episódio em que estava com sua companheira e outros amigos numa boate quando alguém acende um cigarro de maconha, “uma barata”. Segundo ele, sua companheira passou mal, daí ele a levou de volta para a casa. Amauri afirma que ela não gosta desse tipo de ambiente e, além disso, seus amigos haviam dito para que ele não levasse sua mulher, “tu não leva sua mulher”. Por outro lado, Amauri admite que apesar de sua mulher ficar contrariada, nesse caso, é melhor que ela esteja em casa a ter que se sentir mal na rua.

Am: [ ° É que nem eu vô te dá uma idéia°. Eu fui naquele dia pra Capital ((boate em Taguatinga Sul)), tava eu, tu, a Dásia que é minha esposa, tá ligado? Aí tamo lá curtindo, quando um cara lá acendeu uma barata ((cigarro de maconha)), aí quando eu vejo ela tá morrendo. Aí eu falei, vamo embora moço. Tá dormindo? Ela ficô lombrada.

Dm: [ Quem? Sua mulher?

Am: [Foi. Já não gosta e (.) pá tá ligado? Aí os muleque fala pô “tu não leva sua mulher”. Né não moço. É pra mim ir e dizer que a

mulher sentindo mal? É melhor eu dizer, né não? Ficar em casa. Apesar que ela vai achar ruim.

*Da distopia da guerra ao amor para trabalhar a cabeça: Relacionamento amoroso e visão de mundo*

Quando a vida em espaços segregados envolve toda a família, irmãos e irmãs em conflitos, o relacionamento entre os jovens, o amor e o envolvimento são capazes de gerar uma transformação. Amauri fala de alguns problemas com outros grupos que queriam matá-lo, o que ele chama de “guerra”. Outros rivais queriam matá-lo porque ele seria considerado alguém ingênuo e imaturo, um “prego”. Segundo seus parceiros, isso estava relacionado a problemas anteriores de seu irmão. Amauri diz que esse problema é assim de “geração para geração”, problema que só amenizou depois que ele “cresceu”. Ele acrescenta que esses problemas poderiam tê-lo feito outra pessoa. Além disso, apesar de seus irmãos serem errados (envolvidos no crime), era um pelo outro. Ele segue dizendo que mesmo seu irmão estando preso (numa penitenciária), uma parte dele também estaria “presa lá dentro”. Ele menciona que certa vez chegou à vizinhança na esquina da quadra e disse que seu irmão não estava sozinho, pois ele estaria do seu lado mesmo estando do lado de fora da prisão. E desafia caso alguém envolvido no conflito queira tirar satisfação com ele na rua, pois ele estará lá disposto a isso, e acrescenta que não pertence a esse mundo e não veio para ficar.

O pensamento distópico em relação à vida e ao mundo experienciado ali no bairro restringia os horizontes de Amauri, que já havia perdido a companhia do irmão que estava preso. Por outro lado, nesse mesmo ambiente, ele encontra aquela que será capaz de “trabalhar sua cabeça”, ou seja, de estabelecer novos valores no que se refere à compreensão da vida e dos problemas que o cercam através do amor entre duas subjetividades distintas e, nesse caso, heterossexuais. Amauri dizia que, durante esse período, encontrava-se na rua com a garota que seria hoje sua companheira.

Am: | Era coisa tipo assim de geração pra geração entendeu? Um bagulho que amenizou quando eu cresci. Entendeu? Que amenizou que era pra eu tá tipo o outro. Apesar que meu irmão pode ser errado como for, mas tipo assim, um é pelo outro, tá ligado? Eu tô tipo aqui na rua aqui, meu irmão tá lá preso? Mas um pedaço meu tá lá dentro, tá ligado? Um pedaço. Pá, que nem eu falei. Cheguei lá no pátio lá ontem é o seguinte: “Meu irmão não é só não, tal, se for pra cruzar na rua tô aí”. Não sô daqui, não vim pra ficá. E é o seguinte, depois disso, minha mulhé me via ((na rua)) e eu achava bonitinha e eu falava “vô pará ela”. Aí ela saía correndo, moço. Aí ela falava é o Am. O Am era a mesma coisa=de vê o demônio, moço. Ela saía correndo. @Aí ela falava “É o Am@”. e “Pra”, corria.

Am: Aí foi mudando, conheci ela. Ela foi trabalhando minha cabeça, e tal. Aí parei, aí conheci os muleque, aí foi um apoio, tá; apesar que eu não sou fã entendeu? Nunca fui. Minha vida melhora de cem pra mil por cento.

Y: | Pode crê.

Ele queria se aproximar daquela pela qual ele havia se apaixonado, para chamar sua atenção, para se lançar numa paquera, “vô pará ela”. A garota, por sua vez, saía correndo, buscando se afastar de sua presença. Ele dizia que ela preferia “ver o demônio” a estar em sua companhia. Ele justificava sua aversão pelo fato de estar sempre armado e envolvido na guerra. Amauri pondera sobre a perspectiva que a jovem tinha ao seu respeito acrescenta e menciona que de fato não era uma pessoa discreta ao se referir a seu estilo simples de trajar apenas uma bermuda como vestuário. Logo em seguida ele retoma a discussão sobre os conflitos na região onde mora, ele diz que nessa época não tinha tranquilidade em sua casa, havia armas e munição. Havia uns 20 revólveres no bairro. Contudo, com a gradual influência de sua namorada, foi mudando sua postura, deixando de lado seu envolvimento com as “guerras”, ela foi “trabalhando sua cabeça”. Depois disso, conheceu outros jovens que formaram o RP e que também o apoiaram. Sua vida teria melhorado substancialmente de “100 para mil por cento”.

Amauri ainda encontra a recusa dos pais de sua atual companheira. Ele justifica seu empenho em estabelecer um relacionamento como sendo uma “outra fita”, ou seja, uma situação capaz de uma mudança qualitativa de conduta dentro do grupo social que o levou a abandonar a “guerra” e se tornar um vigia de supermercado. Além de sua namorada, o encontro com outros jovens com o mesmo interesse pelo *rap* são elementos dinamizadores da construção de um novo estilo que altera seu posicionamento em relação às “guerras”. Ele abandona as armas e se arma com a lírica das rimas e a poesia para uma outra guerra num plano artístico. Dessa forma, o namoro é interpretado como a materialização de um amor romântico, bem como uma possibilidade de um casamento. Nesse caso, uma união

estável é associada a possibilidade de alteração do status social do jovem dentro de seu grupo.

- Am: | A mulher me via, moço, corria, moço. A mãe dela quando via eu conversando com ela, a mãe dela chegava e puxava ela e dava o bote, @°éh:::°@.
- Bm: | @(1)@ @até hoje é cabuloso, né?@.
- Am: | Não. Mas a mãe dela comigo  
(.).
- Bm: | @°Agora amenizou°@.
- Am: | amenizou, agora o padrasto dela (.).
- Bm: | Porque o Am era muleque, não tinha futuro pra filha dele, era tipo a @minha patricinha, né?@  
@(1)@.
- Am: Falava que eu só ia, pá, chegá e dá o bote, “sai daí tio”. E tô falando pra eles o seguinte; é outra fita.

A paquera é definida por Conrado como “catá muié” (catar mulher), que exprime a postura do grupo em relação à busca por uma eventual companhia feminina durante o momento de lazer, quando os garotos saem para beber. Aqui a ideia de “catar”, no sentido lato de recolher algo que está disponível, implica a possibilidade de se cortejarem diversas garotas ao mesmo tempo. A discussão sobre paquera e seu modo masculino de flertar eventuais garotas gera certo alvoroço e risos durante as respostas do grupo. Além disso, há por um lado a idealização da mulher agressiva, “a bicha era braba”, aquela que sai “à procura do marido à noite vestida de camisola”. Por outro lado, há a idealização da mulher “carinhosa” que entende as limitações e falhas do marido, os “furos”. Essa mulher é a que “arruma a roupa com carinho”, para que seu marido possa sair para o *show* com seus parceiros ou aquela chamada de “minha nega” que prepara sua marmitta. Nessa passagem o tom é de riso e certo sarcasmo com relação à condição de suas companheiras. Além da mulher agressiva, “braba” e da mulher subserviente, “carinhosa”, há aquela que atua enquanto parceria positiva na solução das demandas e dificuldades da vida, essa é a mulher que “trabalha a cabeça”.

*Concentração e Xingamento: uma sociologia do escárnio e de ausência feminina*

Durante vários momentos da discussão os membros do Resistência Periférica lançaram alguns gracejos entre si. Alguns deles, como Conrado, se dirigem aos outros membros do grupo como Denis e dizem que o mesmo é “capado”, ou seja, não é viril, e “mancebado”, atribuindo uma conotação de que o mesmo tem um relacionamento, mas que este é algo instável, impreciso. Apesar da conotação negativa das duas palavras, elas são ressignificadas num ambiente masculino e sexista, em que se referir ao outro negativamente, agredi-lo, faz parte de uma gradual construção de intimidade entre homens e de vínculos afetivos entre os mesmos. Além disso, Conrado ainda faz menção à filha de Denis que teria nascido recentemente, que possui somente alguns meses. Durante sua fala, ele é interrompido novamente por Conrado, que lança outro comentário mencionando que esse fato é “bom”, especialmente daqui uns 17 anos. Nesse contexto, Conrado faz uma dupla menção a uma filha imaginária de Denis já na sua fase jovem, definida como mulher já constituída fisicamente, e disponível, por outro lado, Boca (Bm) também se converte num homem idealizado disposto a cortejá-la.

Am: | Vô te dá idéia aqui, eu  
sou casado. O Bm também é, o Cm é::::  
Cm: | °@capado@°.  
Em: | @2@.  
Am: | mancebado. O Dm  
é::casado. O Em é separado.  
Bm: | @A filha do Dm nasceu, isso é bom:: daqui uns 17 anos:@,  
@1@.

Parte das relações de socialização dos homens e a construção do seu sistema de gostos e valores são construídas diversamente numa relação de oposição ou no sentido de se evitar a presença feminina. A busca por essa “ausência feminina” é apresentada como um meio de se preservar a concentração que seria “retirada” do grupo pela presença das mulheres. O fato de o grupo realizar apresentações é estabelecido como subterfúgio para que suas companheiras não compareçam ao local dos eventos, que também é frequentado por outras garotas, mas que teriam o *status* de não estarem em sua companhia.

Além disso, a expressão “porque nois no grupo é fechado numa idéia, tipo ninguém levar a mulhé” define um sentido de pertencimento masculino e misógino. Estar num

ambiente masculino implica redefinir aquilo que, num contexto, mais amplo seria considerado ofensivo e desrespeitoso. A exemplo disso, o grupo mantém a prática do xingamento, a criação de códigos de reconhecimento masculino, que segundo o grupo não podem ser compartilhados com mulheres e, em especial, aquelas com as quais eles têm um relacionamento, pois incluem traços misóginos e homofóbicos.

O xingamento e o palavrão têm uma função social integradora, decisiva por estarem relacionados a um sistema de valores complexos que tende a se redefinirem em função de múltiplos aspectos<sup>60</sup>, como a formação da masculinidade. Em relação a isso, Conrado menciona que quando estão reunidos têm o costume de xingar uns aos outros, e que se uma das companheiras vir isso pode não gostar, pois ela “já olha”. Aqui nesse contexto, quando homens estão em grupo, há uma suspensão provisória que os permite se relacionar de modo mais íntimo. Isso implica, entre outras coisas, se permitir xingar e aceitar ser xingado, sem necessariamente infringir aquilo que em outra situação seria uma afronta à honra do indivíduo.

Cm: | A minha mulher fica brava, porque tipo assim, eu saio de vez em quando, e ela “Eu quero ir pro Racionais também”. Eu falo “não gata, não dá pra tu ir, tal”. Porque tipo=assim, é complicado, né véi? Tu vai pra cantar, e a mulher qué ir, e não tem como levar.

Am: | Tira a concentração do=cara.

Cm: | porque nois no grupo é fechado numa idéia, tipo ninguém levar a mulhé. Por que? Porque tira a concentração. Tipo

---

<sup>60</sup> Jocenir, em sua obra autobiográfica, “o Diário de um detento”, narra sua trajetória enquanto presidiário no sistema carcerário paulista. Ele faz menção sobre vários aspectos da vida diária dos presos, como a prática do lazer. O futebol como uma dessas práticas é redefinida, enquanto fora do sistema prisional, o xingamento é uma prática comum entre os jogadores, exercendo às vezes até uma função integradora e motivadora do jogo, por outro lado, dentro da prisão, o jogo se dá de maneira silenciosa, o que nesse caso significa a manutenção da honra entre os detentos, caso alguém infrinja esta regra, pode sofrer alguma agressão mais tarde quando voltarem para a cela. “Diferente do que ocorre nos campos de futebol espalhados pelo país, em jogos de futebol não há ofensas e nem palavrões. Uma simples palavra de baixo calão suja uma honra, invariavelmente se lava com sangue” (JOCENIR, 2001, p. 23). Jocenir adquiriu certa notoriedade após manter contato com o vocalista Mano Brown, que editou parte de seus manuscritos sobre o cárcere na versão videoclipe de o *Diário de um Detento* (1997), que narra o massacre no presídio Carandiru em São Paulo, e também foi ganhador do melhor clipe MTV no mesmo ano. Veja o clipe no sítio da internet <http://www.youtube.com/watch?v=M1i-iGxUz9M>.

assim eu “**Ei Am** seu viado, não sei o que tal” ((dá um tapa no sofá enfatizando um susto ou repreensão num ambiente de intimidade)). Tá ligado? Aí a mulher dele ( ).

Dm: [ Já olha.

O estilo *hip hop* enquanto referência para uma representação social masculina não permite uma intervenção feminina no sentido de uma avaliação da *performance* dos integrantes do grupo de *rap*. Dessa forma, as jovens eram definidas como aquelas que “botavam defeito” e deveriam ser mantidas à distancia. Em relação a isso, Boca ainda relembra uma experiência em que as primas de Amauri foram ao ensaio e prejudicaram a concentração do grupo, fazendo comentários sobre quem teria a melhor *performance*. A possibilidade de participação na elaboração do grupo é um fator que pode levar o mesmo a se desestruturar internamente, gerando um retraimento, “gerar uma contenda”. Mesmo admitindo diferenças internas ao grupo, esse enquanto tal tenta estabelecer uma fachada harmônica para eventuais observadoras, “ninguém canta melhor que ninguém”. Portanto, fatores ligados à integração e à harmonia entre os membros do grupo são aspectos definidores que irão prescrever a separação das mulheres, com as quais eles têm relacionamento nos diversos circuitos de lazer, exclusivamente masculinos, criados por eles, como ir beber cerveja à noite, ir para um baile, ensaiar ou se apresentar num *show*. Em todas essas atividades, as mulheres são impedidas de acompanharem seus namorados ou maridos, “É por isso que a gente evita levar mulher”.

Cm: [Gera a desatenção no show. Tipo, é igual a gente vai ensaiar, às vezes trancava a porta, ficava minhas prima, né Em? A Eliene. “Porque a gente não pode ver, a gente só que ver” tá ligado? Ah, porque se nos deixava ver, (elas) botava defeito. “O Cm canta melhor que o Am”. Aí gerava uma contenda entre nois. E nois não queria isso, nois era fechado. Nois cresceu tipo assim. Ninguém canta melhor que ninguém mermão.

Em: Ainda rola uma intimidação ( )

Cm: É por isso que a gente evita de levar mulher.

### 8.3 Algumas considerações gerais sobre relacionamento e sexualidade nos grupos *hip-hop*

O estilo *hip-hop* caracterizado como um referencial para as representações coletivas do jovem demarca uma série de interações afetivas dentre outras práticas sociais. Isso caracteriza o sentido para o relacionamento amoroso dos jovens e permite que estes reconheçam a si próprios a partir de sinais de distinção que se constitui em função de uma compreensão do seu tempo, que são descritos pelo namoro, o “ficar”, e em alguns casos pelo casamento.

O discurso dos jovens em sua maioria homens define o relacionamento amoroso, como um conjunto de práticas voltadas para a afetividade e a interação social, que aparece na constituição de valores misóginos que excluem e invisibilizam as mulheres. Além disso, o relacionamento afetivo seja no caso de um namoro ou casamento, aparece aqui como possibilidade de uma mudança no significado e da dinâmica de consumo masculino, que redefine a orientação coletiva em torno do estilo. Nesse caso, o relacionamento vivenciado pelos jovens influenciará como eles irão se apresentar nos espaços de lazer interferindo em seus hábitos como, por exemplo, o costume de sair com os amigos para uma festa ou para um show para uma apresentação pública.

Por outro lado, o relacionamento possui a capacidade de redefinição do papel masculino às vezes inserido no contexto de conflitos com outros jovens e grupo rivais que promovem a “guerra”. A mulher aqui tem a capacidade de “mudar a cabeça” do homem na medida em que estes escolhem enfrentar os dilemas de seu tempo construído intersubjetivamente, que é também capaz de gerar a transformação.

Os jovens em geral, são solteiros e não admitem terem namoradas apesar de ficarem eventualmente com garotas em festas, “frevos” no setor onde moram ou em outras regiões da cidade onde eles têm amigos. Eles são desempregados e vivem com seus pais dos quais dependem economicamente. Eles idealizam o namoro como uma etapa importante para realizar o casamento e constituir uma família, como plano de futuro, contudo os jovens admitem, que em geral estão envolvidos com garotas em outros modos de relacionamento menos formais, que o namoro onde seguindo eles está implícito o compromisso de fidelidade que deve ser respeitado.

O casamento é considerado como uma realização importante para a construção de um “futuro”, contudo os jovens ponderam, e alegam que essa escolha deve ser encaminhada após um planejamento, que implica numa “estabilidade” compreendida como ter meios de se sustentar de modo independente. Diante das dificuldades apresentadas pelos jovens os mesmo consideram que o que pode fazer por enquanto é “sonhar”.

Para aqueles jovens que são casados assim como para os jovens que têm namoradas, observa-se a construção patriarcal das relações sociais em torno da sexualidade que marginaliza a mulher, tornando-a ausente do espaço de lazer e entretenimento, que se torna masculinizado, uma vez que ela já assumiu um relacionamento mais estável. Por outro lado, o jovem do sexo masculino assume um papel ambíguo em que por um lado encontra no relacionamento amoroso a possibilidade de enfretamento dos dilemas de ser jovem numa determinada conjuntura social, contudo o relacionamento não o impede a dar continuidade em atitudes consideradas pelos jovens como “falhas”, que estão relacionadas a vida mundana e festiva compartilhada por seus amigos e parceiros.

As diversas possibilidades de articulação entre os indivíduos permitem aos jovens de maneira geral, transitarem eventualmente de um papel para o outro no que se refere a manter um namoro formal monogâmico ou a manterem vários relacionamentos com outras garotas, “as donas” ou “piriguetes” consideradas disponíveis para um relacionamento casual definido como “ficar zanzando” ou “ficar no frevo”.

Os grupos *Rap* Comando, BR45, e Revolução MC's tem algumas semelhanças que os aproximam. Esses grupos em geral são constituídos por jovens em sua maioria com até vinte anos de idade. Boa parte desses jovens encontram possibilidades de estarem juntos a partir da escola em que estudam ao a partir de atividades promovidas por ONGs locais como o Resistência Negra; alguns dos jovens que não estão frequentando a escola se encontram na rua o na casa de amigos. Eles são solteiros, e poucos admitem terem namoradas apesar de eventualmente ficarem com garotas do setor onde moram ou em outras regiões da cidade onde eles têm amigos.

O grupo Resistência Periférica, por sua vez, é constituído em sua maioria por jovens entre 20 e 30 anos e são casados vivendo com suas companheiras ou são separados de outras relações anteriores, mas a maioria vive em local independente da moradia dos pais. O grupo não menciona nenhum vínculo com movimentos organizados. Sua atitude em relação ao grupo está mais voltada para relações vicinais no setor QNX ou nos bailes

que ocorrem em locais diversos. Muitos já concluíram o ensino fundamental e médio, mas poucos frequentam a escola atualmente. Além disso, todos no grupo trabalham exercendo diversas atividades.

O jovens do Resistência Periférica, diferente dos outros grupos, são responsáveis por arcar com seus gastos e mantêm uma relativa independência em relação aos seus pais. Eles alegam que conheceram suas mulheres em bailes de *hip-hop* e que compartilhavam do mesmo estilo, contudo após o casamento, os problemas vieram tais como: mudança de residência e outras responsabilidades como o nascimento dos filhos. Contudo mesmo diante dessas mudanças atribuídas pela vida de casado, os rapazes continuam a frequentar as atividades de lazer característico do estilo, ir aos bailes para se apresentarem, sair num grupo exclusivamente de homens para uma festa. Conseqüentemente isso gera uma tensão no relacionamento. Os casais brigam mais frequentemente. Os jovens do grupo alegam que suas companheiras estão tentando “tirar do homem aquilo que lhe pertence”. Nesse caso a expressão se refere à possibilidade de sair com outros homens mesmo que isso implique indiretamente em circular naqueles espaços que não são de circulação exclusiva de homens.

Em todos os grupos discutiu-se o papel da mulher definido pelos jovens como aquela que “dá apoio”, ou seja, ser complacente em relação ao estilo e a distribuição de poder em termos de gênero que estaria implícita a ele. Nesse caso, não cabe a mulher “levar” no sentido de definir as regras do relacionamento, mas de “ser levada” pelo seu namorado. Para o grupo além do “apoio” requerido pelos rapazes para a aceitação das garotas ao estilo, ainda assim há certa resistência para com as garotas que se identificam com o *hip-hop* e querem frequentar as atividades do estilo, como festas e shows de *rap*, em sua companhia. Os jovens definem essa resistência em relação a presença feminina ao dizer que “não dá nem para mentir” ou “elas tiram a concentração”, ou seja, mesmo quando estão envolvidos com garotas que compartilham do mesmo estilo os mesmos têm que abrir uma concessão para que estas participem das atividades, por que em caso contrário eles sairiam somente em grupos de rapazes desacompanhados de suas namoradas ou esposas, caso elas não se identificassem com o estilo.

De fato, estar desacompanhado ou desacompanhada num baile implica na possibilidade de flertar ou “ficar” com outras garotas no caso dos rapazes o que justifica um discurso que masculiniza o lazer no *hip-hop*. Os rapazes querem por um lado, estar

“concentrados” em suas atividades como músicos na ausência de suas namoradas e esposas, mas por outro lado, almejam a possibilidade de flertar outras garotas.

Ao se tratar da visão dos grupos sobre relacionamento encontraremos algumas semelhanças. Ambos definem as atividades relacionadas ao lazer dos integrantes dos grupos como uma atividade masculinizada. Para o grupo Resistência Periférica relacionamento é definido como “complicado”, pois os homens em geral alegam que suas companheiras não gostam de sair, apesar de ficarem contrariadas com a saída de seus companheiros.

A dualidade entre ser “bom marido” ou ser um homem “falho”, define a complicação ou complexidade dos relacionamentos jovens sob o ponto de vista masculino. As atividades como sair para beber ou ir a bailes são masculinizadas. Ausentes da diversão às mulheres já envolvidas num compromisso como o casamento são invisibilizadas. Nas poucas falas das garotas, observa-se a identificação pelo estilo *hip-hop* e o que isso pode descortinar antes delas assumirem um relacionamento. Isso foi definido por Amanda como “curtir primeiro”. Contudo, mesmo durante a discussão quando as jovens manifestavam seu interesse em desfrutar do lazer proporcionado pelo envolvimento no *hip-hop* logo surgiram considerações como “fica de olho nela” dito pelos jovens, que define o sexismo dentro do grupo pelo desejo interdição e controle das garotas pelos rapazes. No caso de Amanda, há uma dupla classificação racializada e masculinizada atribuída pelos rapazes pelo fato dela usar roupas folgadas e ser considerada gorda, que faria de suas roupas adequada para o uso dos rapazes.

Em relação ao lugar das mulheres nas práticas de lazer elas se restringem a um longo silêncio. Por outro lado, os jovens, em diversos trechos apresentados anteriormente, surgem com expressões que reforçam o sentido de limitar a mulher a “ficar aí” ou “ficar esperando” o retorno de seu companheiro que “vai sair fora” para se divertir com seus amigos. O lugar da mulher é construído no espaço doméstico, que o homem tem ojeriza e não cabe a ele participar: “não dá para ficar no mesmo mundo dela”, portanto a casa é um lugar da solidão feminina. Para o homem a casa é só lugar de saída, mas não de permanência. Para a mulher, na mentalidade misógina masculina, “é melhor ela ficar em casa a ter que sentir mal na rua”.

Por outro lado, no ambiente do baile, e do lazer masculino, ocupando lugar dessa mulher “carinhosa” restrita à esfera doméstica, surge a “piriguete”. Uma outra mulher

genérica hiper sensualizada e conseqüentemente desumanizada, que estará supostamente disponível para relacionamentos fugazes no imaginário dos rapazes. A festa como a carnavalização da vida estabelece outras dinâmicas que definirão um ambiente para construção de um gosto peculiar da sexualidade e suas orientações coletivas entre os jovens como “os caras” e “as minas”.

Contudo, apesar do discurso misógino dos jovens, no contexto do relacionamento afetivo quando todos os jovens estão reunidos em locais de festa, a dinâmica da paquera não é conduzida necessariamente pelos rapazes, mas também é articulada e definida pelas garotas que tem a capacidade de decidirem com quais garotos elas querem “ficar”. A sensualidade e o amor romântico são negociados e reinterpretados. Os beijos e carícias trocados não implicam necessariamente numa dominação unilateral, mas numa tensão entre gestos, olhares, caras e bocas, que definem a complexidade dos papeis femininos e masculinos, que eventualmente transgridem o sexismo implícito nos contatos sociais.



## CAPÍTULO 9 EXPERIÊNCIAS DISCRIMINATÓRIAS E ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS DE ENFRENTAMENTO CRIADAS PELOS JOVENS *RAPPERS*

Por mais dolorosa que possa ser nossa constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. Ele é branco. (...) No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Só há complexo de inferioridade após um duplo processo: - inicialmente econômico; - em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade.

Frantz Fanon - *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008)

9.1 *No shopping assim, o segurança me olhando me seguindo. Seria por causa da minha cor ou das minhas vestes?*

### Grupos BR45 e Revolução MCs

Ao reconstruir as orientações coletivas dos jovens envolvidos no *hip-hop*, em Ceilândia, no que tange às suas experiências e estratégias em relação à discriminação, propiciou-se a criação de determinados tipos.

Os jovens, em geral, são visualizados de uma maneira negativa em espaços públicos; eles alegam sofrer perseguições e agressões por parte de instituições como a polícia. São constrangidos frequentemente em espaços públicos por seguranças, vendedores ou mesmo por pessoas comuns, transeuntes.

A análise das orientações coletivas em relação às experiências discriminatórias permite observar um tipo discriminatório, constituído por aspectos relacionados ao estilo *hip-hop*, pelo seu *habitus* corporal e sistema de gosto expresso por uma indumentária específica e identificado negativamente. Em diversas narrativas, há incidências de discriminação com base em elementos étnicos raciais contra negros e, em menor grau, contra nordestinos, que também sofrem um racialização. Além disso, há aspectos

relacionados à classe social de uma juventude pobre que vive num espaço urbano segregado e estigmatizado, definido como “periferia”.

Grupo BR45: Experiências de discriminação e estratégias de enfrentamento do racismo: *Você tem que ensinar a pessoa. Todo mundo ali é ser humano.*

O grupo BR45 apresenta diversos aspectos relacionados à discriminação que invariavelmente passam pelos aspectos relacionados ao estilo *hip-hop* e aspectos relacionados ao preconceito racial. Além disso, de maneira menos frequente, o grupo aponta outras variáveis relacionadas à discriminação que se associam a aspectos geográficos, mais precisamente em relação à Ceilândia como um espaço segregado. Em relação a isso, Bantu apresenta vários exemplos que são discutidos por seus companheiros no grupo. Diante de tais situações, os jovens apresentam sua maneira de identificar a discriminação, bem como algumas de suas estratégias, criadas no “aqui e agora”, para enfrentá-las.

Y: Vocês já tiveram alguma experiência de discriminação?

Todos: @ (1) @.

Bm: Já. E até hoje tem.

Em: @ (.) @

Bm: Não só pela cor, mas pela veste também.

Y: Você poderia citar um caso, como foi?

Bm: Óh. Altas vezes eu já fui parado no shopping.

Am/Dm: @ (1) @

Bm<sup>61</sup>: [ No shopping assim, o segurança me olhando, me seguindo, me seguindo e eu rodando o shopping todo, dando canseira nele. Aí depois eu parei e perguntei pra ele “que que foi que você tá me seguindo?” e ele “eu não tô te seguindo”, “ta sim, eu sou segurança também e eu sei quando um segurança tá desconfiado de uma pessoa”. “É pelas vestes ou pela cor?”. E também já sofri discriminação em vários lugares também até com mulher. Mulher chegava assim, eu nem cheguei a cantar a mulher e ((ela dizia)) “eu vou ficar com aquele nego nada, você é doido?” ((e Zulu responde)) “quem disse que eu te quero!?”, “é doida é?!” Até os próprios negros negros são racistas, até os próprios negros são racistas, até os próprios

---

<sup>61</sup> O fragmento acima foi modificado para reduzir a dimensão do texto.

negros são racistas (( percutindo sobre a mesa)) é::; tem vergonha do seu cabelo, tem vergonha da cor deles, tem vergonha da mãe que é negra, tem vergonha onde mora, entendeu? Os próprios negros são racistas, então a gente tá vivendo num mundo que::: racismo existe até dentro da casa.

Y pergunta ao grupo se eles já tiveram alguma experiência de discriminação. Todos riem brevemente e, em seguida, Bantu (Bm) responde que ainda tem vivenciado tais experiências. Ele acrescenta que isso ocorre não somente por sua cor, mas por seu estilo de vida, que ele define por “suas vestes”.

Em seguida, Y pergunta aos jovens se eles poderiam citar algum caso em que tais situações de discriminação ocorreram. Bantu conta que já foi abordado, “parado”, várias vezes no *shopping* por seguranças. Enquanto ele fala, Augusto (Am) e Duarte (Dm) riem brevemente. Bantu conta que numa dessas ocasiões, ao notar que estava sendo observado pelo segurança, decide guiá-lo para vários lugares para verificar se ele estava realmente agindo nesse intuito. Ele o despistava pelos corredores do *shopping*, “dava canseira nele”. Posteriormente, ele se aproxima do segurança e lhe pergunta por que o mesmo o seguia. O segurança lhe responde que não o estava seguindo. Bantu demonstra irritação com a resposta do guarda e alega que também trabalha como segurança e tinha conhecimento quando alguém estava sendo tratado como suspeito. Então ele pergunta ao segurança se ele realmente supunha que ele roubaria alguma coisa no *shopping* e, em seguida, lhe apresenta a carteira com dinheiro. Bantu age dessa forma para demonstrar que é um consumidor em potencial. Além disso, diz que poderia processá-lo por racismo. E lhe apontou várias pessoas que assistiam a tudo o que ocorria ali, algo que gerava um fator a mais de constrangimento. Diante da atitude de Bantu, que reagia à abordagem indireta do segurança, esse reagiu expressando uma feição assustada. Bantu insiste na pergunta: “está me seguindo pelas vestes ou pela cor?”.

Em outra ocasião, Bantu vai ao supermercado próximo a sua residência na QNZ para trocar uma nota de cinquenta reais. Ele pegou a fila e notou que algumas pessoas estavam pagando suas compras com essas notas sem qualquer procedimento extra por parte da atendente do caixa, tudo transcorria bem até chegar a sua vez. Uma jovem, que estava atendendo no caixa, ao receber a nota de Bantu, passa a examiná-la erguendo a nota para cima como se quisesse verificar a possibilidade de ser uma cédula falsa. Essa atitude

da atendente, segundo Bantu, tomou bastante tempo e lhe causou um grande desconforto diante dos outros consumidores presentes. Quando finalmente a caixa lhe devolveu o dinheiro trocado, Bantu reagiu da mesma forma. Ele passou a checar nota por nota, algo que, segundo ele, irritou a caixa do supermercado, que passa a reclamar de sua atitude. Ele alegou que “tem o mesmo direito de desconfiar dela” e continuou checando cédula por cédula. Os dois ainda discutem por mais alguns instantes quando Bantu decide se retirar.

Bantu segue em sua narrativa sobre histórias de discriminação. Em algumas ocasiões, como festas, ele alega ter sido alvo de racismo por mulheres, mesmo sem que tenha flertado ou empregado algum outro tipo de abordagem: “eu vou ficar com aquele nego nada! Você é doido?”. Vendo-se diante de tal circunstância, ele argumenta que costuma responder que também não está disponível para alguém que tenha esse tipo de comportamento. Depois disso, Bantu repete por três vezes num tom de voz alto: “até os negros são racistas”, enquanto repetia essa frase, ele batia sua mão sobre a mesa como se quisesse dar ênfase ao que estava dizendo. Depois disso, ele generaliza e afirma que os negros têm vergonha do cabelo, da própria mãe que é negra, vergonha onde moram e da família. O racismo, segundo ele, existe onde estão os negros e homossexuais, como gays e lésbicas, fato que ele julga já estar “acostumado”.

Ele faz menção à polícia, afirmando que os próprios policiais negros abordam mais os negros, pois esses teriam mais características suspeitas. O branco, segundo ele, não chamaria muito a atenção, não estaria muito “flagrante”, por outro lado, o negro “deve ter alguma coisa escondida”. Bantu diz que frequentemente ouve comentários referentes ao suposto caráter suspeito do negro, através de expressões como: “aquele nego ali é bandido”. Durante a discussão, Bantu gesticula na tentativa de reconstruir o olhar preconceituoso. Ele olha de lado, de cima para baixo. Todos observam os seus comentários e gestos em silêncio e atentamente.

Em seguida, Bantu conta que já foi discriminado em duas ocasiões em vans de transporte alternativo. Ele descreve que as vans são geralmente escoltadas, em certos trechos da viagem considerados de risco, por seguranças privados. Num desses trajetos, um segurança não identificado se aproxima da van que Bantu se deslocava e lhe ordena que desça imediatamente, sem qualquer argumento. Contudo, Bantu se recusou a seguir a ordem do segurança. Alegou que só se submeteria a descer se todos ali presentes fizessem o mesmo. Ele ainda disse que tinha sido considerado como suspeito por sua forma de se







racista, que chegaria à conclusão de que ele é uma “boa pessoa” e que o comportamento racista não se justifica.

Em relação à possibilidade de processar alguém pelo crime de racismo, Bantu alega que a ação punitiva do processo por racismo irá eliminar o preconceito apenas pelo “medo”, apesar de ele não descartar essa possibilidade, argumenta que o mais relevante é ensinar a pessoa preconceituosa que “todo mundo ali é ser humano”. Elmo comenta que é importante ter respeito. Enquanto Bantu apresenta sua estratégia para enfrentar as piadas racistas, os demais membros do grupo o observam em silêncio e com uma expressão mais séria.

O grupo manifesta sentir orgulho da história e cultura negra apesar de não demonstrar conhecimento da realidade atual do continente africano, contudo, os jovens manifestaram que o candomblé seria a única exceção, pois, de fato, não o apoiam e não gostariam tampouco de discuti-lo. Bantu, em relação a seu interesse pela cultura africana, disse que gostaria de ser africano, especificamente de Angola. Augusto em relação ao comentário de Bantu imita o sotaque do personagem Angolano<sup>62</sup>, em função disso, todos no grupo riem, inclusive Bantu. De fato, durante o grupo de discussão, não se observou algo que remetesse os comentários do grupo para além de estereótipos, como vistos na mídia, sobre a realidade africana, apesar da afirmação anterior dos jovens sobre o orgulho da história africana.

Em relação ao enfrentamento de piadas racistas, Bantu demonstra suas estratégias. Ele age basicamente criando inversões para expressões que normalmente são empregadas de modo preconceituoso, a exemplo do sentido da expressão “serviço de preto”. Para Bantu, “serviço de preto” é melhor do que “serviço de branco”. Para isso, ele defende uma hipótese para a explicação da escravidão no Período Colonial, afirmando que os brancos, por sua incapacidade, teriam estabelecido um sistema de trabalho escravo. Nesse momento, Elmo se põe a rir, mas sem fazer comentários. Para Bantu, independentemente das hipóteses históricas mais correntes, o que de fato é relevante é o impacto que esse tipo de assertiva vai gerar naqueles que são seus interlocutores, que, segundo ele, lhe chamam de “o negão instruído”. Em relação a esta alcunha, ele desconversa e diz que de fato não é

---

<sup>62</sup> Personagem interpretado pelo ator Romeu Evaristo do programa de humor “Zorra Total”, da Rede Globo de Televisão, que vai ao ar aos sábados à noite.

instruído, pois não é afeito à leitura, mas se autodenomina alguém “vivido”, aquele que presta atenção nos comentários que estão sendo ditos pelas pessoas, além disso, assiste a vários programas na TV.

Ainda sobre o tema relacionamento, Bantu não se considera preconceituoso por apenas namorar meninas brancas. Ele alega expressando riso que o problema é que as meninas negras, “as neguinha”, não demonstram interesse por ele. Por outro lado, ele admite que atualmente tenham surgido algumas negras interessadas em relacionamento, mas ele admite que teve “mais oportunidades” de namorar meninas brancas. Ele alega, num tom irônico, que seu relacionamento com meninas brancas trata de uma revanche contra a dominação dos homens brancos sobre as mulheres negras. Bantu conclui que leva tudo na brincadeira, mas, segundo ele, evitando ser preconceituoso.

Finalmente, Bantu, juntamente com Elmo, se volta para Duarte, o único integrante a se considerar branco, filho de nordestinos, e lhe pergunta se ele já havia sofrido algum preconceito por seu estilo, materializado nas roupas e por andar com negros. Duarte de forma discreta confirma ter sido discriminado por suas roupas e por cantar *rap*, mas não faz qualquer menção ao fato de ser membro de um grupo onde todos são negros. Bantu ainda lhe pergunta se ele é associado à imagem de bandido. Duarte confirma e acrescenta que não passa muito tempo em sua rua, que fica no Setor X-Norte, ele prefere estar na companhia de Bantu e dos outros membros do BR45 na QNZ. Portanto, ele acredita que seus vizinhos pensem que ele esteja envolvido em atividades “fora da linha”, mas nunca se manifestaram diretamente.

Como mencionado acima, Bantu alega ter sofrido “todo tipo de discriminação”, isso envolve o fato de ser um homem negro, *rapper*, vestido no estilo *hip-hop*, com seus adereços, como bonés, calças folgadas e correntes de prata. Além disso Bantu alega que sofre discriminação por ser capoeirista e residir no Setor QNZ em Ceilândia. Diante da aparente impessoalidade de serviços, como o de segurança de *shopping center* ou de transporte público, ou da polícia, ocorre a construção de um perfil do suspeito em potencial ou do ente indesejável em determinados espaços de socialização.

Os vários exemplos de discriminação apresentados em série pelos jovens do grupo BR45 esboçam toda uma complexidade de situações que estruturam um *habitus* do grupo. A discriminação, nesse caso, se torna um componente na materialização de um estilo *hip-hop* que cria suas próprias estratégias de enfrentamento de modo elaborado e dinâmico,

com uma série de recursos criativos associados à produção estética do corpo na forma das “vestes” ou na própria forma de conduzir um diálogo em que ocorra um comentário racista, em que os jovens vão recorrer à ironia, “ao jeito comédia”, como meio de persuasão.

No campo das relações afetivas, apesar de os jovens negros eventualmente sofrerem preconceito por parte de mulheres brancas, admite-se que há uma certa preferência por elas. Além disso, os jovens afirmam que encontram dificuldade para se relacionarem com mulheres negras, as quais, segundo eles, não demonstram tanto interesse em estabelecer um relacionamento como ocorre mais frequentemente com as brancas. Nesse caso, estar com as mulheres brancas, ainda que essas os rejeitem, remete ao desejo latente de apropriação do que é branco, ou seja, se tornar “branco”, reiterando o que Fanon definiu como “o mito sexual da busca pela carne branca” (FANON, 2008, p. 82).

Nesse sentido, discute-se a relação do homem negro e a mulher branca, que se relaciona à idéia do racismo como algo assimilado como inconscientemente, “epidérmico”, que imprime o desejo pela brancura por parte do homem negro. Ele busca numa atitude agressiva a compensação da situação de abandono e desprezo pelo fato de ser negro. Essa situação, de fato, ocorre como resultado de um sistema estruturado com múltiplas hierarquias na relação do indivíduo com o seu contexto de socialização.

Na maioria dos casos, a ironia e o humor são utilizados como estratégias de inversão da negatividade em relação aos tipos de discriminação enfrentados pelos jovens. Associado a isso, há elementos de positividade no sentido de “ser negro” e ser *rapper*, que se manifestam nas letras do grupo contra o racismo e a violência praticada contra o jovem em localidades como a QNZ. Durante os depoimentos, o grupo manifestou o interesse e a apreciação pela cultura africana, com uma ressalva para aspectos relacionados à sua dimensão religiosa. Em relação a isso, em outros momentos da discussão, os membros do grupo assumiram um discurso em que associavam aspectos de uma ética religiosa cristã ao estilo *hip-hop*.

## Grupo Revolução MCs

Andar fragante, estar de boa e enfrentar a violência financiada pelo governo

Experiência discriminatória e interpretação jovem do sentido de violência

Y lança uma pergunta ao grupo em relação a prováveis experiências com a polícia. De maneira geral, o grupo admite que já se envolveu em eventuais problemas com a polícia na região onde moram e admitem que foram alvo de ações discriminatórias em função do estilo que assumiram. Além disso, o grupo elabora um discurso em relação à discriminação e ao racismo.

Y: [ Eh beleza, então vamos pra outro tópico, com relação à questão da violência e da polícia, vocês já tiveram algum problema com a polícia?

Bm: [Ah véi, num vô mentir não. Já, já tive uns problemas, já invadiram minha casa revirando meus quarto lá já, já fui pego aí na rua vacilando pra delega já umas duas vezes, mas nada mais grave.

Y: [ Vacilando como? Fazendo correria?

Bm: [ Não. Sempre com::: sempre com droga, porque eu já fiz altos corre já. Eu sempre fui (( )) eu já fui conhecendo a malandragem muito cedo, eu fazia uns corre, hoje não, hoje eu tô mais de boa, tô trabalhando, ganhando meu dinheiro honestamente, honestamente não porque ainda vendo minhas paradas do Paraguai lá, óculos, relógio do Paraguai. Mas é isso aí, já tive meus probleminhas aí, mas nada tão grave pra como ser preso e ficar na cadeia, nunca fui encarcerado.

Quanto a isso, Blink é o primeiro a se manifestar seguido de Amaro. Ele admite que já passou por várias situações definidas como “problemas”. Ele menciona que já teve sua casa invadida por policiais e que já havia sido detido em delegacia duas vezes por estar na rua portando drogas, atitude que ele considera ingênua e define como estar “de vacilo”. Em função dessa resposta, Y pergunta sobre o significado de “vacilo” e pergunta se ele já esteve envolvido em “correria” (pequenos delitos). Blink responde enfaticamente que não foi detido por estar envolvido em “correria”, mas alegou que conheceu a malandragem muito cedo e que praticava pequenos delitos, “fazia uns corre”. Contudo, ele afirma que atualmente não está envolvido em qualquer atividade desse tipo, ele “está de boa”. Ele menciona que trabalha e ganha seu dinheiro honestamente, apesar de reconhecer que vende produtos importados, como óculos e relógios do Paraguai. Ele diz nunca ter sido encarcerado.

Logo em seguida, Amaro inicia um discurso sobre a violência e a miséria que, segundo ele, ocorre em parte em função do próprio despreparo da polícia, que é levada a desrespeitar o cidadão e a juventude. Os policiais sofrem uma “lavagem cerebral” para se tornarem “conformados”. Ele considera que os policiais, por utilizarem uma farda considerada “suja” e “imunda”, deteriam uma autoridade que lhe daria o direito de agredir pessoas. Esse fato, segundo Amaro, não faz parte das atribuições de um policial. Ele argumenta que não há referência na Constituição que permita que um policial possa bater numa pessoa. Enquanto Amaro apresenta seus argumentos, Blink o observa com expressão de seriedade.

Concluída sua reflexão sobre a violência policial, Amaro inicia a narrativa de uma experiência na qual ele foi agredido por policiais quando estava voltando para casa do supermercado. Ele conta que quando apanhou dos policiais em frente a uma escola estava portando apenas uma sacola com verduras. Ao dizer isso, Amaro faz uma breve pausa de dois segundos, quando Y pergunta como foi a abordagem da polícia. Demonstrando estar um pouco tenso, Amaro conta que durante o trajeto de volta para casa encontrou alguns amigos, “manos”. Enquanto ele os cumprimentava, uma viatura do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (BOPE) se aproximou e “enquadrou” todo mundo. No entanto, Amaro supôs que pelo fato de ele estar só de passagem e não estar trajado como seus amigos, com corrente de prata e bermudão, ou seja, dentro do estilo do “fragrante”, ele continuou seu caminho com sua aparência “de qualquer outro (cidadão)”. Contudo, mesmo assim ele foi abordado por um dos policiais que lhe chamou. Ele conta que permitiria ao policial realizar a revista, “fazer o trabalho dele”, porém, durante a abordagem, Amaro conta que tentou se identificar, fato que teria irritado o policial, que não teria gostado de sua atitude, terminando por agredi-lo.

Amaro demonstra irritação com sua própria história, mas pondera sobre o incidente com o policial e diz que está “tudo bem” e que “isso passou”. Ele inicia, em seguida, sua análise quanto à sua compreensão de “justiça social”. Ele diz que as leis que regem o homem já existem desde o começo do mundo, contudo, ele não as aceita no que se refere a ser “protegido pela polícia”. Ele alega que quando estava em perigo, envolvido em atritos com outros jovens que queriam matá-lo, a polícia não se fez presente. Amaro define a polícia como a “violência financiada pelo governo”. Posteriormente, Amaro conta que ia se identificar ao policial na abordagem em frente à escola, mas antes que o fizesse foi agredido e xingado pelo policial. Ele considera que, num grupo, nem sempre todos estão

fazendo coisas erradas, mas que eventualmente ocorre esse tipo de generalização, que causa certo desequilíbrio nos indivíduos, que “abala o psicológico do indivíduo”.

Segundo ele, os policiais, “gambés”, independentemente da inocência ou culpa, querem prejudicar a pessoa abordada. Amaro diz que a polícia age por ter “raiva” do jovem, isso se expressa não simplesmente pelas palavras que os policiais podem ocasionalmente dizer, mas pelos gestos de suas armas, que “forçam o silêncio” pelo medo de ser atingido por um disparo efetuado por um impulso emocional ou por mera distração. Amaro considera que isso é inaceitável, já que ele, na condição de cidadão, é responsável pelo pagamento desses policiais.

Y pergunta sobre o significado de se andar “fragante”. Amaro responde de maneira vaga em que isso se refere a andar “com as roupas que se possui”. Contudo, ele descreve a combinação de certos acessórios como usar touca, chinelos, independentemente do clima, mesmo que haja um “solzão de rachar”. Ao se trajar dessa forma Amaro assume que não há correspondência com o estilo correspondente ao *playboy*. Nesse caso, se ele for tratado com “indiferença” numa loja de playboys, ele simplesmente se retira sem comprar qualquer coisa. Ele menciona que vai a um *shopping* em Taguatinga, mas isso não implica a obrigação de se vestir “bonitinho”, porque seu objetivo não é procurar alguém ou um emprego, mas simplesmente fazer compras.

Y: [O que é andar fragrante?

Am: [Andar fragrante é você olhar no espelho com as roupas que você tem e falar: “é isso daqui o que eu quero ó, moro?”, você viu um solzão de rachar e eu vou lá loja desse jeito aqui ((aponta para a toca na cabeça)) óh na loja de playboy, desse jeito aqui ((ele aponta para sua própria roupa)), e se ele me tratasse indiferença eu ia saber, ((Eu)) ia simplesmente virar as costas e não ia comprar lá. Eu fui de chicão ((chinelos)) porque é as roupas do meu cotidiano normal. Não porque eu vou pra Taguatinga que eu vou todo bonitinho, eu não vou atrás de ninguém lá, eu não vou atrás de emprego, eu fui comprar. Roupas fragrante é você portar uma corrente de prata morô, e ter amor a ela, ter sua toca, umas bermuda louca, porque é o seguinte, como é que é roupa de mala se a roupa que a gente compra é caríssima, que nem os playboy compra, como é que nos é mala e gente quer andar do nosso jeito, bem vestido, bem trajado, porque muitos vê uma bermuda assim como roupa de mala, mas uma roupa de mala dá pra comprar, dá pra fazer quase um guarda-roupa, então se gente usa uma corrente ou touca ou uma jaqueta é porque a gente pode financiar nosso luxo com nosso ganho pessoal, nosso jeito de andar, porque se a gente é



Os jovens, ao se trajarem de modo “fragante”, são discriminados por serem frequentemente associados a bandidos ou delinquentes. Em algumas dessas ocasiões, eles se utilizam de estratégias de enfrentamento, como se recusar a efetuar uma compra numa loja que agir de maneira discriminatória com eles.

Blink retoma o comentário de Amaro sobre a violência policial e reafirma que a polícia é a “violência financiada pelo governo”. Ele exemplifica que já foi abordado por policiais quando portava drogas, “uma pedra”. Segundo ele, os policiais apreenderam a droga sem tê-lo prendido ou registrado ocorrência, além disso, ele conta que o mesmo ocorreu com outros de seus amigos em relação a armas. Os policiais os abordaram e apreenderam as armas sem que os mesmos fossem presos. Nessas ações, a polícia agride os jovens e, às vezes, chegam até mesmo a matá-los.

Amaro segue com seus exemplos sobre estilo “fragante” e a relação de oposição que de oposição que este estabelece em relação ao estilo “playboy”. Para isso, Amaro define a categoria “playboy” a partir dos jovens como os que assassinaram o índio Galdino<sup>63</sup>, que teriam ficado impunes por pertencerem a uma grupo social de elite. Em contraposição a isso, ele alega que é discriminado por seu estilo “fragante” e que pessoas pobres em geral são presas por pequenos crimes, como o “roubo de uma margarina”, enquanto pessoas bem trajadas cometem crimes muito mais sérios e não sofrem qualquer punição. Ele comenta que gostaria de produzir um relatório e levar ao presidente, mas pondera e diz que “o mesmo não atende ninguém”. Ele conclui que muitas famílias têm como alternativa se envolver no tráfico de drogas, pois esse seria um jeito fácil de se ganhar dinheiro, argumento que é desenvolvido um pouco mais pelo *rapper*.

Os jovens do grupo, em geral, admitem ter tido um envolvimento com atividades ilícitas, como o uso de drogas, e também ter um contato íntimo com um segmento social que eles denominam como “malandragem”, entendida como o banditismo propriamente dito. Entretanto, esses jovens defendem que hoje a situação é diferente, que estão trabalhando e não estão envolvidos em qualquer tipo de contravenção. Além disso, eles implementam um discurso antipolicial ao apresentarem seus depoimentos sobre invasão de privacidade ou agressão policial durante abordagens nas ruas. Segundo o próprio grupo, a

---

<sup>63</sup> O comentário está relacionado ao assassinato de Galdino de Jesus dos Santos, índio da tribo Pataxó, cometido por jovens de classe média-alta, em 1997, em Brasília.

polícia age violentamente conforme uma compreensão estereotipada da juventude em geral e especificamente daquela identificada com o estilo *hip-hop*, nesse caso, em relação à variante definida pelo grupo como “fragrante”, também definida negativamente pela polícia como “peba”.

Para o grupo, o estilo é o principal indicativo da polícia para a abordagem policial violenta, apesar de se admitir que mesmo se vestindo como “qualquer um” a condição de jovem pode suscitar a agressão. Essas abordagens normalmente ocorrem próximas às residências dos jovens, nas esquinas ou próximas a locais públicos como escolas.

Ainda sobre a violência revelada pelos jovens nas abordagens policiais, eles alegam que os policiais promovem desde ofensas através de xingamentos até mesmo outros graus de agressão física. Segundo o grupo, o tipo de violência cometida pela polícia dependerá das condições nas quais os jovens forem encontrados. Eles exemplificam que em situações em que jovens são apanhados em algum ato considerado como ilegal, como o porte de drogas e/ou armas, a polícia eventualmente apreende as drogas e as armas, os agride fisicamente e posteriormente os liberta em áreas desertas próximas à cidade. Em casos extremos, a polícia pode chegar, inclusive, a realizar a execução sumária. Todas essas ações ocorreriam sem que houvesse qualquer registro de ocorrência policial numa delegacia de polícia.

O grupo se julga consciente de seus direitos que, em alguns momentos, são articulados formalmente, ao se recorrer à Constituição. Em outros casos, há uma elaboração de cunho intersubjetivo em que a juventude se “recusa a ser protegida” no sentido de aceitação de uma dominação burocrática, instituída por uma “violência financiada pelo governo”, materializada na polícia. O grupo reflete sobre o desejo de reagir contra a violência, buscando, organizando hipoteticamente um movimento reivindicatório ao se “buscar o Presidente da República”. O grupo apesar de negar qualquer envolvimento com atividades, como o tráfico de drogas, não condena aquelas famílias que se deixam levar pelo que é aparentemente mais “fácil” e se envolve com tal atividade.



Y apresenta uma pergunta sobre o racismo. Blink considera que racismo para eles não importa, pois se referir às outras pessoas pela cor é normal e, em relação a isso, exemplifica: “ei neguim!”, “ei negão!”, “ei macalé!”. Contudo, Amaro pondera e menciona que esses termos estão relacionados a uma maneira “masculina” de tratamento. Ele diz que sentiria orgulho de ser negro caso ele o fosse. Ele considera que o negro representa uma raça “predominante”, inclusive por sua “força física”, mas que tal povo sofreu muito durante a escravidão. Por outro lado, ele acha um absurdo a implantação de um programa de cotas para negros na Universidade de Brasília (UnB), mas admite que isso é algo que gera um impacto social, o qual foi resultante da mobilização dos negros, o que ele define como “um choque na sociedade”, a qual trata as pessoas discriminatoriamente, ou seja, “não tratam a pessoa normal”. Amaro ainda acrescenta que se eles não fossem tratados com respeito, iriam reivindicar por seus direitos, iriam “cobrar”.

Y: [Com relação a isso, a essa discriminação e tudo, como é que vocês veem essa questão do racismo?

Bm: [Racismo aqui nem (( )) aqui pra nós aqui, o tipo não importa é normal, tem um neguim ali, a gente chama: “ei neguim, ei negão, ei neguim, ei macalé sei lá”,

Em: [mas é relacionado ao cotidiano normal se referindo ao masculino em relação ao racismo é o seguinte, muitos acham que os negro é inferior, se eu fosse negro vêi, eu teria orgulho morô, porque a raça predominante pra mim, no meu modo de vista eu sei que parece um absurdo, eu acho que é o negro, não só pelo que ele são, pelo que ele representa na cor, até na cor é forte, pelo fisico, eu tô falando por que sofrero muito depois da libertação, ainda vivem sendo perseguido, nas senzalas, nas fazendas, nas senzalas, aquelas cadeias morô? Em relação ao nível de cota da UnB, eu acho até um absurdo morô? Claro que é um choque assim pra sociedade, que é pra se ligar, porque se ele não der, como é caso de tratar a pessoa normal, eu vou falar até nós se ele não tratar nós normal a gente vai cobrar não é, mas eu acho um jeito do negro se inferiorizar porque não era pra existir aquilo, era pra ser igual morô? Não era pra ter tantas cotas, tantas vagas não, a fita era chegar lá, fazer a cara e cair pra dentro, não era ter que ter cota pra negro, morô? Não era pra tá se referindo, aí tá escrito lá no baguí: ((Constituição)) que todo mundo é igual porque esse negócio de cota está contrariando até a própria Constituição, morô, eu acho que já vai sair uma nova emenda, já né? Vai sair uma nova emenda, tudo bem hoje é bom, mas no começo de tudo já era difícil pra ser igual, não era pra ter isso né. Teve um tempo aí em São Paulo que a maioria dos negros aí não se assumia, até que chegou Racionais, hoje todo mundo bate no peito ... aí já é preconceito, nós usar 100% negro, não é preconceito, a gente defende uma bandeira, uma tese, uma lógica, isso pra mim não é preconceito, diferente de um branco usando 100% branco, isso já imitação e além de ser imitação, isso já é

preconceito. Nós usarmos uma camiseta 100% negro não é racismo porque a gente defende uma bandeira, tese, uma lógica.

Mais adiante, Amaro reforça sua posição anterior, contrária aos programas de cotas, e diz que as cotas são um meio de “inferiorizar os negros”, porque, segundo ele, todos deveriam ter as mesmas condições para se submeterem às provas e serem admitidos na universidade, ação definida como “cair pra dentro”. Amaro crê que as cotas contrariam o princípio de igualdade determinado constitucionalmente.

Ele considera que muitas pessoas não se assumiam como negras, contudo, posteriormente, sob a influência do *rap*, muitos negros passaram a se identificar como tal, para isso ele cita a influência do grupo Racionais MC. Além disso, revela que a utilização de camisetas com a frase “100% negro” representa um movimento de afirmação que não faria sentido numa situação inversa como, por exemplo, uma camiseta “100% branco”, o que, além de uma imitação, seria uma ação preconceituosa.

Em vista da resposta anterior sobre a mobilização e o autorreconhecimento da população negra através do *rap*, Y pergunta ao grupo que atitude deveria ser tomada pelos negros em relação ao preconceito. Amaro diz que mandaria “se fuder”, mas pondera e considera que se deve agir com tranquilidade, “esfriar a cabeça”. Ele acredita que se um negro se envolver numa situação de racismo, ele deve buscar a justiça, pois todos são iguais e a raça negra tem que se orgulhar do seu valor. Ele exemplifica que as mulatas e as morenas são lindas, contudo, ele revisa o uso do termo “mulata”, o qual, segundo ele, está incorreto, na verdade deve-se utilizar a palavra “negra”. Amaro conclui que nossa miscigenação é imensa e questiona quem não tem sangue de negro nas veias. Em seguida, Amaro e Blink dizem sorrindo: “eu sou negão”. Amaro ainda considera que não existe “nenhum negro legítimo”, dada a miscigenação. Dito isso, Y pergunta ao grupo se existiriam raças como a negra e a branca, ou se haveria simplesmente uma miscigenação. Amaro argumenta que raça existe, mas que pessoas do mesmo grupo étnico se discriminam mutuamente. Ele exemplifica que os nordestinos construíram Brasília, contudo, os seus filhos nascidos aqui nutrem preconceitos quanto a outros nordestinos que eventualmente migram para a capital, mesmo sendo “iguais”.

Y:     └ Como deveria ser a atitude dos negros em relação ao preconceito?

- Am: [É o seguinte, na minha opinião eu mandaria ir se fuder, mais já que é uma opinião minha, e do que eu defendo é simplesmente esfriar a cabeça. Porque se um branquelo ou qualquer um outro que fala eu sou negro, não vai tá defendendo, e me chamar de macaco, ou de qualquer outra coisa o negócio é chegar na justiça, por que ele já está falando com preconceito, acho que... agiria conforme as regras, conforme age as leis do homem morô? Agora em relação do meu ponto de vista aí, tá lá cara todo mundo é igual, ninguém é melhor que eu, só porque tem a pele branca, morô? E a raça negra tem que ter orgulho véi, é uma coisa linda véi negro, as mulatas, as morenas são lindas, até isso se refere como mulatas não é mulatas, é negras, e a nossa miscigenação é imensa, quem não tem sangue de negro nas veia, quem?, @nóis é negão@.
- Bm: [ @Eu sou negão@,
- Y: Vocês acham que acontece, que a gente não existe raça, só existe uma mistura é isso?
- Am: [ Não, não, existe a raça sim, só que eu tô falando tipo o nordestino, morô, o Stink é filho de nordestino, Brasília foi construída por nordestino e hoje você vê que quando vem alguém pra cá, do interior pra cá, muitos discrimina, quem não tem o sangue na veia, sangue de nordestino, isso não existe cara, além de aos olhos de Deus, somos todos iguais.

Em relação à questão racial, o grupo não reconhece como prática racista tratar pessoas negras por meio de apelidos relacionados à idéia de raça. Para seus integrantes, agir dessa maneira é algo que faz parte do *habitus* masculino.

O grupo se posiciona contrário a um programa de cotas para estudantes negros na Universidade de Brasília, pois isso seria contrário ao sentido de igualdade. Isso revelaria uma situação de inferioridade social, a qual prejudicaria a imagem dos negros. Em contrapartida, o grupo reconhece que as cotas são resultado da mobilização social dos negros, que historicamente vêm sofrendo com a discriminação, e que isso seria como um “choque na sociedade”. De fato, o grupo manifesta simultaneamente certa admiração pelo ser negro, que é algo que se relaciona implicitamente com a cultura *hip-hop*, a qual é associada a um bem cultural produzido por artistas negros. Contudo, o grupo não reconhece um programa de ação afirmativa como uma forma de promoção de igualdade social.

Ainda sobre a importância da mobilização social da população negra, o grupo considera que o *rap* teve uma contribuição importante no sentido da construção de uma auto estima positiva do ser “100% negro”. Além disso, observa a importância de reação ao racismo através da busca pela justiça sem violência.

Em relação a uma definição mais precisa sobre a categoria “raça”, o grupo reúne aspectos pautados em interpretações da biologia, “nenhum negro é legítimo”, “quem não tem sangue de negro?” e “eu também sou negão” (mesmo quando se identificam como brancos). Esse seria o aspecto definido da tese de que “todos são iguais”. Por outro lado, o grupo reconhece a carga política em torno da categoria “raça”, ao admitir que o termo “mulata” esteja relacionado a uma carga preconceituosa e que o correto seria usar o termo “negra”.

## 9.2 Configuração urbana e estratégias de enfrentamento da discriminação

### Grupos *Rap* Comando e Resistência Periférica

**“Racismo a gente não pode aceitar não, racista tem que pagar, eu não baixo a cabeça não.” Grupo *Rap* Comando**

Y lança uma questão sobre as experiências do grupo em relação à violência policial. Liba argumenta que “nunca botou um cigarro na boca e que nunca tinha cheirado”, nunca havia sofrido tal violência, e que tampouco havia sido preso, matado ou roubado. Contudo, ele confirma que não sabe o futuro, “ninguém sabe o dia de amanhã”, que é possível se envolver num delito ou crime por vingança, “vingação”. Ele sugere uma situação hipotética – o assassinato de um irmão por um policial – e pergunta aos demais se eles deixariam tal crime impune, “deixar baixo”. Todos permanecem em silêncio por alguns instantes.

Am: Graças a Deus desde que eu me entendo por gente eu nunca fui preso, nunca botei um cigarro na boca, nunca cheirei, nunca matei, nunca roubei, mas tipo aquela, ninguém sabe o dia de amanhã. Eu não vou falar que eu não vou fazer isso, que eu não vou cair em vingação porque vamos se dizer um PM por engano mata um irmão seu, o que que você vai fazer, vai deixar baixo só porque ele é PM? Ninguém sabe o dia de amanhã. Ninguém sabe o dia de amanhã mas graças a Deus eu nunca tive problema com polícia não.

Bf: [Mas e levar baculejo por ter um visu carregado por ser negro.

Rm: [pela roupa também a maioria das vezes.

Bf: [Nunca foi discriminado por esses aspectos?

Am: [Sobre isso, eu acho até engraçado. De uns três anos pra cá eu nunca levei bacu, parece que os PM sabe quem eu sou, sabe quem eu sou já chegaram assim eu tô (( em grupo )) ((todo mundo na parede)) aí chega o PM e esbarra ne mim e fala ((não, esse aí não, ele tá de boa)) porque conhece né, mas já tem uns três anos que eu não levo bacu.

Diante dessa resposta, Bianca (Bf) lhe pergunta se ele nunca havia sido revistado por policiais, “levado baculejo”, em função de seu estilo, “visu carregado”, ou de ser negro. Rubão (Rm) intervém e diz que isso ocorria na maioria das vezes em função das roupas. Contudo, a garota insiste na pergunta. Liba sorri e diz achar esse tipo de situação “engraçada”. Ele argumenta que nos últimos três anos não foi revistado. Segundo ele, isso

ocorre porque talvez os policiais já o conheçam no Setor QNZ. Contudo, ele admite que já foi abordado quando estava em grupo. Nessa ocasião, um policial o teria liberado da revista, “não, esse aí tá de boa”.

Carlos (Cm) complementa o argumento de Liba e afirma que a polícia mudou seu comportamento na região. Ele menciona que anteriormente a polícia abordava mais frequentemente os jovens que usavam o estilo de calça folgada, entretanto, já reconhecem que aqueles que estão envolvidos em crimes, “o cara que anda com alguma coisa”, não se identificam com o estilo *hip-hop*. Ele exemplifica que, se ele estivesse armado, não usaria o estilo, pois isso atrairia facilmente a atenção da polícia, “na rua rapidim eles me acham”. Liba completa: “é entregar para o ladrão”. Carlos retoma e diz que andar armado dessa forma é denunciar-se à polícia, “entregar de graça”, pois alguém que porta uma arma não anda daquela maneira. Finalmente, ele conclui que nunca foi parado ao fazer uso do estilo, “eu nunca fui parado assim fragante não”.

Liba comenta que se fosse um traficante não seria encontrado pela polícia. Ele alega que não se importaria de fazer uso do estilo “playboy” de “terno e gravata”, “filhinho de papai”. Por outro lado, ele exemplifica que ao frequentar um *shopping* é normalmente seguido por seguranças que, segundo ele, insistem num tipo de discriminação, “ficar separando a gente”. Liba alega que, enquanto isso ocorre, pessoas que não despertam a atenção dos guardas “de terno e gravata”, ocasionalmente, cometem furtos. Segundo ele, as provas ficam evidentes ao se checar no sistema de monitoramento do *shopping*. Entretanto, não há interesse da mídia em mostrar esse tipo de fato. Finalmente, ele diz seu nome e pergunta, como se quisesse perguntar a um guarda do *shopping*: “você sabe quem eu sou?” Liba numa tentativa de se dissociar ao estilo *hip hop* da imagem negativa de suspeito idealiza um criminoso vestido de terno e gravata que pode passar despercebido pela segurança de um shopping e cometer roubos. No momento em que ele apresenta seu exemplo hipotético de criminoso, Liba muda seu semblante, iniciado com um tom de brincadeira e ironia, que despertou o riso dos membros do grupo, variando para uma postura mais séria, emocionada, gesticulando mais freneticamente e alterando o tom de voz, o que não despertou mais risos no grupo. Liba conclui de forma direta e faz uma pequena pausa em que todos acompanham com um olhar mais cabisbaixo e sem comentários sobre o exemplo em questão.

Em seguida, Carlos comenta que há alguns policiais que incomodam, “enchem o saco”. Galego complementa que só quem pode julgar alguém é Deus. Diante disso, Bruna questiona Carlos sobre sua queixa em relação à polícia. Carlos demonstra certa surpresa por ser questionado. A garota lhe faz a pergunta novamente. Carlos, num tom meio envergonhado, pergunta aos demais como a polícia costuma se dirigir aos jovens. O grupo responde, num tom de riso e uníssono, com a palavra “peba<sup>64</sup>”. Carlos também sorri e passa a contar que certa vez foi abordado por policiais que lhe chamaram de “peba” e lhe disseram que mesmo ele sendo tão pequeno já andava daquele jeito (alusão ao estilo de roupas *hip-hop*). Carlos disse que não se importa em ser xingado por policiais e fica calado, porque, segundo ele, “pebas” são os próprios policiais que o xingam. Rubão confirma que policiais gostam de xingar os jovens, Carlos segue apresentando outros exemplos de ofensas proferidas por policiais.

Cm: Pra dizer a verdade, tem us PM que enche o saco.

Gm: [Só quem julga é Deus, só ele sabe no que você está envolvido.

Bf: [ Mas como assim ele enche o saco? Por que você disse que enche o saco?

Cm: [Ah?

Bf: [ Por que você ache que ele enche o saco?

Cm: [ @Ah@. Como é que eles me chama mesmo?

Todos [ @peba@.

Cm: [Uma vez, eu tava andando assim aí eles me chamaram de;;; ((você desse tamãezim já anda desse jeito, não é seu peba?)) já chamaram de peba já, mas os verdadeiros pebas são eles mesmo, mas tão me chamando eu não to nem aí pode falar quer xingar, xinga ((você desse tamãezim já quer ser maloqueiro, seu safado, que não sei o que )) eu fico calado.

---

<sup>64</sup> peba pe.ba *adj m+f (tupi péua)*. Palavra de origem tupi que significa *alongado, chato. sm*. Tatu de cabeça achatada, que costuma violar as sepulturas. *sf pl gír* Nádegas. *Pegar um peba* ou *um tatu*: cair.

Veja-se no dicionário on-line Michaelis:

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=peba>>

No caso de Ceilândia, “peba” se refere a alguém ordinário, insignificante. A polícia considera “peba” aquele jovem, em geral, do sexo masculino, que possui um estilo inspirado no *hip-hop*, mas com alusão ao gangsterismo, aquele que se identifica, mesmo que apenas simbolicamente, com o banditismo. Outro termo que não possui a mesma conotação depreciativa de “peba”, utilizado para definir esse estilo, é a expressão “aba reta”, que se refere ao estilo identificado por alguns acessórios, dentre eles um boné sem a curvatura frontal da aba, por isso deixada na posição “reta”.



sobre confiança né na esquina ,todo mundo estiloso lá, aí passou um cara, ele parou um carro ((@eh aí ? tem merla?@[ e o cara perguntou])).

Todos: |@ (1)@

Am: |Aí eu ((@ mano a gente não mexe com isso não mano@)) eu fiquei assim até.

Cm: | Apavorado

Am: | Abismado porque aconteceu isso aí, eu disse pro irmãozinho, tá vendo aí, é nosso estilo, é nosso jeito, os noiado são eles.

Manu (Mm) narra uma situação em que estava próximo a uma padaria com um amigo, quando foi abordado por algumas garotas, “donas”, que lhe perguntaram se ele tinha maconha para vender, “bagulho”, ele responde negativamente e comenta com seu amigo, num tom de voz baixo, que o comportamento das “donas” era estranho, “cabuloso”. Essa fala leva todo o grupo a rir brevemente. Em seguida, ele questiona a “dona” por sua abordagem, considerada demasiadamente direta: “É desse jeito? na cara de pau?”. A garota, por sua vez, lhe disse que ele tinha aparência de alguém que fumava maconha, “você tem cara que fuma!”. Ele lhe responde afirmativamente que já havia fumado algumas vezes. Apesar de Manu admitir que já havia fumado anteriormente, a maneira com que responde à garota indica uma certa irritação por ter sido abordado como se fosse um traficante num espaço público próximo à sua rua. Em seguida, o grupo mais uma vez fez um breve silêncio.

Mm: Aconteceu uma coisa dessa comigo mas foi lá naquela padaria lá em cima, aí eu tava quieto, aí chegou três donas mó cara estranha, agitadas, eu olhei ((vixe)) eu tava com o Sese pra não dizer que eu não tô mentindo, aí a gordinha chegou perto de mim e perguntou ((você tem um bagulho pra vender)) aí eu disse ((não eu tem não)) logo quem ((quem mexe é um colega meu, mas eu não mexo com essas coisas não )) aí eu falei pro Sese ((°essa dona é cabulosa°)).

Todos: @ (1)@.

Mm: | aí eu ((é desse jeito na cara de pau)) aí ela ((você tem cara de quem fuma)) aí eu ((eu não vou negar, mas eu já fumei já)) aí ela ((é claro)).

Todos: (.)

Logo em seguida, Galego (Gm) comenta que antigamente tinha o hábito de trajar bermudão, com a boina aba reta, moda definida por ele como de “doidão”. Ele acrescenta que gostava de aparentar como “bandidão”, nesse período ele conta que era frequentemente abordado por policiais no setor onde mora. Posteriormente, quando ele

aderiu ao estilo *hip-hop*, notou que as abordagens diminuíram e o tratamento dos policiais foi mais amigável.

Os rapazes continuam a exemplificar diversas situações em que alegam ter sido abordados por policiais bêbados ou serem detidos por estar bebendo cerveja sendo menores de idade.

Gm: | Antigamente quando a gente era muleque né véi, tipo eu andava todo doidão né, com a moda do bermudão e tudo, boina aba reta tá ligado? Só andava metido mesmo, só queria ser o bandidão e direto era reprimido pelos homi, tá ligado? E aí depois que eu parei de andar mais no estilo *hip-hop* eu não levei muito bacu não véi, mas de vez em quando ainda levo, mas assim de boa tá ligado?

#### Discriminação e racismo

Durante a discussão sobre a abordagem policial e as histórias de discriminação enfrentadas pelos jovens do *Rap Comando*, alguns depoimentos mencionavam “medo” da polícia, o que justificava uma postura passiva durante a abordagem considerada ofensiva. Diante disso, Liba discorda de seus amigos, em relação à não reação às ofensas cometidas por policiais. Segundo ele, deve-se reagir contra a injustiça cometida pela polícia. Em relação a isso, ele menciona que antigamente tinha medo da polícia, “tremia nas bases”. Liba conta que numa certa ocasião, quando trabalhava num supermercado, houve o desaparecimento de carne, então a polícia foi chamada e passou a revistar a todos. Liba se recusou a ser revistado, porque, de acordo com sua explicação, ele estava trabalhando ali e não fazia sentido aquela revista. Ele conta que o policial se sentiu surpreso com sua coragem de questionar a abordagem e decidiu liberá-lo da revista.

Após esse episódio do roubo no supermercado, Liba conta que passou a ser discriminado pelo gerente da loja onde trabalhava. A princípio, o gerente dizia que ele era um “bandido da Ceilândia”, que ficava desocupado nas esquinas da cidade. Liba disse que suportou essa situação até o momento em que o gerente o chamou de “macaco”, algo que o motivou a processar o gerente e a empresa. Liba argumenta que deixou de ter medo da

polícia quando passou a se informar sobre os seus direitos, algo que lhe concedeu um sentido de liberdade. Ele acrescenta que se deve saber falar com os policiais, pois isso influenciará a forma de sua abordagem.

Am: [ Antigamente quando falava no nome de polícia eu tremia nas bases, que nem teve no serviço, voltando a emprego, sumiu 300 toneladas de carne lá, aí chamaram a polícia, a polícia chegou revistando todo mundo aí eu ((oh perai aqui eu tô trabalhando como todo mundo aí, “mas tá todo mundo sendo revistado, você vai encontrar o que dentro dessa bolsa? Alguma coisa? Quer revistar, olha aquele armário ali. Oxi, você é muito folgado hein? [comenta o policial])) Aí tudo bem, passou isso, outro dia que foi até o gerente que eu processei ele, ele passou a me tratar como bandido ((Que nada, você é da Ceilândia, você dever ser daqueles bandidinho pidão lá das esquinas)) eu aguentei isso, eu só não aguentei quando ele me chamou de macaco, aí eu taquei o bicho no pau. Antigamente eu tinha medo de polícia, mas depois eu comecei a agir mais, saber mais dos meus direitos, isso pra mim tá sendo como uma liberdade, é tipo assim você tem que saber falar se ele ((o policial)) chegar com ignorância você pega e ((o senhor perai calma aí)) duvido, o cara já muda o estado dele o (( )) cara é entendido, o cara sabe das coisas.

A experiência de Liba no seu ambiente de trabalho chamou a atenção do grupo para o problema do racismo, que passou a ser discutido pelos jovens. Os jovens em geral narram situações em que são xingados durante o contato interpessoal com os colegas na escola ou na vizinhança. Liba ironiza e diz que está à procura de outras pessoas que o chamem de “macaco”. Em relação a isso, ele relembra o período em que alguns vizinhos costumavam chamá-lo de “neguim ou macaco”, contudo, mudaram de comportamento logo que tomaram ciência do processo e condenação de seu ex-patrão. Ele conclui que “não abaixa a cabeça”, porque racismo é algo “inaceitável” e as pessoas que o cometem devem “pagar” por isso.

Am: @Eu tô a procura mais de preconceito@ Depois que teve esse negócio na justiça do racismo, eu tô à procura de negão que de alguém que me chame de macaco novamente ( ) é porque só assim você ( ) aqui na rua era tão engraçado tinha uns vizins que chama “aqueles neguim, aqueles macaco”, depois que soube que eu processei um, quem disse que falaram isso ( ) mais nunca. Pra você ver como é as coisas né. Racismo a gente não pode aceitar não, racista tem que pagar, eu não baixo a cabeça não.

O grupo, em relação à sua atitude contra o racismo, finaliza cantando à capela um refrão feito especialmente para tratar dessa temática. Na letra, os jovens tratam das ofensas que tentam desmoralizá-los, contudo, afirmam que são resistentes e têm orgulho de ser negros.

De um modo geral, os jovens apresentaram diversas experiências relacionadas à discriminação por parte da polícia local. Para eles, a polícia trabalha com uma imagem generalizada do jovem, definida por “peba”; o estilo definido pelos jovens como “bandidão” atrai a atenção da polícia, que normalmente age de modo agressivo através de violência psicológica mediante xingamentos e ofensas morais contra os jovens. Contudo, os jovens admitem que, em geral, não reagem por temerem represálias ou por desconhecerem a lei, como alguns deles justificam.

Para o grupo, vestir-se no estilo *hip-hop*, com suas roupas folgadas, bonés e cordões de prata, implica se tornar mais visível, “fragante”, perante as outras pessoas na região. Tornar-se visível na perspectiva do grupo seria um modo de justificar, ao contrário do que alegaria a polícia, que os mesmos não têm envolvimento com a criminalidade, pois não estariam agindo de maneira discreta.

Outra situação recorrente para o grupo diz respeito à discriminação racial. Em vários depoimentos, os jovens são confundidos com traficantes simplesmente por estarem numa esquina de Ceilândia na companhia de outros jovens negros que se identificam com o estilo *hip-hop*. Eles são abordados por usuários de drogas e policiais.

Quanto às estratégias para enfrentamento da discriminação, o grupo, como mencionado anteriormente, aborda o tema em suas letras, construindo imagens de autoestima positiva para os negros. Entretanto, os jovens se esforçam para, eventualmente, dialogarem com a polícia ao verificarem excesso em sua abordagem. Em alguns casos, o preconceito racial foi tratado de maneira formal através de processo judicial, como no caso de Liba.



ISO  
SO FOI  
UMA  
AMAZIA

SO TO  
APAGANO  
POR CAUSA  
DA

ROSE O SEU NOME TATI É RIFA  
ISO É PRA VOSEIS LE

~~TRAVECO~~  
É  
TRAVECO

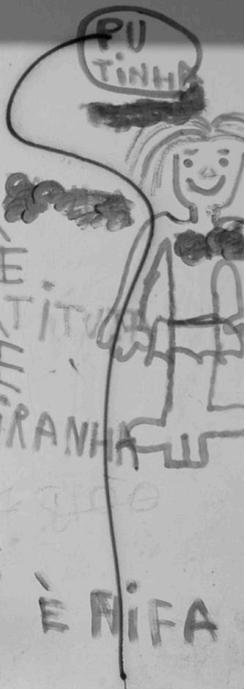
FELIZ

ANO

NOVO

PROSTITUTA

É  
É  
É  
PIRANHA



## “Da Ceilândia pra cá é a mesma coisa”

### Experiências discriminatórias e estratégias de enfrentamento

#### Grupo Resistência Periférica

Y retoma alguns pontos mencionados anteriormente sobre a experiência do grupo e a violência na periferia e, logo em seguida, pergunta se houve algum envolvimento da polícia com a violência. O grupo inicia uma grande discussão sobre o tratamento “covarde” da polícia e a necessidade de sua reeducação. Os jovens apresentam vários exemplos sobre as formas de abordagens durante as revistas. Além disso, Y pergunta ao grupo se há uma abordagem diferenciada da polícia em relação à juventude. Diante dessa questão, todos no grupo passam a conversar ao mesmo tempo. Em seguida, o grupo responde que em geral a polícia é agressiva, mas quando há oficiais da PM na patrulha a abordagem é mais tolerante, mas em geral há um tratamento diferenciado em relação ao estilo dos jovens da periferia, em que a polícia age de modo mais agressivo. A polícia se refere ao “kit peba” como a maneira característica de se vestir dos jovens potencialmente suspeitos, identificados pelo estilo *hip-hop*. Como menciona Hélio (Hm), “Da Ceilândia pra cá é a mesma coisa. É na orea”.

Y: Vocês falaram também desde o início da conversa. Que muitas coisas inclinaram pro lado do crime, e tal ou então pro lado das guerras. Vocês citaram algumas experiências de vocês relacionadas a isso. Mas eu não vi ninguém citar, por exemplo, a relação com a polícia. Como vocês vêem o comportamento da polícia aqui na região. Vocês já tiveram algum problema com isso?

Bm: A repressão continua. Primeiro eu acho que (.)

Am: [Covardes, cara.

Bm: [ Eles é covarde, tá ligado? mas não cabe a eu (.) tipo julgá eles. Né véi?

Gm: [ É tudo oportunista.

Y: Existe uma abordagem diferenciada da polícia?

- ((todos falam)).
- Hm: | Da Ceilândia pra cá é a mesma coisa. É na orelha ((orelha)).
- Am: Uma coisa que muda também é o seguinte. Quando vem um cara estudado, um oficial lá de dentro. Ele chega “boa noite, operação desarmamento”.
- Gm: Aqui tem uma onda, tem um estilo. Eles vão muito pela aparência da pessoa. Cê tá ligado?
- Hm: É o kit. É o kit peba.
- Bm: Dependendo com quem cê tá andando tem uma taca.
- Bm: Eu não dou mole pra polícia não. Um dia lá em frente de casa lá o PM chegou pá, veio me abordá, eu tava até com meu muleque, óh véi. Aí o bicho: “Bora todo mundo na parede”, peguei meu muleque, “você também. Oh eu tô com meu filho no=colo”. O bicho doidão, véi ( ) Aí eu tipo andei, pus meu muleque dentro de casa, tá ligado? Aí ele foi tipo me acompanhando. “Você vai sair? Bora, sai pra fora porque eu tô mandando. Eu vô sair porque eu quero, não porque você tá mandando. Aí o bicho fico brabo comigo, doido. Eu pensei que eu ia a apanhar nesse dia ó Am. Mermão o bicho me jogou na parede assim, doidão véi, alcoolizado mesmo. O bafo de cachaça assim na minha cara, e eu “caralho”. Eu gelei. Aí eu peguei e falei bem assim “eu tô de boa, não tô com nada, eu não devo, não tenho nada, eu nunca fui na delegacia nem pra documento perdido”, tá ligado? Aí é seguinte eu botei a mão, o bicho registrou e pá, e ficou: “Você qué que te chame como? Ô bonitão vem pra parede. Eu queria que você me tivesse educação de me tratar (1) do jeito que eu mereço, eu nunca nem te vi como é cê tá falando de negócio de vagabundo” e tal. (1) Aí o bicho ficou doidão. Eu calei a boca porque eu pensei que ia apanhar, doido. Eu fiquei com medo do cara crescer pra mim.

Sobre as experiências de discriminação e abordagens da polícia, Boca afirma que não se deixa intimidar pela Polícia Militar (PM), “não dá mole não”. Ele conta algumas experiências, numa delas ele estava em frente a sua casa com alguns amigos quando foram surpreendidos por uma abordagem da PM, que pediu a todos que se voltassem para a parede. Boca se recusou a seguir as ordens dos policiais, porque estava com seu filho menor nos braços. Contudo, o policial insistiu na revista, então Boca adentrou seu lote e levou seu filho até um local seguro, sempre seguido pelo policial. Em seguida, o policial repetiu a ordem para que Boca saísse de casa, para ser revistado, quando ele respondeu que “sairia porque queria” e não em função da ordem expressa. Isso teria irritado o policial que

teria empurrado Boca contra a parede. Durante a revista, Boca se sentiu agredido pelos empurrões e tapas do PM. Isso o levou a usar as mãos para se proteger da ofensiva policial. Nesse momento, ele observa que o policial estava alcoolizado. Então ele imaginou que poderia ser agredido a qualquer instante pelo PM. Ele tentou ainda dialogar com o policial para que o mesmo fosse menos agressivo e não o xingasse de “vagabundo”, mas o policial teria ironizado a queixa de Boca. Diante disso, Boca decidiu se manter em silêncio para evitar maiores represálias.

Logo em seguida, Amauri conta outra história semelhante em que estava caminhando pelas ruas da QNX, que tem um formato peculiar em relação a outros setores de Ceilândia, por serem estreitas, dificultando o trânsito de carros e, além disso, com várias bifurcações e becos sem saída. Amauri estava caminhando com seus amigos na rua onde mora, contudo, poucos instantes depois, quando ele adentra seu lote, foi surpreendido pela abordagem da PM. Ele observa o que está acontecendo e continua a se afastar do grupo, quando é ameaçado por um policial que aponta uma arma engatilhada em sua direção e o aborda, chamando-o de “negão”. Diante disso, Amauri se incomoda, mas atende à exigência do policial, sendo levado a sair novamente para ser então revistado. Ele contesta a abordagem feita já dentro de sua residência, mas os policiais ignoram.

Am: [ Foi que nem o ( ) tava vindo lá de baixo, eu nem vi não com os muleque tranquilo, os muleque tava descendo (eu só lembro disso, de repente) eu só escutei assim: “Eh aí cidadão”. Não sei o que ( ) quando eu olhei eu falei: “O que que foi, eu já tô aqui dentro de casa já, o que que foi?”

Dm: [ E ele já com a arma engatilhada: “bora negão”

Am: [Um=bora vem aqui pra porta” E eu já malandro, fui e saí, né? Aí ele “ se tu não vem, eu ia te buscá dentro” Aí eu falei: “tá ficando doido é?” Aí eu falei “Não tem mandado mais não? É bagunçado é?” “é, não sei o que”. Aí ele falou “tu é fácil né negão? Aí me deu bacu sorrindo. Aí eu falei: tá ficando é doido.

Em seguida, narra-se uma história em que o grupo iria fazer uma apresentação com vários grupos de *rap* em Brasília, quando foram abordados pela PM, que se aproximou xingando e agredindo os jovens. Amauri e Boca acrescentam que ainda tiveram tempo para ironizar os policiais, “ta nervoso seu polícia?”, e isso teria irritado o sargento do grupo,

que os levou para um lugar mais ermo. Os jovens imaginaram que seriam agredidos, mas Boca, que havia sido soldado militar das Forças Armadas, teria supostamente persuadido o sargento ao usar termos pertencentes ao jargão policial. Denis conta que logo em seguida, após terem sido revistados por policiais militares, foram abordados novamente por policiais civis, que, segundo o grupo, foram muito mais respeitosos, fizeram perguntas ao grupo sobre o local aonde iriam e, logo em seguida, o liberaram sem nenhum constrangimento, segundo o próprio grupo.

O grupo segue narrando exemplos de abordagens agressivas da PM. Amauri menciona uma ocasião em que estava num bar próximo a sua casa quando chegou o Batalhão de Operações Especiais da PM (BOPE), segundo ele, com armamento pesado, e ordenou que todos se encostassem na parede. Amauri conta que um de seus amigos levou golpes de cassetete nas costas e nádegas, o que o deixou inconsciente. Ele conta que se sentiu apavorado e saiu correndo junto com outro amigo. No dia seguinte, encontraram o jovem que teria sido agredido pelo BOPE na noite anterior, ele estava com um grande hematoma nas nádegas, resultado dos golpes que chegaram a destruir os cartões de crédito que estavam na carteira, tamanha a violência da abordagem. Durante a narrativa, o grupo oscila entre risos e manifestações de repúdio em relação à forma de tratamento agressivo da polícia na QNX.

Am: @. Outro dia eu tô ali no barzim que tinha fechado. Com as menina lá e um muleque. Chega a BOPE ó véi, todo mundo encabulado. “Vumbora encosta, encosta” tal. O cara com um chico 12 desse tamanho, óh Bm. Mermão, o muleque ali o ?m tava com a carteira, os cana deram uma paulada tão forte nele, quando eu vi batendo eu @corri, moço@. o muleque tipo desmaiô.

Bm: |@(.)@.

Hm: |@(.)@

Am: | A marcona de sangue na bunda do muleque. Quebro os cartão da cartera tudo, Cm. Foi lombra. Eu Ah::: corri. Todo mundo torto no outro dia. ( ).

Os jovens do Resistência Periférica sofrem frequentes abordagens das polícias militar e civil na região onde vivem, no setor QNX. Eles alegam que são abordados, em geral, de modo “covarde” pelos policiais, que os agredem fisicamente e os xingam. Em relação aos critérios de abordagem da polícia, os jovens dizem que isso se dá em função de

múltiplos fatores. Segundo eles, as abordagens são mais agressivas na Ceilândia. Essas abordagens ocorrem mais à noite quando estão passando pelas ruas com seus amigos. Normalmente, só os rapazes são abordados, nos depoimentos praticamente não se mencionou nenhuma situação envolvendo a abordagem de mulheres. Além disso, a polícia trabalharia com um estereótipo do jovem que usa o “kit peba”. Esse jovem seria aquele que traja bermudões, camisetas largas, correntes e boné aba reta, elementos que também são associados ao estilo *hip-hop*, também conhecido como “fragante” (flagrante). Ademais, a polícia aborda segundo critérios de diferenciação racial, com ênfase nos jovens negros, em outros termos, ela age em função de uma orientação segundo um sistema de *status* pautado em aspectos raciais. Em alguns dessas abordagens, os jovens alegam que suas casas são invadidas sem que haja evidências que os incriminem ou um mandado judicial. Por outro lado, os jovens observam um melhor tratamento durante as abordagens policiais, quando membros de uma hierarquia superior estão presentes em operações de maior escala.

Sobre a reação dos jovens frente à atitude discriminatória da polícia, eles, em geral, não gostam de admitir que sofrem constantes abordagens. Em muitos casos, se referem aos colegas. Apesar do tom dramático dos depoimentos, há eventualmente brincadeiras dos colegas em relação ao constrangimento que tal situação gera. Por outro lado, há um consenso no sentido de que não se deve aceitar a discriminação. Os jovens, ao sentirem-se discriminados durante uma abordagem mais agressiva, buscam dialogar com a polícia, com o intuito de demonstrar que conhecem seus direitos a partir de uma noção de cidadania criada pelos próprios jovens. Segundo eles, não “se deve bater de frente com a polícia”, entretanto, deve-se buscar a denúncia nos casos de abuso.

### *Discriminação racial e a vida mental da cidade*

Para os jovens do Resistência Periférica há uma tensão entre problemas relacionados à pobreza e à discriminação racial. Por um lado, há um consenso em relação à existência do racismo, enquanto prática social, mas, por outro lado, para alguns jovens do grupo, o racismo é algo que apenas atingiria os negros pobres. Contudo, outros jovens contrapõem esse argumento, afirmando que o racismo atinge toda população negra, independentemente de classe social.

Y lança uma pergunta ao grupo sobre experiências com racismo e outros tipos de discriminação. Em relação à pergunta, Hélio (Hm) responde imediatamente que sofre discriminação econômica, “financeira”, mas Boca (Bm) o interrompe e reforça que se trata de uma questão sobre “racismo”. Diante disso, o grupo faz uma breve pausa e, em seguida, Conrado (Cm) resolve perguntar novamente se a questão apresentada era de fato sobre “racismo”, palavra que ele repete por duas vezes enfaticamente. Boca mais uma vez toma a palavra, retoma o que foi dito anteriormente e diz que Hélio estava falando de dinheiro, mas o assunto é “cor de pele”.

Após o comentário de Boca, Hélio retoma a palavra novamente e menciona que já havia trabalhado de *motoboy*, antes do seu atual emprego, e frequentava vários prédios importantes dos setores Comercial e Bancário de Brasília. Ele conta que ao adentrar em um dos prédios, chamado pelos jovens de “Robozão”, dada a sua arquitetura arrojada de vidros espelhados e grandes proporções, se dirige ao elevador onde havia uma mulher branca. Segundo ele, a mulher o observava com um olhar de desconfiança e repulsa, em seguida, buscou se afastar dele, algo que lhe deixou irritado, mas se manteve quieto enquanto dizia para si mesmo em silêncio, “porra!”.

- Y: Como que vocês veem o racismo? Vocês já tiveram alguma experiência de discriminação?
- Hm: Eu mesmo financeiro.
- Bm: | Ele tá falando racial, malandro.
- Am: | Então.
- Cm: | Mas, é racismo né? que tá falando. O assunto é racismo?
- Bm: Mas é dinheiro, (que o Hm tá falando). Ele tá falando de cor (.) de pele.  
Hm, aquele que tem lá
- Hm: | Eu trabalhei de motoboy, eu trabalhei em vários prédios importantes no Plano Piloto. Uld Trade Center, que tem lá?
- Gm: | O robozão? É.
- Hm: | Aí eu entrei lá, rapaz? Entrei no elevador mais a mulher, (.) e a mulher ficou me olhando assim já, (.) com o ar de (desconfiado) você sabe quando a pessoa tá desconfiando de você, né. E, pá deu uma afastada de você assim (.) Aí eu “porra” ((pensamento)).
- Gm: | Lá no Plano, pra maioria, neguim é ladrão, olha só.
- Hm: | É mais pilantra é (o Plano Piloto) mas na periferia não rola isso não, só pra lá mesmo.



que acabar de falar no racismo. Porque o muleque, o muleque que cresce vendo uma novela, tá ligado? Que falar de uma cor da pele. Tipo assim, que ( )

Am: [ Preto ( ) escravo.

Bm: [ tá ligado? Eu acho que um muleque que cresce ali ((interrupção=conversa paralela)). Se liga como é que conta a história ali. O muleque assiste a novela da seis, e vê o negão sendo chibateado, chicotado. Aí ele vai pro colégio aí quando ele vê o neguin ele fala “aí neguin ( )”. Aí já começa o racismo daí, tá ligado? A televisão é a (*Discriminação racial e a vida mental da cidade*).

Bm: [ A televisão é a ponte pra discutir, pro racismo crescer no Brasil e em qualquer país. Eu acho que quando acabar, todo mundo não pode falar mais de racismo, não pode mais falar de nego, não pode falar mais.

O sentido específico da expressão “parar de falar em racismo” remete à ideia que se constrói uma cultura política que atravessa o audiovisual, em que a imagem do negro é sempre construída a partir de seu sofrimento. Isso para o grupo gera consequências negativas para a autoestima da juventude negra, que sempre se vê retratada dessa forma. Portanto, “parar de falar em racismo” não trata necessariamente de se ignorar o problema, mas construir outras imagens relacionadas à representação social da população negra. O racismo como sistema de diferenciação social deve ser superado, de modo que a categoria “raça” deixe de ser empregada para se referir às pessoas.

Apesar de o grupo propor intervenções nos meios de comunicação para que se estabelecesse um amplo debate sobre o tema, de fato há opiniões discordantes que não compartilham com a possibilidade de superação do racismo. Em relação a isso, Hélio considera que o racismo jamais acabará, pois está associado a questões de “poder aquisitivo”, o qual está mais concentrado na população branca, e, para ele, são poucos os negros com alto poder aquisitivo.

Diante da consideração de Hélio, Boca comenta repetidamente “que tem muito negro racista”. Segundo ele, alguns negros têm vergonha da própria pele. Ele explica que esses “negros gostariam de trocar de pele, ser brancos”. Contudo, Hélio discorda. Ele reafirma que na periferia não existe racismo. Para isso, ele exemplifica que através do relacionamento afetivo exogâmico é possível se estabelecerem contatos com pessoas de diferentes “raças”. Além disso, ele afirma que na periferia as pessoas podem chamar umas às outras de “neguinho” sem que isso represente uma diferença racial, contudo, isso se altera quando as relações sociais se estabelecem fora desse espaço de sociabilidade.



grupo restrito de brancos que detêm o “poder aquisitivo”. Por outro lado, inversamente a essa situação, há uma maioria negra que não dispõe das condições daquela minoria branca.

O grupo considera que a ascensão econômica pode livrar uma pessoa dos constrangimentos vividos por negros e pobres. Hélio menciona que caso tivesse dinheiro poderia encarar ou outros, os brancos do Plano Piloto, “de frente”. Ele menciona algumas personalidades negras, como Pelé, Foguinho (Lázaro Ramos), que detêm alto poder aquisitivo e *status* social e, portanto, não sofreriam preconceito racial. Hélio recorre à expressão “tratado como racista”, para definir pessoas que, de alguma maneira, são discriminadas racialmente. Para ele, o poder aquisitivo leva as pessoas a serem tratadas como iguais.

- Hm: [ porque se eu tivesse dinheiro ( ) e pudesse olhar eles de frente (os brancos) frente a frente.
- Bm: [ @Já rolou o racismo, é foda@.
- Hm: [ Cadê que ninguém encara o Pelé como racista? Ninguém encara o Pelé como racista.
- Am: [ É o rei né muleque, tem dinheiro.
- Hm: Ninguém encare esses ator de novela.
- Bm: [ Encara malandro.
- Hm: [ Igual o Foguim, aqui oh, como racista.
- Bm: [ Encara malandro.
- Hm: [ como neguim não. Porque os cara tem dinheiro, os cara tão lá envolvido um com o outro, lá. Isso não existe lá entre eles não. ( )
- Bm: [Encara pô.
- Hm: [ Basta, basta os nego começa a estudar, caça estudo e de onde tirar. Aí sim vai poder igualar por meio do serviço.
- Gm: [Não iguala porque ( ) as porta fechada ( ).
- Bm: [Oh Hm.
- Bm: [Não, mas a partir que você se qualifica o mercado não fecha não, véi, que ele faz é abrir, véi.
- Bm: [ Óh Hm se liga.O negro sempre foi humilhado, desde o tempo que começou, calma aí.

Em relação à mobilidade social do negro, Hélio acredita na ideia de que, quando os negros começarem a estudar, poderão se igualar através do trabalho. Contudo, Gabriel alega que isso não ocorre porque as oportunidades são desiguais entre brancos e negros, mesmo que ambos tenham a mesma formação, “as portas estão fechadas”. Boca discorda e diz que o mercado se abre quando se é qualificado, segundo ele, o negro foi escravizado

historicamente, portanto, se um negro chegar ao poder, mesmo sendo rico, sempre haverá uma tutela, uma interdição de um homem branco. Isso se daria, segundo ele, em função de um receio “dele (do negro) de fazerem o mesmo que fizeram com os antecedentes dele”.

Bm: [ Quer dizer se um negro chegar no poder, se um negro chegar, por mais rico que ele seja um milionário, por mais rico que for. Sempre vai ter um branco, dizendo, querendo tipo abaixar ele. Por que? Porque vai ter medo dele chegar e fazer o mesmo que fizeram nos antecedentes dele, moço.

Hm: [ Mas adianta, velho. Adianta que a pessoa. Hoje em dia

?m: O Colin Powell era negro e ( ).

Hm: [ a pessoa se qualificando e sabendo não tem esse negócio não.

Bm: [ Que, Hm, não tem.

Gm: [ Eu sei, eu sei, acabou, já era ((tentativa de intervir na discussão)).

Bm: [ Você pode ser milionário Hm, você pode ser milionário. Você pega um neguim milionário que tiver, sempre vai ter um branco, tá ligado com ele ( ).

Gm: [ Não existe isso mais não.

Mais adiante, o grupo menciona que o racismo seria baseado numa suposta crença na incapacidade do negro. A exemplo disso, Hélio afirma que priorizar o acesso de negros na universidade através de um sistema de cotas é uma forma de desqualificá-lo. Ele ainda comenta, gaguejando, que se negros e brancos, disputarem uma vaga, o negro seria bem sucedido. Nesse momento, todos no grupo fazem comentários no mesmo sentido. Amauri é o único a discordar. Ele pergunta ao grupo quantos negros chegou à universidade e, em seguida, conclui que nenhum negro logrou tal êxito.

Hm: [ Sabe o que que eu acho racismo? Achar que o negro é incapaz. Achar o negro incapaz. Que a pessoa de pele escura é incapaz. Sabe o que que eu acho racismo? Racismo é você pegar e dar prioridade pra um negro na faculdade, pra um negro. Eu acho que isso é o pior racismo que existe. Porque se o negro disputar pau a pau junto com o branquinho.

Gm: [Ele arrebenta.

Hm: [Ele= ele=ele dá conta.

Gm: [°É, pior que dá mesmo°.

Hm: [ Agora priorizar:: eu acho que isso aí começa o racismo.

- Am: | Aí já tá tirando.
- Hm: | Isso aí que já começa o racismo. Isso aí que começa o racismo. Porque a pessoa tem capacidade, ela luta, ela vai em frente. Eu sei disso.
- Am: | Não Hm. Mas ( ) assim . Quantos negros chegaram lá? Nenhum. Então? Eles tão abrindo primeiro a porta pra depois ( ) invista neles mesmo.
- Bm: | Tem os dois lados da moeda, né muleque?
- Hm: | Então. Então. Eles têm que tomar atitude.

O grupo, durante boa parte da discussão sobre discriminação e racismo, manifestou várias posições caracterizando uma passagem de foco, ou seja, um momento do debate com vários pontos de discordância e agitação dos envolvidos no debate.

De modo geral, o grupo constrói uma perspectiva na qual a predominância das relações impessoais numa metrópole como Brasília estabelece uma mentalidade com condições para a discriminação racial e de classe. De maneira discreta, mas eficiente, a arquitetura delimita espaços de circulação estratificados. A exemplo disso, uma situação corriqueira, num prédio luxuoso no setor financeiro da cidade, em que duas pessoas desconhecidas entram num elevador pode durar apenas alguns segundos. Contudo, se nesse caso, for um *motoboy* negro e uma secretária executiva branca, tal coincidência seria suficiente para acionar todo um sistema de distinção e gosto observável através do gestual, de um olhar repulsivo, um passo atrás, entre outras possíveis e discretas variações do mesmo tipo de constrangimento preconceituoso que está inscrito e expresso pelo corpo.

Em contraposição à etiqueta urbana dos espaços onde há uma maior incidência da especulação imobiliária de Brasília, os jovens definem a “periferia” como espaço em que prevalece as relações vicinais e seus consequentes vínculos afetivos. Para o grupo, a periferia constitui um espaço segregado, em que há uma série de precariedades no que se refere aos equipamentos e serviços públicos, o que a associa à pobreza de sua população, que tem “baixo poder aquisitivo”. Por outro lado, nesse mesmo espaço, os jovens do Resistência Periférica alegam que não há incidência de racismo nas relações interpessoais onde vivem na QNX. Os vínculos de intimidade estabelecidos pelo convívio de amizade de jovens que compartilham do mesmo lugar de classe e “raça” possibilitam formas de

tratamento, como se referir à cor do outro, o que num ambiente impessoal é vedado e poderia caracterizar uma ofensa.

A relativa predominância racial e de classe obtida em determinadas cidades, especificamente em setores como a QNX, em Ceilândia, leva à condição de um relativo isolamento social imposto pela configuração urbana da cidade, que limita as interações sociais entre pessoas de mesmo perfil socioeconômico e étnico-racial, composto por negros e nordestinos e seus descendentes. Uma relativa homogeneidade étnico-racial para uma dada comunidade torna “invisível” o racismo, porque o mesmo está inserido no arranjo geopolítico da cidade, que cria espaços distintos de circulação. Nesse caso, a “mão invisível” da especulação imobiliária cria uma periferia negra e nordestina, em que, pela condição de isolamento, a população não reconhece a existência de um racismo que já está estruturado na própria configuração urbana.

### 9.3 Algumas considerações gerais sobre as experiências discriminatórias e estratégias de enfrentamento dos jovens

A discussão das questões relacionadas a experiências discriminatórias gerou diversos comentários e posicionamentos controvertidos por parte dos grupos. Em cada contexto, foram selecionados os principais aspectos para a definição de situações em que os jovens se sentem discriminados. Contudo, mesmo diante de uma diversidade de posicionamentos, há alguns elementos que permitem alcançar algumas generalizações quanto ao tema discriminações, bem como as respectivas estratégias encontradas pelos jovens para o enfrentamento de tais eventos.

Em geral, os grupos consideram a abordagem policial violenta e a discriminação racial contra negros e nordestinos como os principais temas para suas narrativas sobre experiências discriminatórias. Para os jovens, a discriminação está diretamente associada ao fato de assumirem o *hip-hop* como estilo de vida e às condições de uma juventude negra e pobre que vive num espaço urbano segregado, como alguns setores em Ceilândia.

O estilo *hip-hop*, caracterizado pelos grupos como um conjunto de valores e práticas, se materializa a partir de uma maneira, uma moda específica, em que o corpo se

expressa no no espaço público. Desta forma, os jovens vinculados ao *hip-hop*, de um modo geral, apreciam roupas folgadas, adereços, como jóias reluzentes em tons dourados e prateados, além de acessórios, como bonés, toucas, tênis, entre outros. Trajados dessa maneira distintiva, os jovens realizam suas atividades corriqueiras, como frequentar escolas, passear em *shopping centers*, utilizar transporte público ou, simplesmente, permanecer em suas comunidades, conversando com outros jovens nas esquinas.

Entretanto, independentemente do espaço em questão, a simples presença dos jovens num espaço público redefine a postura de policiais e seguranças privados, que passam a agir de maneira mais ostensiva e, segundo os jovens, discriminatória. Apesar de o *hip-hop* ser uma manifestação estruturada em uma cadeia produtiva de bens simbólicos representativos do sentido de pertencimento jovem, no momento em que esse assume a indumentária, enfrenta uma situação ambígua a que seu estilo está vinculado. Por um lado, existe a afirmação jovem, masculina e, em alguns casos, agressiva, como indica a variação “fragante”. A vinculação à estética marginal em algumas variações, como o fragante ou o *gângster*, pode acirrar a postura ostensiva e discriminatória da polícia.

Durante as narrativas, os jovens contam que são constrangidos por seguranças armados em *shopping centers*, que passam a segui-los constantemente, de modo que eles passam a ser encarados como suspeitos, não só pelos guardas, mas por todas as pessoas que estão nesse espaço de circulação. As abordagens dos policiais durante as revistas são avaliadas pelos jovens como “covardes”. Há diversos exemplos sobre como a polícia aborda os jovens baseados em categorias discriminatórias como “peba”, que se refere a uma imagem estigmatizada do jovem associado ao *hip-hop* como aquele envolvido em prática de delitos e crimes.

Os jovens dos grupos afirmam se identificar, em alguns casos, com uma variação do estilo, conhecida como “fragante”, que alguns chamaram de “aba reta”, “bandidão” ou “doidão”. Os jovens identificados com essa distinção alegam que compram roupas caras, de “luxo”, e estabelecem sua *bricolagem* ao criarem uma nova estética pela reconfiguração das peças de roupa e acessórios, que fazem eventualmente alusão ao estilo *gângster*. Portanto, o jovem “fragante” é definido pela polícia como o “peba”, que é considerado um “suspeito em potencial”, visado nas abordagens policiais. Outros jovens alegam que se vestem de modo “*hip-hop*”, com suas calças e camisetas largas. Os jovens adeptos dessa

variação afirmam que, apesar de serem chamativos, por sua estética, não aludem ao estilo “fragante”, que seria mais visado pela polícia.

Em relação à constituição de um *habitus* em relação ao estilo, os jovens ao discutirem suas experiências em relação à discriminação demonstram uma certa ambigüidade, em que, por um lado, assumem que o racismo é algo estruturante da vida social e orienta um *habitus* de classe para brancos e negros em diferentes estratos sociais. Frente a isso, não haveria como ele ser eliminado, pois é algo a que já se está “acostumado”. Por outro lado, em diversos momentos, os jovens narram suas estratégias de enfrentamento do racismo, que se articulam, em muitos casos, por meio de diálogos durante as situações em que a discriminação se objetiva e é identificada.

Os jovens demonstram que o racismo através de piadas e anedotas é comum nas escolas ou no ambiente de trabalho. Alguns afirmam que tal prática é “comum” entre homens que têm o costume de se ofenderem com apelidos durante seu processo de socialização. Em relação a esse tipo de situação, os jovens definem suas estratégias como “jeito comédia”, em que se busca a persuasão do racista sem que se desfaça o vínculo de amizade do grupo. Entretanto, na maioria das narrativas, as situações têm uma grande carga dramática que os interlocutores não conhecem, pois estão envolvidos em vínculos institucionais e impessoais, como passageiro e motorista num transporte público, ou num prédio comercial num ambiente entre funcionários de uma mesma empresa. Nessas situações, alguns jovens afirmaram que reagiram ao ser discriminados. Alguns discutiram com seguranças e vendedores de lojas em *shopping centers*, outros processaram seus chefes por crime de racismo. Contudo, em muitas das situações, os jovens identificaram a discriminação, mas não apresentaram qualquer reação a ela.

Os grupos em geral trouxeram diversos elementos no que se refere à construção do sentido de identificação da Ceilândia como um importante espaço de convivência. Nesse caso, Ceilândia, diante de sua atual complexidade enquanto espaço urbano, é vivenciada a partir da metáfora da “periferia”.

De fato, é nesse espaço que determinadas relações vicinais e locais estabelecerão as condições socioambientais para o encontro dos jovens em torno do estilo de vida como o *hip-hop*. Além disso, nesse espaço vivencial, os grupos afirmam que não ocorreria racismo. A relativa homogeneidade, em termos de classe social e de predominância de uma população negra e de imigrantes nordestinos, não é associada pelos jovens como parte de

um processo de segregação, ao mesmo tempo, étnico-racial e espacial. Para os jovens da periferia, há uma atmosfera que invisibiliza o racismo, porque todos ali são tratados como “iguais” e vivem a partir de vínculos de intimidade, centrados nas famílias e nos grupos de amizade.

No que se refere ao relacionamento afetivo, os jovens mencionaram algumas experiências, especificamente a dificuldade de jovens negros se relacionarem com mulheres brancas. Para eles, apesar de preferirem namorar garotas brancas, elas às vezes os tratam com desprezo em festas ou outros locais públicos, pelo fato de serem negros. Em contrapartida, alguns dos jovens alegam que nunca tiveram relacionamento com garotas negras, mas que não seriam contrários a esse tipo de relacionamento. Isso expressa como os jovens racializam a discussão sobre relacionamento a partir de uma supervalorização as garotas brancas em detrimento das negras.

Ainda sobre a relação das experiências discriminatórias e sobre o espaço urbano, os grupos, ao tratarem de incidentes com a polícia, alegaram que, em Ceilândia, há mais brutalidade, conforme diversos exemplos apresentados. Esse tratamento, segundo os depoimentos, ocorreria contra os jovens negros do sexo masculino que circulam, à noite, em áreas de lazer, como bares e boates, ou mesmo em áreas próximas a suas residências. De fato, isso expressa o quanto a cidade é precária no sentido de equipamentos de lazer para a juventude.

Essa juventude está inserida precariamente no mercado de trabalho, além de ser pouco atendida por políticas públicas relacionadas à educação, lazer, capacitação profissional, dentre outras, vivendo à margem das ações estatais.

A associação de pobreza e racismo para o grupo é exemplificada pela descrição da configuração urbana do Distrito Federal. Os jovens alegam que, em cidades como Brasília ou Taguatinga, eles são discriminados pelo seu estilo e por serem negros. As diferenças entre raça, classe e *status* dos jovens estruturam a desigualdade e a discriminação que eles enfrentam quando estão nos espaços públicos. No caso de Brasília, as impessoalidades que orientam as relações sociais criam possibilidades para a discriminação, as quais os jovens têm dificuldade de enfrentar, pois são mais discretas, “como um olhar repulsivo”, mas não menos objetivas no que se refere ao estabelecimento da barreira da “boa aparência” enfrentada pelos jovens quando tentam procurar emprego ou buscar informações em espaços comerciais ou públicos.

Ainda durante as discussões em relação à discriminação racial, em especial no que se refere à elaboração de estratégias de enfrentamento do racismo, os jovens em geral se identificaram como negros e fizeram considerações críticas aos termos como “mulato” ou “moreno”, os quais, segundo eles, eram preconceituosos e não possuíam a mesma visibilidade da categoria “negro”. Os jovens que não se identificaram como negros disseram, em contrapartida, que tinham “sangue negro nas veias” e, portanto, também seriam “negões”, mesmo sendo brancos.



## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da pouca utilização do conceito de gerações por pesquisadores brasileiros, assim como da variável metodológica do *método documentário de interpretação*, há algumas pesquisadoras que têm demonstrado sua eficácia em abordagens em que há uma maior ênfase na produção de dados qualitativos. Essa metodologia permitiu trabalhar com sujeitos sociais subalternos, considerados “sem história” ou “sem voz”, como a juventude pobre e negra das grandes metrópoles. Contudo, abordagens mais convencionais, baseadas em certas hipóteses sobre a juventude, ainda reforçam estereótipos sobre um suposto caráter da marginalidade juvenil intrínseca, assim como abordagens que tentam qualificar a juventude simplesmente por aspectos cronológicos.

As múltiplas culturas jovens desafiam os pesquisadores a construir um “campo de pesquisa” sobre juventude que não esteja vinculado a velhos paradigmas que narram a juventude de maneira espetacular e superficial, criando, dessa forma, alguns estereótipos em torno de categorias como “tribos” ou “gângues”, ao desconsiderar outros aspectos que vão além das indumentárias e daquilo que compõe parte das estimas dos jovens. Para enfrentar tal situação, requer-se a construção de uma metodologia explicativa desses fenômenos presentes nas orientações coletivas juvenis, que considere aspectos relacionados ao consumo da juventude pobre das classes trabalhadoras, bem como as dimensões relativas à construção de um sistema de distinções sociais pautado em categorias como raça-etnia, gênero e sexualidade.

Diferentemente daquilo que algumas perspectivas homogeneizantes poderiam apresentar, nessa investigação sobre os jovens em Ceilândia, foi encontrada uma diversidade dentro das “culturas juvenis”. Diante disso, diversas orientações coletivas puderam ser documentadas durante o convívio com os grupos, bem como por meio da análise dos grupos de discussões realizados ao longo da pesquisa.

A modernidade enquanto um projeto de reificação da racionalidade técnica estabeleceu um projeto global, centrado em valores universais eurocêntricos. Esse projeto, articulado em função de um sistema mundial, definiu toda cultura existente através de um sentido de colonialidade. Como consequência, os projetos de modernidade e suas crises definiram, de um modo geral, outras experiências históricas, a partir de uma noção de

centro e periferia. Esses projetos desconsideram outras possibilidades de configurações geracionais e práticas sociais que revelem as descontinuidades de um projeto ocidental. Diante disso, o conceito de gerações, entendido enquanto processo, enquanto mudança social, se estabelece mediante as alternativas concretas de um determinado grupo social, identificado como juventude.

A juventude estabelece seu próprio sistema de comportamentos sociais, o qual sofre diversas interferências da estrutura social em que se encontra, definindo os sentidos das ações individuais como os de uma juventude negra e pobre da América Latina, que vive nas grandes cidades e se apropria de elementos advindos de um processo mundial de construção de suas orientações coletivas, materializadas sob a perspectiva de novas formas de expressão estético-políticas e de consumo, capazes de traduzir suas questões específicas em ações sociais. Essa dinâmica da juventude estabelece uma espécie de região de fronteira que potencialmente transcende o imaginário de colonialidade sob o qual foi submetida historicamente.

Em relação a essa experiência, o *hip-hop* foi associado à diáspora africana do Atlântico como fenômeno cultural realizado por negros e latinos em grandes metrópoles do hemisfério norte. O povo negro recriou suas linguagens em novas formas de reivindicação política por igualdade, superando dicotomias entre cultura e política ao inserir o lazer em suas estratégias e práticas sociais, tornando-se uma cultura dentro de um sistema mundial. Isso se expressa por uma mobilização da sociedade civil, na esfera da produção e consumo de bens simbólicos, articulada como a luta por reconhecimento no espaço público. De fato, isso não implica uma assimilação passiva desses elementos estéticos globais. Em cada localidade, há em operação diversas influências que possibilitarão a multiplicação de formas, bem como de políticas associadas à juventude afrolatina, em especial no Brasil, e ao *hip-hop* enquanto uma forma de cultura popular contemporânea.

O estudo das orientações coletivas em relação às narrativas de jovens negros da periferia de Brasília, em Ceilândia (DF), enfrentou a questão da marginalização urbana a partir de suas próprias experiências. Para isso, o estudo sobre os estilos de vida definido a partir de sua complexidade dentro de um sistema de gostos e distinções sociais estipula toda uma rede de relações que extrapolam o grupo em si. Isso implica a relação com outros grupos, como a família, a vizinhança local, os professores, policiais, bem como com diferentes espaços de interação, como a escola, a casa dos pais ou dos amigos, a rua, a

esquina, entre outros. Todos eles vão dinamizar e abrigar a construção de uma visão de mundo dessas juventudes em torno desse “canto de Ceilândia”: o *rap*.

Essa forma de cultura popular engajada em discursos de uma “missão transformadora” foi uma referência motivadora do envolvimento das primeiras gerações de jovens no *hip-hop* no Distrito Federal. Isso foi constatado a partir das experiências dos próprios jovens em Ceilândia, em que, através de uma inserção nos meios de produção musical do *rap*, os jovens puderam redefinir uma série de pautas reivindicatórias na esfera política, no sentido de um reconhecimento positivo da juventude das periferias de Brasília. Isso foi realizado mediante a intervenção no espaço público através de *shows*, assim como no campo publicitário dos meios de comunicação, que estigmatizavam a cidade, bem como sua juventude. Nesse caso, o *rap* passou a ser um dos referenciais do reconhecimento da juventude antirracista na periferia de Brasília.

A análise das orientações coletivas dos jovens envolvidos com o *hip-hop* e o *rap* em Ceilândia permitiu, por meio do método documentário, construir um tipo em relação social frente a sua posição geracional e ao seu estilo cultural. Dessa forma, a família e as relações interpessoais de amizade foram relevantes para a construção de um sentido de pertencimento coletivo. A cidade, com sua complexidade e contrastes, assim como com semelhanças no que se refere à condição de classe dos grupos, permitiu que esses se identificassem dentro de uma experiência intersubjetiva geracional.

Em relação à constituição dos grupos, eles se originaram de maneira semelhante, a partir de projetos promovidos por instituições assistenciais que atuam em escolas no setor onde os jovens residem. Em relação à elaboração de um projeto político-pedagógico, os grupos estão voltados para um conjunto de práticas lúdicas e de consumo de bens identificadores com o sentido de enfrentar seus problemas cotidianos. Outros grupos reivindicam o sentido de uma missão política para realizar o resgate daqueles envolvidos no “vício do álcool e das drogas”. Em geral, o sentido de missão política voltado para a mudança social foi apresentado de diversas maneiras pelos grupos, como: “revolução”, “cultura forte”, entre outras assumidas pelos grupos. Todas elas constituem expressões que, de maneira heterodoxa, propõem um envolvimento dos jovens com atividades sociopolíticas em sua cidade.

A formação e o envolvimento dos jovens com o *hip-hop* e o *rap*, que eram em sua maioria negros, do sexo masculino, com idade aproximada de 15 a 25 anos, foram

motivados por vários elementos, como as relações vicinais articuladas por espaços de circulação e convivência como a escola. Contudo, apesar das semelhanças entre os jovens, isso não implica que os mesmos sejam homogêneos, mas que compartilham de uma visão de mundo em que se elege um “protagonismo jovem” como valor. Alguns grupos estão envolvidos em trabalhos sociais coordenados por ONGs locais ou regionais, outros atuam como empreendedores de pequenas atividades voltadas para o lazer em suas comunidades.

A família enquanto instituição social se mostrou relevante para os jovens que, em sua maioria, vivem com seus pais ou avós, os quais são espectadores do envolvimento dos seus filhos com a música. Paralelamente ao discurso que valoriza a interconexão geracional com os pais e as pessoas mais velhas, há um conjunto de assertivas que indicam o interesse dos jovens em criar um espaço de convívio restrito às suas práticas sociais em torno da música e da troca de experiências com outros jovens envolvidos num mesmo contexto geracional.

Parte da motivação dos grupos de *rap* em relação a uma transformação, definida por “revolução” ou “correr atrás de algo verdadeiro”, traduz o sentido de vários dilemas enfrentados pelos jovens no setor da cidade onde vivem, espaço onde lidam com experiências discriminatórias nas escolas ou mesmo nas ruas. Apesar do desejo de mudança e mobilização local, observa-se a tensão entre valores de cunho mais individualista, representados pela categoria “*playboy*” em contraposição ao associativismo preconizado pelos jovens “*rappers*”. Os desacertos e a dificuldade de mobilização no sentido reivindicatório leva à criação de um imaginário distópico em relação à vida na periferia urbana, além da criação de estereótipos relacionados à violência juvenil. Portanto, em suas narrativas, há uma ambivalência entre uma violência naturalizada e o discurso em torno de um resgate social a partir de uma juventude envolvida no estilo *hip-hop*.

A observação de campo, bem como as entrevistas dos grupos de discussão permitiram observações de uma orientação coletiva dos jovens em relação à sexualidade masculina e suas perspectivas acerca das visões de mundo sobre relacionamento afetivo. Há vários elementos que permitem constatar o modo como os jovens estabelecem um sistema diferenciado de papéis sociais masculinos e femininos de jovens que, em sua maioria, são solteiros.

Os jovens definem o envolvimento com o *hip-hop* como um aspecto orientador de suas escolhas afetivas. Isso se torna uma prerrogativa masculina para determinar a

dinâmica do relacionamento com as garotas, definidas em categorias como: “donas”, “minas” ou “piriguetes”. Nesse contexto, estipulam-se certos valores masculinos de cunho sexista que limitam o espaço de circulação das jovens, especialmente aqueles relacionados ao lazer. Os jovens do sexo masculino, em geral, preferem buscar diversão na companhia de outros amigos em detrimento de suas namoradas ou esposas, mas frequentam espaços de socialização e lazer onde há a presença feminina. Além disso, alguns jovens, “garanhões” ou “aqueles que pegam todas”, preferem estar envolvidos em relacionamentos ocasionais com as “donas” ou “piriguetes”. Nesse caso, a vida festiva, expressa no “curtir o frevo” ou “ficar zanzando”, se apresenta como uma oposição ao relacionamento estável de cunho monogâmico.

Em contrapartida ao discurso predominante que invisibiliza a participação feminina nas constituições do relacionamento afetivo, há determinadas situações em que se observaram inversões ou reações das jovens no sentido de determinarem suas próprias escolhas frente à configuração do relacionamento patriarcal ou frente à redefinição de um prognóstico de futuro que possa interferir na solução de problemas enfrentados pela juventude, como o pessimismo e a violência urbana. Portanto, as jovens têm a capacidade de “mudar a cabeça” de seus companheiros e livrá-los da “guerra”.

Para os jovens *rappers* de Ceilândia, o amor romântico é redefinido pelos relacionamentos por eles orientados. Apesar do sexismo e misoginia, não se pode afirmar simplesmente que haja uma dominação unilateral, mas uma complexidade dos papéis femininos e masculinos, que, eventualmente, transgridem o sexismo implícito nas interações sociais.

O método documental, assim como a observação de um vasto material iconográfico, como jornais e periódicos, permitiu a constatação de diversas experiências discriminatórias sofridas pelos jovens envolvidos no *hip-hop* em Ceilândia. Na mesma proporção, o *hip-hop* permitiu a reflexão sobre estratégias criativas estipuladas pelos grupos para enfrentarem tais situações.

Os jovens alegam que são constrangidos frequentemente em função de abordagens discriminatórias, no espaço público, em função do estilo *hip-hop* pelo seu *habitus* corporal e sistema de gosto expresso por uma indumentária específica, a qual é identificada negativamente. Há diversos exemplos sobre como a polícia aborda os jovens fundamentando-se em categorias discriminatórias associadas de alguma maneira ao estilo

*hip-hop* como o “peba”. As histórias apresentadas durante os grupos de discussão tratam de situações em que os jovens negros são seguidos e constrangidos por guardas em estabelecimentos comerciais como *shoppings*. Em outras situações, eles são identificados de maneira suspeita em áreas valorizadas economicamente e de maioria branca em Brasília.

O aspecto de uma configuração urbana no Distrito Federal, que criou periferias heterogêneas em termos de classe, contudo, mais homogêneas em termos étnico-raciais, cria, portanto, uma periferia racializada pela predominância de negros, que sofrem uma constante abordagem policial, considerada agressiva pelos jovens.

Os jovens em geral naturalizam as situações nas quais sofrem algum tipo de discriminação, eles já se “acostumaram”. Dessa forma, o simples fato de o fato de serem jovens e negros já justificaria a abordagem agressiva da polícia. Além disso, a condição geográfica, por viverem numa cidade como Ceilândia, estigmatizada pela ideia de periferia, só agravaria esse quadro.

Apesar do fatalismo de alguns discursos mais pessimistas, há aqueles que buscam formas de enfrentamento da discriminação racial e da discriminação em relação ao estilo *hip-hop*. Os jovens afirmam em suas narrativas que enfrentam diretamente essas situações em espaços em que estão envolvidos numa situação discriminatória, como a escola, o trabalho, entre outros. Para isso, recorre-se à estratégia de tentar dialogar informalmente contra o agente causador do racismo para demonstrar sua posição antirracista usando o “jeito comédia”. Por outro lado, alguns jovens afirmam que, caso seja necessário, recorre-se até mesmo a uma queixa formal para punir os eventuais agressores.

Os jovens organizados a partir do *hip-hop* e seu sentido de transformação social, como mencionado em seus discursos de “revolução”, buscam através do *rap* e de outras práticas sociais ligadas ao lazer, lidar com os dilemas existenciais a sua volta. Dessa forma, os jovens que compartilham de uma mesma configuração geracional a partir do estilo *hip-hop* lidam com seus medos e desejos, em que o amor é a utopia fugaz voltada para o futuro e vivida no presente. A pobreza e o racismo, materializados num espaço urbano desprovido de equipamentos públicos, criam um meio ambiente que leva os grupos de *rap* a assumirem a missão de uma entidade coletiva capaz de se organizar na ausência de um Estado e promover atividades sociais que os jovens julgam necessárias para cultivarem

uma autoestima positiva na periferia onde vivem na busca por reconhecimento social que eventualmente se constitui de maneira insurgente.



## 11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABMA, Ruud. Working-class heroes: A review of the youth subculture theory of the centre for contemporary culture studies. In: MEEUS, Wim et al. *Adolescence, careers and cultures*. New York, 1992, p. 99-111.

ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis: Punks e darks, no espetáculo urbano*. São Paulo: Página Aberta, 1994.

ABRAMOVAY, Miriam et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

\_\_\_\_\_. *Escola de paz*. coord. Brasília, Unesco e Governo do Estado do Rio de Janeiro/Secretaria de Estado de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. (coord.) *Abrindo espaços Bahia: avaliação do programa*. Brasília: Unesco, Observatório de Violência nas Escolas, Universidade Católica de Brasília, UNIRIO. 2003.

\_\_\_\_\_; RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília: Unesco, 2002.

ALTHUSSER, L. P. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

AMMANN, Safira. *Participação social*. São Paulo: Cortez, 1978.

AMORIM, Lara Santos. *Cenas de Uma Revolta Urbana, Movimento hip-hop na periferia de Brasília*. Brasília, Dissertação de Mestrado pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 1997.

ARNOT, Madeleine. *Reproducing Gender?: Essays on educational theory and feminist politics*, London: Ed. Routledge, 2002.

BARREIRA, César (coord.) *Ligado na galera: Juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza*. Brasília: Unesco. 1999.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. *Sindicato das trabalhadoras domésticas no Brasil*:

Teorias da descolonização e saberes subalternos. Tese (Doutorado em Sociologia). Curso de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, 2007.

BHABHA, Homi. O Local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. O habitus e o espaço dos estilos de vida. In: \_\_\_\_\_. A Distinção. Crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. PASSERON, J-C. O tempo e o espaço no mundo estudantil. In: BRITO, S. (Org.). Sociologia da juventude, IV. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 61-86.

BRAKE, M. Comparative youth culture: The sociology of youth culture and youth subcultures in America Britain and Canada. London: Routledge & Kegan Paul, 1985.

CAIAFA, Janice. Movimento punk na cidade: A invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

CARPINTERO, A. C Cabral. Brasília: Prática e Teoria Urbanística no Brasil- 1956-1959, Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1998.

CARVALHO, José. The multiplicity of black identities in brazilian popular music. Série Antropológica. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1994.

\_\_\_\_\_. Images of the black man in Brazilian popular culture. Série Antropológica. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1996.

CASTELLS, Manuel. La cuestión urbana. Madrid: Siglo XXI, 1979.

CASTRO, João Paulo. Unesco - Educando os jovens cidadãos e capturando redes de interesses: Uma pedagogia da democracia no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

CLARKE, J. HALL, S, JEFERSON (Org.) Resistance through ritual: Youth subcultures in post-war Britain (p. 9-74). London: Hutchinson, 1976.

CLARKE, John. Style. In: HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (Orgs.). Resistance through rituals: Youth subcultures in post-war Britain. London: Hutchinson; University of Birmingham: The Center of Contemporary Cultural Studies, 1975, p. 175-191.

DAYRELL, Juarez. A música entra em cena: o *rap* e o *funk* na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DIEESE. PED (Pesquisa de Emprego e Desemprego), 2000.

DOMINGUES, M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 67-89, maio de 2002.

DUBOIS, W.E.B. The souls of black folk. New York: Penguin Books, 1996.

DUSSEL, Enrique. Twenty Theses on Politics. Latin America in Translation, 2008.

EISENSTADT, S. N. From generation to generation: Age groups and social structure. London: Routledge & K Paul, 1956, 357 p.

\_\_\_\_\_. Grupos informais e organizações juvenis nas sociedades modernas. In: BRITO, S. (Org.). Sociologia da juventude, I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 37-68.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

- FERGUSON, Ann. *Bad boys. Public schools in the making of Black masculinity*. University of Michigan Press, 2007.
- FLITNER, A. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude. In: BRITO, S. (Org.) *Sociologia da juventude*, I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 37-68.
- FERNANDES, F. *Ensaio de Sociologia geral*. São Paulo: Ed. Livraria Pioneira, 1960.
- \_\_\_\_\_. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus Editora, 1967.
- FORACCHI, M. *Juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Karl Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.
- FORMAN, Murray. *The hood comes first: Race, space, and place in rap and hip-hop*. Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2002.
- FREITAG, Bárbara. *A Cidade dos Homens*. Rio de Janeiro. Ed. Tempo Brasileiro. 2002.
- GILROY, Paul. *O atlântico negro. Modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: UCA, São Paulo, Editora 34, 2001.
- GOFFMAN, Erving. *Representação do eu na vida cotidiana*. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Estigma - Notas sobre a Manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro; Guanabara, 1998.
- GROSGUEN, Ramón. The Implications of Subaltern Epistemologies for Global Capitalism: Transmodernity, Border Thinking and Global Coloniality. In WILLIAN,

I. Robinson; RICHARD, Applebaum (eds.). *Critical Globalization Studies*. London: Routledge, 2005.

---

. Decolonizing political-economy and post-colonial studies: Transmodernity, border thinking, and global coloniality. In SALDIVAR, Jose; MALDONADO, Torres (Org.). *Unsettling post-coloniality: Coloniality, transmodernity and border thinking*. N. Carolina: Duke University Press, 2007.

HABERMAS, J. O comportamento político dos estudantes comparado ao da população em geral. In: BRITO, S. (Org.). *Sociologia da juventude, II*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p.115-133.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, S. *Adolescence: Its Psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*. 2 vols. New York: Appleton, 1904.

HEBDIGE, Dick. *Subculture: The meaning of Style*. London: Methuen & CO LTD, 1979.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOLSTON, James. *Cidade Modernista: Uma Crítica de Brasília e sua Utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

HOLANDA, Sergio Buarque de, *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1976.

IANNI, O. O jovem radical. In: BRITO, S. (Org.). *Sociologia da juventude, I*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 225-242.

JOAS, Hans. *Interacionismo Simbólico*. In GIDDENS, Anthony e TUNER, Jonathan. *Teoria social hoje*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

KETTLER, David, MEJA, Volker e STEHR, Nico , *Karl Mannheim*, London, Ed.Tavistock. Stehr, 1984.

KOVARICK, L.; CARVALHOSA, M. e GRAEFF, E. **Os Cidadãos da Marginal**, Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1973.

LARAIA, Roque de Barros, *Candangos e Pioneiros*, Série Antropológica, Departamento de Antropologia UnB, 1996.

LEVINSON, Bradley A.; FOLEY, Douglas E. *The cultural production of the educated person: Critical Ethnographies of Schooling and Local Practice*. Holland, Ed. Suny Press, 1996.

MACHADO, Maria Salete Kern, SOUSA, Nair Heloisa Bicalho. *Ceilândia: o mapa da cidadania*. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, Ministério da Justiça, 1998.

MADEIRA, Angélica. *Popular Music: Resistance or Irreverence?* In PRATT Ray, *Rhythm and Resistance: Explorations in the Political Uses of popular Music*. New York: Praeger, 1990.

\_\_\_\_\_ *Rhythm and Irreverence: notes about the rock music movement* in Brasília. *Popular Music and Society* Volume 15, No 4, Winter, 1991.

\_\_\_\_\_ *Música e Sociabilidade: Brasília, Brasil*. Brasília, 1995.

\_\_\_\_\_ *Formas de Sociabilidade e a Cultura de Festa: Juventude Brasiliense dos Anos 90*. In *Seminário Interamericano de Música Popular*, Santiago – Chile, 1997.

- MANNHEIM, K. El problema de las generaciones [tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera]. REIS – Revista española de investigaciones sociológicas. n. 62, 1952, p. 123-132, abr/jun, 1993.
- \_\_\_\_\_. O problema das gerações [tradução: Maria da Graça Barbedo]. In: Sociologia do Conhecimento – II volume: Editora RES, 2000.
- \_\_\_\_\_. O problema das gerações [tradução: Maria da Graça Barbedo]. In: Sociologia do Conhecimento – I volume: Editora RES, 1986.
- \_\_\_\_\_. Sociologia da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- \_\_\_\_\_. O problema da juventude na sociedade moderna. In: \_\_\_\_\_. Diagnóstico de nosso tempo. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1961.
- \_\_\_\_\_. The problem of Generations. In: \_\_\_\_\_. Essay of sociology of knowledge [introdução e organização: Paul Kecskemeti]. London: Routledge & Kegan Paul, 1952, p. 276-322.
- McMILLEN, Neil. Dark Journey: Black Misissippians in the age of Jim Crow. Illinois Books, 1990.
- McROBBIE, Ângela. Feminism and Youth Culture: From 'Jackie' to 'Just Seventeen'. London, MacMillan Publishing Company, 1991.
- MARTINS, C. B. C. Notas sobre a Noção da Prática em Pierre Bourdieu. Novos Estudos. CEBRAP, São Paulo, v. 62, p. 163-181, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de S. et. al. Fala Galera: Juventude, Violência e Cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- MIGNOLO, Walter. Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

- MONTAÑO, Jorge. *Los Pobres de la Ciudad en Los Asentamientos Urbanos Espontáneos México*. Ed. Siglo xxi Editore, 1983.
- MUMFORD, Lewis: *The City in History. Its Origins, its Transformations and its Prospects*. Middlesex: Penguin. 1961.
- MURDOCK, G., & McCron, R. Consciousness of class and consciousness of generation. In Stuart Hall & Jeffereson (Org.). *Resistance throught rituals: youth subcultures in Post war Britain*. London: Hutchinson, 1976, p. 192-207.
- NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e sociedade. Trabalho, educação e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- NUNES, Brasilmar. Consumo e identidade no meio juvenil: considerações a partir de uma área popular do Distrito Federal. In *Sociedade e Estado*, Brasília: v. 22, n. 3, p. 647-678, set./dez., 2007.
- \_\_\_\_\_. Brasília: Fantasia Corporificada, Brasília, Editora Paralelo 15, 2004.
- \_\_\_\_\_ (org.). Brasília: A Construção do cotidiano. Brasília: Ed. Paralelo 15, 1997.
- \_\_\_\_\_. A permanente atualidade da sociologia urbana. In *Revista Sociedade Estado*, Vol. XIII, nº1, SOL/UnB. 2008.
- \_\_\_\_\_. Brasília: problematizando a cultura de uma cidade-Estado. In *Caderno CRH*, nº 38, Dossiê Cidades, Salvador, CRH, 2003.
- \_\_\_\_\_. Brasília: Controvérsias Ambientais. Coleção Brasília. Brasília: Editora UnB, 2003.
- \_\_\_\_\_ (org.). Brasília: A Construção do cotidiano. Brasília: Ed. Paralelo 15, 1997.
- PAIS, José. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Lisboa: Âmbar, 2005.

PARK, Robert. *The City*. Chicago, University Press, 1980.

PARSONS, Talcott. *Essays in sociological theory*. New York: Free Press, 1964.

PAVIANI, Aldo (org.). *Urbanização e Metropolização*. Brasília: Ed.UnB, 1996.

\_\_\_\_\_. *Brasília: A Gestão Urbana: Conflitos e Cidadania*, Ed. Universidade de Brasília/ Codeplan , 1997.

PÉCAUT, D. *Os Intelectuais e a Política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

*Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio (PDAD)*. Brasília. Governo do Distrito Federal, 2004.

PORTES, Alejandro, and BROWNING, Harley L. (eds.) *Current Perspectives in Latin American Urban Research*. Austin: University of Texas, Institute of Latin American Studies. 1976.

POUGH, Gwendolyn. *Check It While I wreck It*. Lebanon NH, University Press of New England, 2004.

QUIJANO, Aníbal. *Coloniality of power, ethnocentrism and Latin America*. In NEPANTLA. Vol. 1, nº 3, 2000. p. 533-580.

ROS, C. *Notas para uma leitura actualizada de «Ideologia y utopía»*. REIS – Revista española de investigaciones sociológicas. nº 62, p. 123-132, abr/jun. 1993.

SALLAS, Ana Luisa F. et al. *Os jovens de Curitiba: Esperanças e desencantos*. Brasília: Unesco. 1999.

SANSONE, Lívio. *Negritude sem etnicidade. O local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Salvador/Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, Milton. *Ensaio Sobre a Urbanização Latino Americana*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1982.

SHAW, Clifford. *The Jack-roller*. Chicago, Illinois. Ed. University of Chicago Press, 1966.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. *A construção de Brasília: Modernidade e Periferia*. Goiânia: Ed. UFG, 1997.

SIMMEL, Georg. *A Metrópole e a Vida Mental*. In: VELHO, Otávio (org.) *O Fenômeno Urbano*. Ed. Zahar, 1973.

SOUSA, Nair Bicalho de. *Construtores de Brasília; Estudo de Operários e Sua participação Política*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1983.

SPOSITO, Marília Pontes. *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*. *Tempo Social - Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 5 (1-2): 161-178, 1994.

\_\_\_\_\_. *Estado do conhecimento da juventude*. Brasília: INEP, 2000.

TAVARES, Breitner. *Gangsterismo jovem: observação participante e a Escola de Chicago*. In *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 3, p. 781-791, set./dez. 2006.

TOOP, David. *The rap attack*. Boston: South End Press, U.S. 1992.

- THRASHER, Frederick. *The Gang: A Study of Gangs in Chicago*, Chicago, University of Chicago Press, 1927.
- VASCONCELOS, José Adirson de. *As Cidades Satélites de Brasília*. Brasília. Ed. Senado Federal. 1988.
- VIANNA, Hermano. *Mundo Funk Carioca*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1988.
- VANDENBERGHE, Frédéric. *As sociologias de Georg Simmel*. São Paulo: EDUSC. Belém: Editora UFPA, 2005.
- WASELFISZ, Júlio J. (coord.) *Juventude, violência e cidadania: Os jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez, 1998a.
- \_\_\_\_\_. *Mapa da violência contra os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 1998b.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade* v. II. Brasília: Editora Universidade de Brasília. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosade. *Wirtschaft und Gesellschaft*. Tübingen J.C.B. Mohr (Paul Siebeck). V.II. 1956 [1999].
- \_\_\_\_\_. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- WELLER, Wivian. *O Hip-hop nas cidades de São Paulo e Berlim: orientações coletivas e estratégias de superação do racismo de jovens negros e jovens de origem turca*. In: *Anais do XXVI encontro anual da ANPOCS*. Caxambu, 22 a 26 de outubro de 2002.
- \_\_\_\_\_. *Educação Intercultural e a dificuldade de sua prática: Um estudo sobre a imagem do migrante e sua família em livros didáticos alemães*. *Educação e Sociedade*. Revista quadrimestral de Ciência da Educação. Campinas: Papius, 1995, ano XVI, n. 52, p. 432-445.
- \_\_\_\_\_. *A construção de identidades através do hip-hop: uma análise comparativa entre rappers negros em São Paulo e rappers turco-alemães em Berlim*. In: *Caderno CRH*, nº 32 (Dossiê: Identidades, Alteridades, Latinidades). jan./jun. 2002, p. 213-232.

- \_\_\_\_\_. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: A arte de se tornar invisível. in *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(1), 2005<sup>a</sup>, p. 107-126.
- \_\_\_\_\_. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim: perspectivas para a análise das relações entre educação e trabalho. In: *ANPOCS*, XXIX 2005b, Caxambu-MG. GT Educação e Sociedade: Educação, Identidades, Hierarquias. Caxambu-MG. P. 1-16. CD-ROM.
- \_\_\_\_\_. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. In *Sociologias*. Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun. 2005c, p. 260-300.
- \_\_\_\_\_. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. In *Educação e pesquisa*. Revista da Faculdade de Educação. São Paulo: USP, 2006, p. 241-260.
- \_\_\_\_\_. *Minha voz é tudo o que tenho. Práxis estética e experiências discriminatórias de jovens negros em São Paulo e de Jovens turcos em Berlim*. No prelo, Editora UFMG, 2009.
- WHITTY, Geoff. *Sociology and School Knowledge: Curriculum Theory, Research and Politics*. London: Routledge, 1985.
- WILLIS, P. *Cultura viva. Una recerca sobre les activitats culturals dels joves*, Barcelona: Diputació de Barcelona (original en inglês *Moving Culture: An inquiry into the cultural activities of young people*, Londres: Gulbenkian Foundation), 1998 [1990]. *Estudios de Juventud*. nº 64/04.
- WILLIS, Paul. *Learning to labor: How working class kids get working class jobs*. New York: Columbia Univ. Press, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1991.
- WIRTH, L. *The Ghetto*. Chicago: University of Chicago, 1928.
- \_\_\_\_\_. *O urbanismo como modo de vida*. In *Velho, O. O fenômeno urbano*, 1976.

YNCERA, Ignacio Sánchez de la. Crisis y orientación. Apuntes sobre el pensamiento de Karl Mannheim. REIS, n. 62, p. 17-43, abr/jun. 1993.

\_\_\_\_\_. La sociología ante el problema generacional, 1993. Anotaciones al trabajo de Karl Mannheim. REIS, n. 62, p. 147-192, abr/jun. 1993.

\_\_\_\_\_. La obra de Karl Mannheim. Una compilación actualizada de sus escritos más relevantes. REIS, n. 62, p. 245-253, abr/jun. 1

## Filmografía

AHEARN, Charlie. *Wild style*, New York, 1983.

CARVALHO, Wladimir, **Conterrâneos de Velhos de Guerra**, 1991.

QUEIROZ, Adirley. *Rap o canto da Ceilândia*. Melhor documentário no Festival de Cinema de Brasília, 15min, 2005.

## Discografia

Sub Raça – Câmbio Negro. Brasília, 1994.

Letras: “Sub Raça” e “Quinze minutos de Sabedoria”

## 12 APÊNDICES

### Apêndice I

Modelo do tópico-guia utilizado para a realização das discussões de grupo no Distrito Federal<sup>67</sup>

BLOCO TEMÁTICO	PERGUNTA	OBJETIVO
Pergunta inicial (para todos os grupos)	<i>Vocês poderiam falar um pouco sobre o seu grupo? Como foi que vocês resolveram criar um grupo de rap?</i>	Promover um debate interativo. Conhecer o processo de formação do grupo e identificar a sua importância como elemento de formação de uma identidade coletiva.
<i>Hip-hop</i>	<i>O que significa o hip-hop para vocês?</i>	Verificar a importância do <i>hip-hop</i> no contexto em que vivem e sua importância no enfrentamento de situações de exclusão e discriminação.
Cidade: situação de moradia e sociabilidade	<i>Vocês moram no setor...? Poderiam falar um pouco sobre como é o dia-a-dia no setor?</i>	Conhecer aspectos do cotidiano dos jovens e identificar possíveis problemas relacionados à segregação socioespacial (Distrito Federal).
Relação com os pais	<i>Vocês moram com seus pais? Como é a relação de vocês com seus pais?</i>	Conhecer o contexto familiar e verificar como se constituem as relações intergeracionais.
Relações entre gerações	<i>Vocês poderiam falar um pouco sobre os seus/suas irmãos/irmãs? Como é a relação de vocês?</i>  <i>Como é a relação de vocês com as pessoas mais velhas (vizinhos, parentes, etc.)?</i>	Conhecer o contexto familiar e de vizinhança e verificar como se constituem as relações entre as gerações mais novas e as mais velhas.
Relações com jovens do sexo oposto	<i>Vocês poderiam falar um pouco sobre as vossas namoradas/esposas? Como é a relação de vocês?</i>	Verificar como se constituem as relações entre os jovens de ambos os sexos e que tipo de representações são construídas em relação ao masculino e ao feminino no âmbito do movimento <i>hip-hop</i> .

<sup>67</sup> Tópico-gua cedido por Wivian Weller (2006), com alterações do autor.

Família	<i>Vocês pensam em casar e constituir família? O que vocês pensam sobre isso?</i>	Conhecer suas projeções futuras em relação à família.
Filhos	<i>Vocês pretendem ter filhos? Como vocês gostariam de educar os vossos filhos?</i>	Conhecer suas projeções futuras em relação à educação dos filhos.
Escola	<i>Como foi a experiência de vocês com a escola? Pretendem continuar ou retomar os estudos? São favoráveis às cotas raciais?</i>	Reconstruir a trajetória escolar e identificar os problemas vividos nessa fase.
Primeiro emprego	<i>Vocês poderiam contar como foi o primeiro emprego de vocês? Estão desempregados?</i>	Identificar o momento do ingresso no mundo do trabalho e verificar as dificuldades encontradas.
Polícia/violência	<i>Vocês já tiveram algum problema com a polícia? Poderiam falar sobre alguma experiência que vocês já tiveram?</i>	Analisar as situações vividas no confronto com a polícia.
Discriminação/racismo	<i>Vocês já tiveram alguma experiência de discriminação? Poderiam citar um caso?  Como vocês veem o racismo?  O que vocês acham de cotas para negros nas universidades?</i>	Analisar as experiências de discriminação/racismo e identificar as estratégias de enfrentamento dessas situações.
Experiências migratórias	<i>Na vossa família existem pessoas que vieram do Nordeste para Brasília? Como foi a experiência deles quando vieram para cá?  Vocês têm contato com parentes que moram no Nordeste?</i>	Analisar as experiências relacionadas à migração e à perda de vínculos de parentesco.
Outros	<i>Não tenho mais perguntas. Vocês gostariam de falar ainda sobre algum assunto que a gente não conversou ainda?</i>	Incentivar a discussão sobre outros temas relevantes para o grupo.

## Apêndice II

Modelo do questionário preenchido pelos jovens após a realização do grupo de discussão<sup>68</sup>

CARO JOVEM,

ESTAMOS DESENVOLVENDO UMA PESQUISA SOBRE O MOVIMENTO *HIP-HOP* E GOSTARÍAMOS QUE AS PERGUNTAS ABAIXO FOSSEM RESPONDIDAS. TODAS AS INFORMAÇÕES SERÃO TRATADAS COM RIGOR E SIGILO. NOMES E LOCAL DE RESIDÊNCIA NÃO SERÃO DIVULGADOS.

Nome da banda ou grupo:

.....

Seu nome artístico:

.....

Idade: ..... Sexo: masculino ( ) feminino ( )

Estado civil: solteiro/a ( ) casado/a ( ) separado/a ( ) outros .....

Tem filhos? sim ( ) não ( ) número de filhos:

.....

Tem irmãos/ãs? sim ( ) não ( ) número de irmãos/ãs:

.....

Religião:

.....

Raça/cor: Negra ( ), Parda ( ), Indígena ( ), Branca ( ), outra ( )

Especifique \_\_\_\_\_

Cidade em que nasceu: ..... Estado: .....

Cidade em que vive atualmente: .....

Há quanto tempo vive nessa cidade ou região? .....

Cidade de nascimento da mãe: ..... Estado: .....

Cidade de nascimento do pai: ..... Estado: .....

\_\_\_\_\_

<sup>68</sup> Questionário cedido por Wivian Weller (2006), com modificações.

## Moradia

Como mora? Com os pais ( ) com o companheiro/a ( ) com parentes ( )

Outros: .....

## Escolaridade:

Primeiro Grau/Ensino Fundamental: completo ( ) incompleto ( )

Segundo Grau/Ensino Médio: completo ( ) incompleto ( )

Curso Profissionalizante: completo ( ) incompleto ( )

Curso Superior: completo ( ) incompleto ( )

Encontra-se no momento na escola ( ) fora da escola ( )

Têm algum curso profissionalizante? sim ( ) não ( )

Que curso profissionalizante frequentou?

.....

Em que escola ou instituição realizou o curso?

.....

## Situação atual:

Empregado ( ) desempregado ( )

Caso esteja trabalhando, qual a profissão/atividade que está exercendo?

Que profissão você pretende ou gostaria de exercer no futuro?

## Escolaridade da mãe:

Primeiro Grau/Ensino Fundamental: completo ( ) incompleto ( )

Segundo Grau/Ensino Médio: completo ( ) incompleto ( )

Ensino superior: completo ( ) incompleto ( )

Profissão da mãe:

.....

## Escolaridade do pai:

Primeiro Grau/Ensino Fundamental: completo ( ) incompleto ( )

Segundo Grau/Ensino Médio: completo ( ) incompleto ( )

Ensino superior: completo ( ) incompleto ( )

Profissão do pai:

.....

Escolaridade do companheiro/a (*somente se vivem juntos*)

Primeiro Grau/Ensino Fundamental:            completo ( )            incompleto ( )

Segundo Grau/Ensino Médio:                    completo ( )            incompleto ( )

Ensino superior:                                    completo ( )            incompleto ( )

Profissão do companheiro/a:

.....

Dados complementares

Lazer preferido:

.....

Você faz parte de algum grupo ou associação?    sim ( )            não ( )

Se sim, quais são as principais atividades realizadas pelo grupo do qual participa?

.....

Há quanto tempo você está nesse grupo?

.....

Quantas vezes na semana costumam se encontrar?

.....

Onde costumam se encontrar?

.....

Onde conheceu esse grupo?

na vizinhança ( )    na escola ( )    no centro comunitário ( )

no trabalho ( ) outros .....

Como você conheceu esse grupo?

.....

Esse grupo é importante para você?            sim ( )            não ( )

Você faz parte de algum outro grupo?            sim ( )            não ( )

Qual?

Existem outros grupos importantes para você?    sim ( )            não ( )

*Muito obrigado!*

## Apêndice III

### Códigos de transcrição<sup>69</sup>

Y: Abreviação para entrevistador (quando realizada por mais de um entrevistador, utiliza-se Y1 e Y2).

Am/Bf: Abreviação para entrevistado/entrevistada. Utiliza-se “m” para entrevistados do sexo masculino e “f” para pessoas do sexo feminino. Numa discussão de grupo com duas mulheres e dois homens, por exemplo, utiliza-se: Af, Bf, Cm, Dm e dá-se um nome fictício ao grupo. Essa codificação será mantida em todos os levantamentos subsequentes com as mesmas pessoas. Na realização de uma entrevista narrativo-biográfica com um integrante do grupo entrevistado anteriormente, costuma-se utilizar um nome fictício que inicie com a letra que a pessoa recebeu na codificação anterior (por ex.: Cm, Carlos).

?m ou ?f: Utiliza-se quando não houve possibilidade de identificar a pessoa que falou (acontece algumas vezes em discussões de grupo quando muitas pessoas falam ao mesmo tempo).

(.) Pausa inferior a um segundo.

(2) O número entre parênteses expressa o tempo de duração de uma pausa (em segundos).

┌ Utilizado para marcar colocações iniciadas antes da conclusão da fala de outra pessoa ou que iniciaram em seguida.

; Leve diminuição da entonação da voz.

. Forte diminuição da entonação da voz.

, Leve aumento da entonação da voz.

? Forte aumento da entonação da voz.

exem- Palavra foi pronunciada pela metade.

---

<sup>69</sup> Sistema de transcrição criado por Ralf Bohnsack (WELLER, 2006).

exemplo Pronúncia da palavra foi estendida (a quantidade de :: equivale ao tempo da pronúncia).

assim=assim Palavras pronunciadas de forma emendada.

exemplo Palavra pronunciada enfaticamente.

°exemplo° Palavras ou frases pronunciadas em voz baixa.

exemplo Palavras ou frases pronunciadas em voz alta.

(exemplo) Palavras cuja compreensão não está totalmente clara são colocadas entre parênteses.

( ) Parênteses vazios expressam a omissão de uma palavra ou frase que não foi compreendida (o tamanho do espaço vazio entre parênteses varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase).

@exemplo@ Palavras ou frases pronunciadas entre risos.

@(2)@ Número entre sinais de arroba expressam a duração dos risos.

((bocejo)) Expressões não-verbais ou comentários sobre acontecimentos externos, por exemplo: ((pessoa acende cigarro)), ((pessoa entra na sala e a entrevista é brevemente interrompida)).

//hm// Utilizado apenas na transcrição de entrevistas narrativo-biográficas para indicar sinais de feedback (“ah”, “oh”, “mhm”) ou risos do entrevistador (//(2)@//). Na transcrição das entrevistas de grupo esses sinais são destacados numa linha nova.

## Apêndice IV

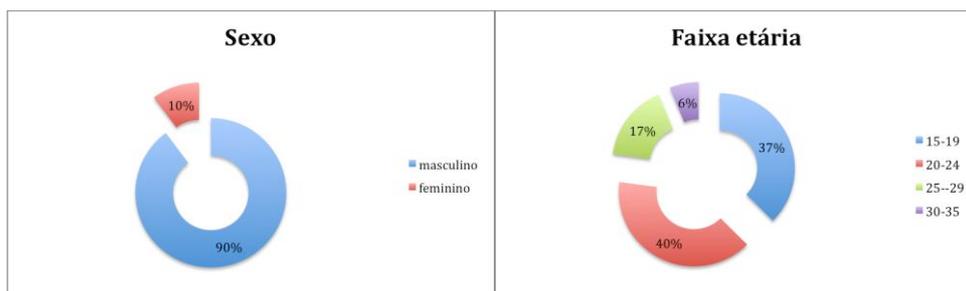


Gráfico- 1: Sexo

Gráfico 2: Faixa etária

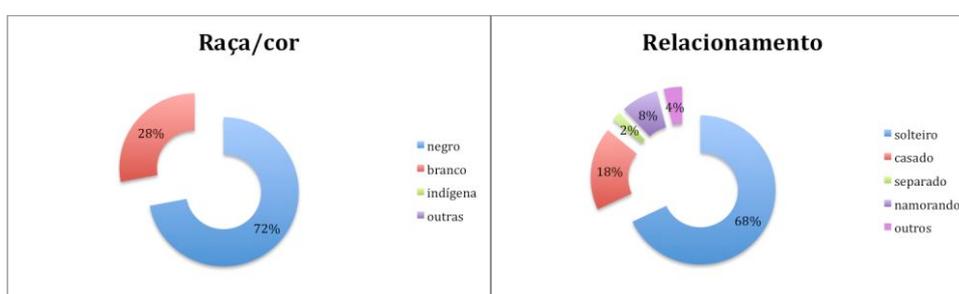


Gráfico 3: Raça\Cor

Gráfico 4: Relacionamento

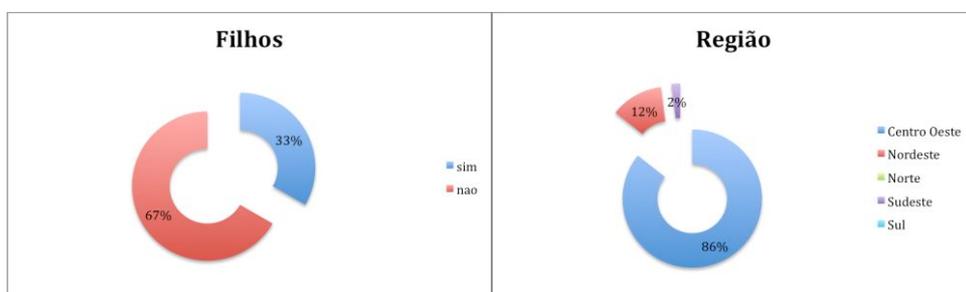


Gráfico 5: Filhos

Gráfico 6: Região de nascimento.

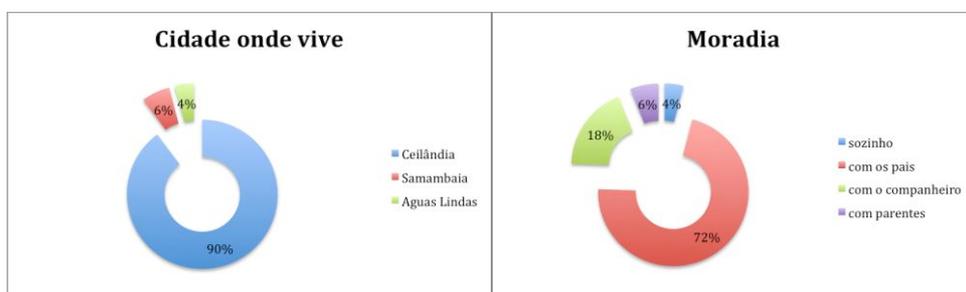


Gráfico 7: Cidade onde vive.

Gráfico 8: Moradia.

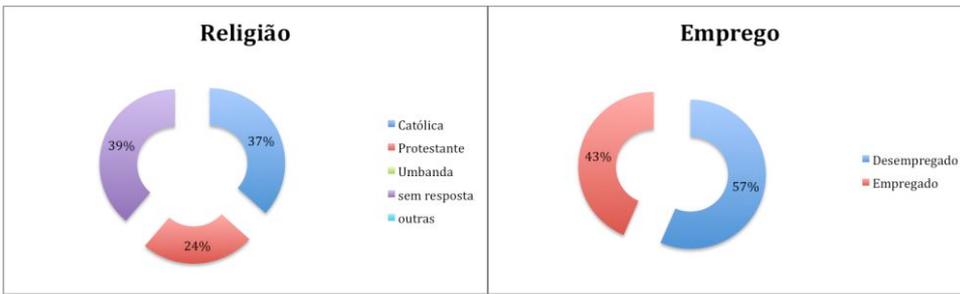


Gráfico 9: Religião.

Gráfico 10: Emprego.

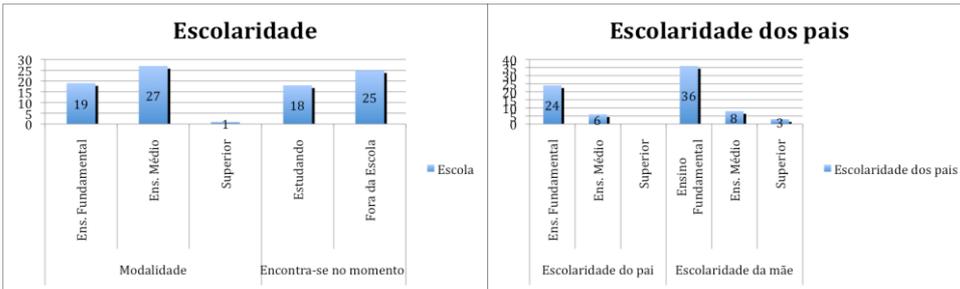


Gráfico 11: Religião.

Gráfico 12: Escolaridade dos pais.

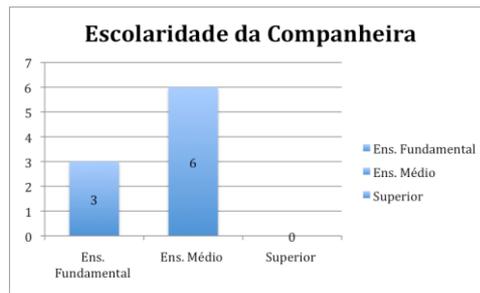


Gráfico 13: Escolaridade da companheira.